

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM  
KAREN MURAKAMI YANO**

**O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DA  
CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RISCO**

**SÃO PAULO  
2009**

**KAREN MURAKAMI YANO**

**O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DA  
CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RISCO**

Dissertação apresentada à Escola  
de Enfermagem da Universidade de  
São Paulo para obtenção do título  
de Mestre em Enfermagem

Área de Concentração:  
Enfermagem Pediátrica

Orientadora:  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Moneda Oliveira Ribeiro

**SÃO PAULO  
2009**

---

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ASSINATURA \_\_\_\_\_

DATA \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Catálogo na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”**  
**Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**

Yano, Karen Murakami.

O desenvolvimento da sexualidade da criança em situação de risco. / Karen Murakami Yano. – São Paulo, 2009.

p. 147.

Dissertação (Mestrado) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Moneda Oliveira Ribeiro.

1. Saúde da criança 2. Sexualidade 3. Desenvolvimento Infantil 4. Violência contra o menor 5. Vulnerabilidade. I. Título.

NOME: KAREN MURAKAMI YANO

TÍTULO: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE DA CRIANÇA EM  
SITUAÇÃO DE RISCO

Dissertação apresentada à escola  
de Enfermagem da Universidade de  
São Paulo para obtenção do título  
de Mestre em Enfermagem

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

Profº. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profº. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profº. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Profº. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

À **Anderson Junichi Yano**, meu amado, inteligente e companheiro marido que proporcionou meios para que eu realizasse este sonho.

À **Leonardo e Melissa**. Partes dos meus melhores e mais doces projetos de vida.

À meus **filhos de penas** ou de **focinhos** que SEMPRE tinham forças para me fazer sorrir, brincar e me sentir feliz a qualquer instante, em qualquer lugar, em exageradas doses.

Minha irmã **Tiby e Bee** por me apoiar em momentos tão difíceis. Vocês me acolheram quando me encontrei sozinha e não tinha a quem recorrer.

Ao Sr. **Mário Fussa Murakami**, um pai que virou meu anjo da guarda.

À Sra. **Eliza Yoshihiro Murakami**, uma mãe que virou melhor amiga.

À meus avós maternos, **Shogo Yoshihiro**, um pai-avô presente e carinhoso e **Aiko Yoshihiro**, uma mãe-avó de colo quente e abraço afetuoso.

À meu irmão, **Diogo Seiji Tsuji**, que está começando a descobrir os primeiros sabores da vida acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço por este trabalho àquelas pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Pessoas que me incentivaram de diferentes maneiras.*

*À minha orientadora **Moneda Oliveira Ribeiro** pela confiança depositada, compreensão, apoio, conhecimento passado e, principalmente, pela amizade durante esses meses.*

*Às Professora **Magda Andrade Rezende e Eda Marconi Custódio** pelas sugestões no exame de qualificação.*

*À **Tia Conceição Aparecida Cruz** pelo apoio e por ser um exemplo de profissional que gostaria de ser.*

*À professora **Rita de Cássia Burgos**, por me fazer sentir alguém muito especial.*

*À equipe da **Secretaria de Pós-Graduação** pelo suporte oferecido durante todo o mestrado.*

*À **Lívia, Marcelo e Betânia**, funcionários da Secretaria do Departamento Materno Infantil e Psiquiátrico, pela paciência e atenção comigo.*

*Às crianças, pais e funcionários do **Centro Comunitário da Criança e do Adolescente** pelo caloroso acolhimento.*

*À Enf<sup>a</sup> Mestre **Simone Isidoro Prado**, uma dedicada mãe, amiga, mulher, profissional e estudante. Uma irmã*

---

*que a vida acadêmica me proporcionou.*

*À **Dauana, Denoam e Maria Clara** pela paciência.*

*Às **alunas de graduação da EEUSP**, que torceram, apoiaram e me incentivaram durante esta jornada.*

*À **equipe e família CCP Veleiros**: alunas, professores funcionários por todo o apoio e incentivo.*

*A equipe da Biblioteca "**Wanda de Aguiar Horta**" da **Escola de Enfermagem da USP** pela atenção, pelas revisões, pelas dicas e pelo carinho.*

*Muito obrigada!*

## AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

*A quem me ofereceu forças para falar, sem ter medo, quando não sabia como poderia dizer. Em palavras encontrei inspiração para escrever.*

*Àquele que um dia teve sua sexualidade de alguma forma corrompida...*



*“O ato de entender é vida”*

*(Aristóteles. Filósofo Grego, 384-322 a.C.; Metafísica, XII,7)*

---

Yano KM. O desenvolvimento da sexualidade da criança em situação de risco [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2009.

## RESUMO

Este estudo objetivou retratar e analisar a visão da criança em relação a sua sexualidade: concepções formadas, experiências, sentimentos gerados e efeitos sobre seu desenvolvimento. Trata-se de um estudo apoiado no método qualitativo descritivo-exploratório. Os dados coletados foram organizados segundo o referencial metodológico da Análise Temática do discurso. Participaram do estudo, crianças de seis a doze anos, integrantes de uma instituição não governamental que desenvolve atividades sócio-educativas. Foram entrevistadas, aos pares, 42 crianças. Utilizaram-se perguntas abertas e técnicas facilitadoras de comunicação: Técnicas de Normalização, Narrativa Autogênica e Brinquedo Terapêutico. A sistematização dos dados gerou as categorias empíricas: “os meios de conhecimento”, “as concepções de sexualidade”, “o tempo e a sexualidade” e “a violência e a sexualidade”.

As crianças receberam mais informações sexuais do que uma educação sexual. A falta de orientação e informação, aliados à conhecimentos equivocados e estereotipados, deixavam um vasto campo para que as crianças elaborassem suas próprios julgamentos e respostas ao que elas viam e ouviam ao seu redor. Na opinião destas crianças, os pais eram mais repreensivos e não forneciam todas as informações que elas necessitariam. Desta forma elas buscavam outros meios para aprender sobre a sexualidade. Assim a televisão e os pares eram os meios mais procurados para informar-se.

Fadadas a buscarem informações por conta própria, não eram capazes de construir e compreender de forma segura o significado de sexualidade. Para que uma criança cresça saudável é necessário garantir-lhes condições de vida satisfatória, inclusive no que se refere a sua sexualidade. Desconhecendo seus direitos acerca de sua sexualidade, as crianças ficavam vulneráveis e a violência permeava, com facilidade, o cotidiano e a vida destas crianças.

O resultado desta pesquisa permite a elaboração de planejamentos terapêuticos que respondam às necessidades desta população, além de servir como base para elaboração de outros estudos que tangem o mesmo tema.

A identificação de características acerca das concepções de sexualidade e das possíveis violências de natureza sexual sofridas pelas crianças, permite um preparo mais adequado dos profissionais da saúde no planejamento de intervenções destinadas a prevenir e controlar o processo de violência sexual. Estas informações também podem servir de base para incentivar mudanças na política de saúde e aumentar a participação da enfermagem em pesquisas referentes ao tema da sexualidade e da violência sexual contra crianças.

**PALAVRAS-CHAVES:** Criança. Sexualidade. Desenvolvimento.

---

Yano KM. The sexuality development in risk situation child [dissertation]. Sao Paulo (SP), Brazil: Nursing College, University of Sao Paulo; 2009.

## **ABSTRACT**

This study aimed to portray and to analyze the child's vision in relation to his/her sexuality (conceptions formed, experiences, generated feelings and effects on his/her development), supported in the descriptive-exploratory qualitative method and the collected data were organized according to the methodological referential of the Thematic Analysis of the speech. They participated in the study, children from six to twelve years old, from a no government institution that it develops partner-educational activities. Forty two children were interviewed, in pairs. Open questions and facilitative techniques of communication were used: Techniques of Normalization, Autogenic Narrative and Therapeutic Toy. The systemization of the data generated the empiric categories: "the knowledge means", "the conceptions of sexuality", "the time and the sexuality" and "the violence and the sexuality".

The children received more sexual information than a sexual education. The orientation and information lacks allies to mistaken knowledge and stereotyped, they left a vast field for the children elaborated their own judgments and answers to that they saw and they heard to his/her circuit. In these children's opinion, the parents were more reprehensible and they didn't supply all of the information that they would need. This way, they looked for other means to learn about the sexuality. Then the television and the other children (friends) were the means more sought to inform.

The children were predestined to look for information independently and they were not capable to build and to understand in a safe way the sexuality meaning. For a child to grow up healthy, it is necessary to guarantee them conditions of satisfactory life, besides in what she refers her sexuality. Ignoring their rights concerning them sexuality, the children were vulnerable and the violence permeated, easily, the daily and these children's life.

The result of this research will allow the elaboration of therapeutic plannings that they answer to the needs of this population, besides serving as base for elaboration of other studies that play the same theme.

The identification of characteristics concerning the sexuality conceptions and the possible violence of sexual nature suffered by the children, it allows a more appropriate preparation of the professionals of the health in the planning of interventions destined to prevent and to control the process of sexual violence. This information can also serve of base to motivate changes in the politics of health and to increase the participation of the nursing in researches regarding the theme of the sexuality and of the sexual violence against children.

**KEY-WORDS:** Child. Sexuality. Development.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1. CONTEXTO HISTÓRICO	1
1.2. A SEXUALIDADE	8
1.3. A VIOLÊNCIA	10
<b>2. OBJETIVO</b>	<b>17</b>
<b>3. FINALIDADE</b>	<b>17</b>
<b>4. MÉTODO</b>	<b>18</b>
4.1. REFERENCIAL METODOLÓGICO	18
4.2. PROCEDIMENTOS ÉTICOS	20
4.3. LOCAL DO ESTUDO	20
4.4. POPULAÇÃO DO ESTUDO	21
4.5. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	23
<b>5. ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>27</b>
<b>6. DISCUSSÃO</b>	<b>29</b>
<b>OS MEIOS DE CONHECIMENTO</b>	<b>30</b>
A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA	30
O MEIO FAMILIAR	40
OS PARES	44
<b>CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE</b>	<b>48</b>
SEXUALIDADE: IDENTIDADE E PAPÉIS	48
HOMOSSEXUALIDADE	59
O ATO SEXUAL	65
<b>O TEMPO E A SEXUALIDADE</b>	<b>75</b>
O DESENVOLVIMENTO BIOPSIKOSSOCIAL	75

---

FICAR, NAMORAR E CASAR	81
<b><u>A VIOLÊNCIA</u></b>	<b>91</b>
OS DIREITOS QUE TEMOS	91
A CONCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL	93
SOLUÇÕES: A NEGAÇÃO OU A PROCURA DE APOIO?	103
A PERSPECTIVA PERANTE EVENTOS NEGATIVOS VIVENCIADOS	105
<b><u>7. CONCLUSÃO</u></b>	<b>109</b>
<b><u>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b>	<b>112</b>
<b><u>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b>	<b>117</b>
<b><u>ANEXOS</u></b>	<b>125</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A conjuntura histórica e atual da sexualidade condicionavam o desenvolvimento sexual da criança. A exposição demasiada do comportamento sexual dos adultos e a privação de informação e orientação à criança tornaram-na vulnerável.

É comum, os adultos serem descuidados em relação a seus comportamentos sexuais, tornando-se acessível às crianças e provocarem um ambiente erotizado. Em consequência, as compreensões são construídas em função das interpretações de experiências impróprias à fase do desenvolvimento dela. As mensagens subliminares vão sendo registradas na mente da criança de forma mal elaborada.

A criança mal informada e pouco supervisionada torna-se mais suscetível a aliciamentos dos adultos. Esse ambiente inseguro infringe o direito da criança de obter desenvolvimento sexual sadio e a expõe a situações de riscos.

O resgate das concepções históricas e conjunturais da sexualidade e da violência ajuda a compreender esse estado de vulnerabilidade da criança à violência sexual.

### 1.1. CONTEXTO HISTÓRICO

A hegemonia do adulto em relação à criança tem antecedentes históricos. Sempre houve casos de violência contra crianças e adolescentes na história da humanidade. As crianças sempre estiveram em situação de desvantagem com relação aos adultos. É comum, por exemplo, os adultos insultarem-nas e não permitir que elas os retruquem ou manifestem sua ira.

A violência contra a criança está também vinculada à concepção histórica e política de “ser criança”. As formas de se conceber a infância são distintas no tempo e espaço. Muito além do critério biológico, que aponta para características anatômicas e fisiológicas específicas da criança, cada contexto político-cultural cria uma maneira particular de concepção de



---

criança. As formas de se relacionar com ela e o papel dela na sociedade resultam de uma complexa rede de valores e regras sociais.

A idéia de infância, no sentido de diferenciação do adulto, é uma construção da modernidade, começando a surgir nos finais do século XVII, nas camadas superiores da sociedade, e se sedimentando no século XVIII. Até o fim do século XVII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la, havia recusa em aceitar a morfologia infantil. As crianças eram retratadas nas pinturas como adultos, mas em menor tamanho (Ariès, 2006).

No mundo, não havia lugar lúdico para as crianças. As necessidades próprias da infância eram ignoradas. Nas embarcações que vinham ao Brasil, muitas crianças a bordo eram vítimas de raptos, abandonos e tráfico infantil. Elas trabalhavam arduamente, eram submetidas a abusos sexuais por marujos rudes e violentos. Sofriam inúmeros maus-tratos. Não tinham prioridades em relação aos adultos. Por exemplo, alojavam-se nos mesmos locais onde eram alojados os marujos doentes. E eram trancadas e vigiadas (Del Piore, 2004).

Entregues a um cotidiano difícil e cheio de provações, perdiam a infância para enfrentar as sodomias adultas. Eram estupradas e dificilmente queixavam-se, pois não havia a quem recorrer. Por isso, os relatos desses fatos são praticamente inexistentes (Del Piore, 2004).

No início do século XVII, a criança participava indiscriminadamente das brincadeiras sexuais dos adultos. Estes permitiam gestos e discursos a respeito do sexo sem constrangimento. As palavras eram ditas sem disfarces e sem sofrer penitência. Tinham com o ilícito demasiada familiaridade. Havia frouxos códigos de grosseria, de obscenidade e decências. Práticas sexuais, sem segredos, e anatomias mostradas às crianças vagavam sem incômodo e sem escândalo entre os “risos dos adultos” (Foucault, 2007).

O casamento de meninas com 13 anos de idade era comum, e a prática familiar de associar crianças nas brincadeiras sexuais dos adultos fazia parte do costume da época. A abordagem sexual, condizente com a

---

idade das crianças, era ignorada. Os adultos eram descuidados com as crianças, permitiam linguagens grosseiras, ações e situações embaraçosas. As crianças ouviam e viam cenários eróticos adultos com frequência (Ariès, 2006).

A literatura moralista e pedagógica do século XVII recomendava a idade dos sete anos como marco para a criança entrar na escola ou começar a trabalhar. As brincadeiras eram toleradas apenas até os três ou quatro anos. A partir dessa idade, a criança passava a participar das mesmas atividades dos adultos (Ariès, 2006).

Uma característica importante neste período era o alto índice de mortalidade infantil. No País Basco, habitualmente, as crianças sem batismo eram enterradas nos jardins de suas casas, ou em qualquer lugar. Supõe-se que essas crianças eram vítimas de oferendas sacrificiais de ritos antigos. Embora este quadro não tenha se alterado até o século XVII, uma nova racionalidade despontava, atribuindo à criança uma alma pura e imortal (Ariès, 2006).

Somente no fim do século XVI, os educadores passaram a impor concepções de uma sexualidade carregada de escrúpulos. Forneciam às crianças edições expurgadas de livros clássicos. Foi uma etapa importante, datando o início do reconhecimento da infância e da idéia de inocência. Sob a influência desse novo clima moral, surgiu uma literatura pedagógica infantil distinta dos livros para adultos. Estabeleceu-se uma religião para as crianças e uma nova devoção lhes foi reservada, a idéia de “anjo da guarda” (Ariès, 2006).

Uma das leis não escritas de nossa moral contemporânea, a mais imperiosa e a mais respeitada de todas, exige que, diante das crianças, os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo jocosa a assuntos sexuais. A idéia de infância significava ter consciência da distinção entre ser criança e adulto. Para os moralistas, as crianças eram frágeis criaturas de Deus que precisavam ser preservadas, mas também necessitavam serem disciplinadas. Tal concepção passou a invadir a vida familiar (Ariès, 2006).

Em geral, as crianças iniciavam sua vida escolar com cerca de 10

---

anos de idade e era comum a presença de adultos desejosos em aprender. No meio escolar, era evidente a indiferença de idade. Somente a partir do século XIX, passou a existir distinção das atividades escolares para adultos e crianças (Ariès, 2006).

No início do século XV, as populações escolares passaram a ser divididas em grupos com o mesmo nível de capacidade, sob direção de um mesmo mestre, em um único local. Este processo correspondeu a uma necessidade de adaptar o ensino do mestre ao nível do aluno, opondo-se aos métodos medievais, que não distinguia o adulto da criança e fundia a instrução escolar. A distinção indicava uma conscientização da particularidade da infância ou juventude (Ariès, 2006).

No Período Colonial do Brasil, os jesuítas, com o objetivo de civilizar e catequizar as crianças, iniciaram o processo de escolarização dos curumins e os órfãos da terra sob o regime de internato, afastando as crianças do seu convívio sócio-familiar. A educação das crianças, das classes mais abastadas, acrescia-se os compêndios de doutrina católica (Del Piore, 2004).

Foi no século XVII que as imagens de crianças tornaram-se mais numerosas, retratadas como centro da composição de suas famílias. Os adultos estavam mais interessados em retratar as expressões visuais e vocálicas das crianças. Estas não eram mais vestidas como adultos e tinham trajes reservados à sua idade (Ariès, 2006).

O final do século XIX, conhecido como Era Vitoriana, caracterizou-se pela Revolução Industrial e por grandes mudanças a nível econômico, político, cultural e social, mas também foi uma época associada ao puritanismo moral e ao culto dos valores tradicionalistas. A infância passou a ser objeto de estudo. O desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças foram focos de estudo dos psicólogos e educadores (Foucault, 2007).

Neste período, a sociedade experimentou uma série de mudanças, tais como a ascensão da burguesia. A difusão do impresso, o crescente interesse pela alfabetização e a nova ordem moral da população gerou novas regras de decência que filtravam as palavras, definindo de

---

maneira mais restrita onde e quando era possível falar sobre a sexualidade (Foucault, 2007).

O *rendez-vous* (prostíbulos) e a casa de saúde (manicômios), cobrados a altos valores para utilizar seu espaço e serviço, eram os únicos lugares que toleravam as palavras e os gestos obscenos, autorizados em surdina. Fora destes lugares, havia a interdição, a inexistência e o mutismo do discurso erótico (Foucault, 2007).

Foi um período de características muito peculiares, pois ao mesmo tempo em que diferentes formas de pensamento começavam a surgir (o positivista, o evolucionista, o utilitarista e o dialético), uma onda de puritanismo de caráter religioso também delineou um comportamento social marcado por dogmatismos e radicalismos.

A “pedagogização do sexo da criança” era manifestada principalmente contra o onanismo (concepção de masturbação infantil como um ato patológico). Este era perseguido como uma terrível epidemia. A sociedade definia as crianças como “germes sexuais” que deveriam ser cuidados e colocados sob vigilância dos pais, educadores, médicos e psicólogos. O descuido levava a um processo patológico do comportamento sexual (Foucault, 2007).

O uso do poder tinha o propósito de impor a lei de proibição da sexualidade. Seu objetivo era que o prazer fosse renunciado, tendo como instrumento a ameaça de um castigo. A sexualidade era negada, ilícita, portanto informulável na ordem do discurso. O que deve ser calado encontra-se banido do real. O que torna inexistente não tem direito à manifestação. Não se deve falar até ser anulado no real. Ao sucumbir a palavra, enuncia-se sua inexistência (Foucault, 2007).

A criança passou a ser considerada como ser assexuada. Assim, não haveria motivo para falar de sexo. Essa era uma boa razão para proibir de se falar dele, para interdita-lo, para fechar os olhos e impor um silêncio geral e aplicado (Foucault, 2007).

A sexualidade era confiscada pela família conjugal, onde o casal

---

legítimo e procriador ditavam a lei, impunham como modelo, fazia reinar a norma, detinha a verdade e guardava o direito de falar. O quarto dos pais passou a ser é revelado como único lugar reconhecido ao exercício da sexualidade, mas passava-se a cobrir o corpo com decoro. O sexo era reduzido ao silêncio, expulso e negado (Foucault, 2007).

A criança deixava de aprender sobre a vida íntima diretamente em contato com os adultos. Passava a ser separada destes, era mantida à distância, na escola, numa espécie de quarentena. Começou, então, um longo processo de enclausuramento das crianças (Ariès, 2006).

As atitudes das famílias mudaram. A escola passou a ser instrumento da passagem do estado da infância ao do adulto. Havia a preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-las na inocência primitiva. A aprendizagem na escola gerou um novo clima afetivo e moral no núcleo familiar (Ariès, 2006).

Nos colégios do séc. XVIII, onde se imaginava que os discursos do sexo seriam nulos, na realidade, tal tema era tratado de forma contínua, porém subjetiva. Demonstrava-se preocupação pela separação de alas masculinas e femininas, pela distribuição dos dormitórios e pela vigilância constante. Tudo, dito de maneira prolixa, resultava por evidenciar que os adultos sabiam da existência da sexualidade das crianças e do sexo dos colegiais. Este último era determinado como uma questão de problema público, na qual professores e médicos intervencionavam com recomendações, conselhos e orientações médicas e morais (Foucault, 2007).

A separação entre adultos e crianças, teve um forte cunho pedagógico moralizante e de controle ao acesso de informação. Porém, ao mesmo tempo em que a sociedade impunha elementos líricos e sagrados à infância, separando-a do mundo adulto no tocante à sexualidade, no que se referia ao trabalho, a criança assumia as mesmas responsabilidades. Erguiam-se evidências cada vez mais freqüentes acerca da crescente exploração do trabalho infantil, presente nas classes populares (Foucault, 2007).

Apesar do tratamento diferenciado das crianças de diferentes classes sociais, surgia uma preocupação gradativa com a responsabilização da sociedade pela proteção das crianças. A infância passou a ser tema de especialistas, que aconselham e prescrevem procedimentos que deve ser direcionados a cada etapa do desenvolvimento infantil. A relação pais-filhos era subordinada ao saber-poder dos médicos. O discurso médico passou a influenciar as considerações jurídicas. Da infância à velhice foram definidos padrões de comportamentos sexuais considerados sadios, passando-se a exercer controle por meio da pedagogia e da medicina (Ariès, 2006).

A sexualidade sadia limitou-se ao casamento monogâmico, legítimo e heterossexual. As alianças consangüíneas e os incestos passaram a ser negados. Estabeleceu-se a separação entre os quartos dos pais e das crianças, segregação de meninos e meninas, regras sobre cuidados dos bebês e uma atenção centrada na sexualidade infantil para prevenir supostos perigos da masturbação. Assim, a partir do século XVIII, a sexualidade das crianças e dos adolescentes passou a ter controle institucional. A psiquiatria ampliou seu poder, incluindo a infância em sua área de conhecimento (Foucault, 2007).

Em meados do século XIX, a sexualidade, seqüestrada, normatizada e qualificada pela psiquiatria, denominou as condutas sexuais indesejadas como “anormais”, “doenças dos nervos”, “extravagâncias” e “perversões sexuais”. Estas eram julgadas e tratadas através de medidas corretivas (Foucault, 2007).

A sexualidade das crianças, dos loucos e dos criminosos passou a ser julgada como um prazer dos incapazes de amar. As manifestações de sua sexualidade eram sinais de devaneios, obsessões, pequenas manias ou grandes raivas, e que deveriam ser revelados sob forma de confissão. Este processo denomina-se *Scientia sexualis*. Trata-se de um ritual de discurso característico da civilização ocidental que procurava instituir a verdade do sexo. Estabelecia-se uma relação de poder, onde uma pessoa impunha, avaliava, julgava, punia, perdoava, consolava e reconciliava a verdade dita pelo confessado (Foucault, 2007).

Tais confissões tornaram-se um grande arquivo dos prazeres que a medicina e a pedagogia passaram a solidificar, classificar, delimitar procedimentos e protocolos científicos. Através do processo de confissão, intensificou-se o estigma da loucura, a moral, a neurose genital, a aberração genésica, a degenerescência e o desequilíbrio psíquico. Isso ocasionou aumento da demanda dos conselhos de disciplinas, casas de correção, colônias penitenciárias, tribunais e asilos. Diagnosticavam-se os indivíduos que manifestavam de forma “anormal” sua sexualidade: crianças demasiado espertas, meninas precoces, colegiais ambíguos, serviçais e educadores duvidosos, maridos cruéis ou maníacos, colecionadores solitários e transeuntes com estranhos impulsos (Foucault, 2007).

Este panorama de ligação entre poder, saber e sexualidade delineou a repressão à sexualidade. Liberar-se desta repressão significaria transgredir leis, suspender interdições, irromper palavras, restituir o prazer real e mudar todo mecanismo político de poder, pois a menor eclosão de verdade é condicionada politicamente (Foucault, 2007).

Apesar da repressão sexual, os discursos sobre a sexualidade multiplicaram-se sem contrapor ou transgredir o poder vigente. Foi provocado um erotismo discursivo, na qual se extraíam, organizavam e intencionavam o discurso do sexo através de mecanismos de ouvir e registrar estes discursos (Foucault, 2007). A sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar, constitui-se o meio pelo qual se exerce o poder, pois é protegida por uma caução histórica e política (Foucault, 2006).

## **1.2. A SEXUALIDADE**

A sexualidade é um conceito que abrange muito mais que o ato sexual e a reprodução. É uma proposição que não se esgota enquanto houver vida, pois o indivíduo é um ser sexuado desde o nascimento até a morte.

Cogitar o tema da sexualidade implica refletir sobre história, política, religião, psicologia, diferenças raciais e culturais, valores morais,

---

éticos, crenças, tabus e educação. A sexualidade está presente em todos esses elementos e todos estes estão presentes na sexualidade (Ribeiro, 1989).

A sexualidade envolve identidade sexual, afetividade, auto-estima, perfis biopsicossociais, conhecimento científico, maternidade e paternidade; métodos anticoncepcionais; doenças sexualmente transmissíveis, transtornos mentais de natureza sexual, entre outras questões.

A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo, ela é parte integrante da personalidade de cada um, como uma energia motivada a encontrar amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas, é ser sensual e sexual. Ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, portanto, a saúde física e mental (WHO, 2006).

A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. É um elemento inevitável, inexorável e irremovível da existência humana. Envolve identidade de gênero, papéis e estereótipos sexuais, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Expressam nos pensamentos, fantasias, desejos, convicções, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações interpessoais (WHO, 2006).

Uma saúde-sexual saudável provém de um desenvolvimento saudável da sexualidade. Se a saúde é um direito humano fundamental, segundo a Constituição Federal de 88 (Brasil, 2009), o desenvolvimento de uma sexualidade saudável também é um direito humano fundamental.

A sexualidade infantil é um processo natural e cultural, mas diferente da sexualidade do adulto. É desenvolvida desde as primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe. O desenvolvimento sexual precisa ser acompanhado. As dúvidas da criança devem ser sanadas para possibilitar reflexão (Silva, 2007).

Conversar sobre sexualidade, acolher curiosidades da criança,



explicar valores e adverti-la acerca de eventuais aliciamentos, pode contribuir para facilitar um percurso que ninguém poderá fazer por ela. A transparência no seio familiar e o acesso à informação são requisitos básicos para o exercício de uma sexualidade sadia no futuro (Crivillé, 1997).

Privar a criança do exercício de sua sexualidade e do acesso à informação é violar um direito importante ao seu desenvolvimento. Esse direito, quando violado, coloca em risco a saúde e a qualidade de vida da criança, tornando-a mais vulnerável. Isso significa que a violação de um direito pode repercutir no desdobramento de eventuais incidentes violentos.

### **1.3. A VIOLÊNCIA**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2002, p.5), a violência é:

*[..] uso intencional da força ou poder sob forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações.*

A violência sempre existiu na sociedade, mas era vista como um problema social. Somente em 1996, na World Health Assembly (WHA), através da resolução WHA 49.25, instituiu-se a violência como um problema de saúde pública (Krug, Mercy, Dahlberg, Zwi, 2002). Atualmente, reconhecida como agravante da condição de saúde, a violência está incluída na Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS/CID, 1995), sob a denominação de “Causas Externas” (Capítulo XX - Agressões/ X85-Y09).

Além da dor e do sofrimento psíquico, a violência causa mal estar generalizado na sociedade decorrente do medo que inspira, das graves repercussões na qualidade de vida e do impacto econômico gerado para prevenir novas ocorrências. A violência desapropria as pessoas afetadas do pleno acesso aos seus direitos, nega a diversidade e pluralidade da vida social, produz diversas formas de dominação entre os indivíduos, gera desigualdades e exclusão social e torna as vítimas mais vulneráveis a

eventos negativos no ciclo de sua vida.

As crianças e adolescentes que, em seu cotidiano, convivem com a violência em suas relações interpessoais têm maior probabilidade de apresentar problemas biopsicossociais. Dependendo do quão vulnerável estão, aumenta a probabilidade de um resultado negativo. Os fatores de risco acentuam o estado de morbidez e prejudicam o desenvolvimento do indivíduo. O grau de vulnerabilidade das crianças está relacionado ao suporte material e recursos educacionais de suas famílias.

As crianças pouco protegidas e aquelas que possuem carências emocionais e afetivas são mais vulneráveis e constituem alvos preferidos dos autores de abusos sexuais, por meio de um complexo jogo de interação entre as necessidades afetivas, às vezes sedutoras da criança, e as pulsões e desejos do autor do abuso (Bouhet, Pérard, Zorman, 1997).

É comum a violência contra crianças perdurar por longo tempo porque as vítimas são levadas a acreditar que sua situação é inevitável. Em decorrência, gera-se um alto número de crianças e adolescentes vítimas de violências. Segundo estatísticas elaboradas pelas Organizações das Nações Unidas (ONU, 2006), cerca de 73 milhões (7%) de crianças e adolescentes tiveram relações sexuais forçadas, 150 milhões (14%) sofreram outras violências que envolvem contacto físico, 275 milhões de crianças no mundo presenciam atos de violência doméstica, cerca de 218 milhões de crianças trabalham, destas 126 milhões realizavam trabalhos perigosos. Na população adulta, 36% das mulheres e 29% dos homens disseram ter sido vítimas de abusos sexuais durante a infância, 1.8 milhões prostituíam-se ou eram explorados para fins pornográficos.

A violência contra crianças pode gerar problemas de saúde, de adaptação social e distúrbios psicológicos e cognitivos. E ainda, o indivíduo agredido na infância tem maior probabilidade de se tornar um adulto autor de atos violentos ou manter-se na condição de vítima de novos agressores (ONU, 2006).

Situações de violências podem ter como conseqüência: perpetuação da pobreza, analfabetismo, mortalidade precoce, abuso de

drogas e seqüelas físicas, emocionais e psicológicas. Tais situações culminam em privações do desenvolvimento pleno da criança, pois se exige dela mais que suas capacidades biopsicossociais (Fletlich-Bilyk, 2004; ONU, 2006).

Dentre as formas de violência, a sexual é uma das mais severas porque pode causar danos físico, psíquico e moral. Envolve poder de dominação, coação e desigualdades de força e gênero. É comum a violência sexual ocorrer sem uso da força física, sem marcas visíveis, o que dificulta a comprovação do ato. É geralmente praticada por pessoas conhecidas e próximas à vítima (família, vizinhos, professores, amigos). Cerca de 84,5 % dos casos, o agressor é uma pessoa conhecida da vítima (Drezett, 2000).

A violência sexual envolve mais que o ato sexual não consentido. Compreende grande diversidade de atos, como: relações sexuais através de ameaças e coação no matrimônio; violações por estranhos; violações sistemáticas durante conflitos armados; acordos sexuais em troca de favores; abuso sexual de pessoas portadoras de deficiência ou transtornos mentais, abuso sexual infantil; casamento ou união forçada, incluindo união com menores; negação do uso de métodos contraceptivos ou de medidas protetoras de doenças sexualmente transmissíveis; aborto forçado; mutilação genital; inspeções obrigatórias de virgindade; prostituição forçada e tráfico de pessoas com o propósito de exploração sexual (WHO, 2002).

Segundo a WHO (2002, p.149), a violência sexual é definida como:

[...] qualquer ato sexual ou tentativa de ato sexual não desejada, ou atos para traficar a sexualidade de uma pessoa, utilizando coerção, ameaças ou força física, praticados por qualquer pessoa, independentemente de suas relações com a vítima, em qualquer cenário, incluindo, mas não limitado ao do lar ou do trabalho.

O abuso sexual decorre do exercido de poder do grande (o forte) sobre o pequeno (o fraco), da manipulação da confiança que o pequeno (dependente) tem no grande (protetor), e do uso delinqüente da sexualidade ao atentar contra o direito de propriedade que o indivíduo tem sobre seu corpo (Gabel, 1997).

---

A dinâmica da violência sexual entre um adulto e uma criança é baseada em relação de poder e conhecimento desigual. A criança representa a vítima, inocente e indefesa de forças que elas geralmente não entendem e, portanto, não têm influência (Silva, 2007). A imagem da criança como sujeito ativo no mundo sócio, histórico e cultural, que se forma e transforma ao interagir com o meio, não está bem formada (Foucault, 2007).

Há um silêncio sobre o tema da violência sexual e da sexualidade. Contrariamente, permite o aumento da exposição do sexo, do reconhecimento da fragilidade de alguns indivíduos e da responsabilidade social compartilhada de todos para proteção de todos. É preciso escrever uma história da sexualidade não ordenada pela idéia de um poder repressão, de um poder censura, mas por uma idéia de um poder-saber (Foucault, 2007).

A explosão do sexo da atualidade, seja na mídia ou nos discursos cotidianos, tem sido demasiadamente exposta. O grande contingente de informações, em geral de fácil acesso, é equivocado, manipulativo e estereotipado. As informações são utilizadas de formas não idôneas, confundem os jovens, levando-os a banalizar e despersonalizar a sexualidade (Tavares, 1995).

O que parece essencial na conjuntura atual é a existência de um discurso em que o sexo, a revelação da verdade, a inversão de valores, o anúncio de um novo dia e a promessa de felicidade, estão ligados entre si. A sexualidade e as violências sexuais, que antes eram ocultadas, como segredos de família, passam a ser objeto de debate, enunciado pelos principais órgãos mundiais de políticas de saúde, apontando a prevenção como a melhor forma de evitar a violência sexual. Informar as crianças é uma forma de protegê-las de situações de violência.

A escola, hoje, pode ser um espaço para conversar e obter informação sobre a sexualidade, podendo refletir e questionar posturas, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais (Silva, 2007). Mas a qualidade deste meio educativo e abstração

---

das idéias precisam ser avaliadas. Os professores precisam ser estimulados a se capacitarem para essa função.

A falta de conhecimento sobre a sexualidade, em todas as camadas sociais, contribui para a incidência da violência sexual. Conversas obscenas, apresentação forçada de imagens pornográficas, exibição de órgão sexuais dos adultos são formas de abuso sexual. Uma pesquisa indicou que apenas os indivíduos que sofreram abuso sexual, envolvendo masturbação, participação em cenas pornográficas e relações sexuais impingidas reconheceram estes eventos como formas de violência sexual. Mas os indivíduos que não haviam sofrido violência sexual envolvendo contato físico ou participação em cenas pornográficas, não reconheceram as situações como abuso, mas como uma situação comum, um fato corriqueiro (Bouhet, Pérard, Zorman, 1997).

Ambientes muito erotizados podem gerar incômodos que geralmente não são associados à forma de violência sexual. É uma dimensão mascarada de violência. As crianças, alvo de abuso sexual, que são incapazes de reconhecê-la como uma manifestação da violência, registram em seu inconsciente a idéia de um ambiente repressivo por não permitir o desenvolvimento espontâneo de sua sexualidade (Bouhet, Pérard Zorman, 1997).

É imprescindível detectar as sutilezas da violência para superá-la. A informação e o diálogo franco são primordiais para sua prevenção. A orientação sexual antecipada, adaptada à fase do desenvolvimento da criança é importante para sua proteção. Para isso, é essencial escutar a criança, dar-lhe oportunidade para pensar e elaborar suas idéias e experimentar diversas formas de expressar-se ou silenciar-se.

É comum ao adulto, motivado pela intenção de proteger a criança, impor um padrão de comportamento na ótica da sexualidade adulta. Essa imposição dificulta a manifestação da sexualidade infantil e ainda leva a criança a reproduzir o comportamento sexual adulto em suas próprias brincadeiras.

---

Atualmente, surge no discurso dos adultos a manifestação da necessidade de discutir acerca da necessidade de autonomia da criança, mas contraditoriamente surgem instrumentos de tutela e controle mais elaborados. É necessário considerar que crianças e adolescentes, não são extensões de seus responsáveis, elas têm direitos próprios, possuem papéis ativos e são capazes de engajarem-se na construção de laços afetivos e relações sociais, independente de seus genitores. É preciso compreender a criança a partir de seu próprio ponto de vista, de sua própria maneira de pensar, sentir e agir, na ótica de seus significados.

O conteúdo do pensamento infantil mostra sua essência, o elemento mais refinado e sublime da criança, o que tem de mais íntimo dentro de si e que faz pulsar as tendências culturais, valores éticos e morais. É calcado na formulação consciente de associações e relações vivenciadas. O estímulo para a revelação de suas experiências expressa uma disponibilidade de acolher o sofrimento e a angústia da criança e revela uma importante ferramenta para discutir e ampliar a capacidade de lidar com os problemas existentes.

Ao comunicar-se com a criança, muitas informações, objetivas ou subjetivas, são levantadas. Para responder a suas questões, é preciso desvencilhar-se de idéias preconcebidas e abordar o universo infantil e a realidade subjetiva da criança, tentando entendê-la ao invés de moldá-la (Cohn, 2005).

As pessoas fazem sua própria história a partir das estruturas repressivas pré-existentes. Tais estruturas são reproduzidas nas gerações futuras. Aqueles que têm o poder de reproduzi-las são os mesmos que podem transformá-las. Se a opressão não resulta da coerção física, para manter-se é necessário que haja um mínimo de convivência do oprimido (Garcia, 2004).

A formação do enfermeiro permite desenvolver ações preventivas, curativas e de reabilitação. Está aí a oportunidade de discutir acerca dos conhecimentos sobre a sexualidade infantil. O enfermeiro pode exercer esse

---

papel educativo e usá-lo para relacionar e comunicar-se com a criança. Ao falar de si mesmo e de sua história de vida, a criança tem a oportunidade de re-significar suas experiências, podendo romper com o ciclo da violência cotidiana reproduzida de uma geração à outra. A capacitação do enfermeiro para ajudar a criança fomenta a necessidade de reconhecer as concepções, experiências, sentimentos gerados e efeitos da sexualidade na vida da criança. Esses termos constituem o objetivo desta pesquisa.

---

## **2. OBJETIVO**

Este trabalho objetivou retratar e analisar a visão da criança em situação de risco pessoal e social em relação a sua sexualidade: concepções formadas, experiências, sentimentos gerados e efeitos sobre seu desenvolvimento.

## **3. FINALIDADE**

As informações obtidas sobre as experiências que influenciaram o desenvolvimento da sexualidade das crianças entrevistadas, possibilitaram vislumbrar o perfil da população estudada.

Estas informações são importantes para elaboração de planejamentos terapêuticos que respondam às necessidades desta população, além de servir como base para elaboração de outros estudos que tangem o mesmo tema.

A identificação de características acerca das concepções de sexualidade e das possíveis violências de natureza sexual sofridas pelas crianças, permite um preparo mais adequado dos profissionais da saúde no planejamento de intervenções destinadas a prevenir e controlar o processo de violência sexual. Estas informações também podem servir de base para incentivar mudanças na política de saúde e aumentar a participação da enfermagem em pesquisas referentes ao tema da sexualidade e da violência sexual contra crianças.



## 4. MÉTODO

Para retratar e analisar o conteúdo do pensamento das crianças, o presente estudo apoiou-se no método qualitativo descritivo-exploratório, uma vez que este recurso procura entender o universo de significados e as representações da realidade. Esse método de pesquisa possibilita apreender a realidade subjetiva do indivíduo, o modo como interpreta o meio externo e as representações sociais. Faz emergir concepções subjetivas, sentimentos e motivações não explícito, de maneira espontânea. É um recurso empregado para buscar percepções e entendimento dos indivíduos sobre o tema em questão, dando acesso à interpretação de uma realidade que não pode ser quantificada.

### 4.1. REFERENCIAL METODOLÓGICO

Nesta pesquisa, optou-se por utilizar a técnica de Análise Temática (Minayo, 2007) do método de Análise de Conteúdo (Minayo, 2007; Bardin, 2008) para sistematizar o material coletado.

A escolha do método deu-se em função da possibilidade de se apreender as falas, implícitas ou explícitas, do discurso do sujeito da pesquisa. As autoras Minayo (2007) e Bardin (2008) consideram que por trás dos discursos, esconde-se sentidos simbólicos e polissêmicos, revelam condições estruturais, sistemas de valores, normas, símbolos, experiências, além de transmitir representações grupais, num determinado contexto histórico, socioeconômico e cultural específico, convenientes de serem desvendadas desde que sustentadas por processos técnicos de validação.

A Análise de Conteúdo é um conceito recente, mas historicamente construído para oferecer respostas teórico-metodológicas através do tratamento de dados qualitativos, busca de interpretação cifrada, descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo como finalidade a sua interpretação, permitindo tornar as inferências replicáveis e válidas sobre dados, por meio de procedimentos especializados e científicos (Minayo, 2007; Bardin, 2008).

---

A análise de conteúdo (...) é um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (Bardin, 1979, p.42).

A Análise de Conteúdo é um tipo de metodologia utilizada quando o discurso absorve e gera no investigador uma atração pelo escondido, pelo latente e não aparente, pelo potencial inédito do não dito, retido por qualquer mensagem (Bardin, 2008).

A Análise de Conteúdo (...) parte de leitura de primeiro plano das falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material. Para isso, geralmente, todos os procedimentos levariam a relacionar estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados e a articular a superfície dos enunciados dos textos com os fatores que determinam suas características: variáveis psicossociais, contexto cultural e processo de produção de mensagem (Minayo, 2007, p. 308)

Optou-se, desta forma, como metodologia de análise dos discursos, a Análise de Conteúdo. Porém, segundo Minayo (2007), existem várias modalidades de análise de conteúdo: análise lexical, de expressão, de relações, temáticas e de enunciações. Nesta pesquisa, optou-se por utilizar a Análise Temática, por ser a mais apropriada para investigações qualitativas em saúde (Minayo, 2007).

A Análise Temática, refere-se a uma afirmação, a um determinado assunto ou uma unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto que é analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura (Minayo, 2007, Bardin, 2008). Fazer uma análise temática, segundo Minayo (2007, p. 316) consistiu em:

Para uma análise de significados, a presença de determinados temas denota estruturas de relevâncias, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes no discurso.

Operacionalmente, a análise temática desdobra-se em três etapas: a *análise dos dados* (leitura flutuante e formulação de hipóteses), a *exploração do material* (operação classificatória para de compreensão do texto), o *tratamento dos resultados* (operações estatísticas para evidenciar

as informações obtidas e propor inferências relacionadas ao quadro teórico) (Minayo, 2008).

Para Bardin (2008), a análise de conteúdo consiste em inferir conhecimentos pautados em indicadores quantitativos ou não; ou seja, a Análise de Conteúdo, deduz, maneira lógica, os conhecimentos sobre o emissor da mensagem e seu meio.

#### **4.2. PROCEDIMENTOS ÉTICOS**

Todas condutas éticas, conforme determinado na resolução nº196 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996), que trata das Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas em Seres Humanos, foram adotados na condução desta pesquisa que, por sua vez, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (Anexo VI).

Após aprovação do referido Comitê, uma solicitação de autorização para a realização da coleta de dados no campo de pesquisa (Anexo I) foi encaminhada à direção da instituição. Após esse consentimento (Anexo VII) foi realizada uma reunião com os pais ou responsáveis legais pelas crianças da instituição. Estes foram esclarecidos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa (Anexo II), sendo-lhes assegurados de que não sofreriam quaisquer prejuízos caso desistissem de participar a qualquer momento da pesquisa. Suas manifestações foram livres e voluntárias. Em seguida, procedeu-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos responsáveis (Anexo IV).

#### **4.3. LOCAL DO ESTUDO**

A coleta de dados foi realizada no Centro Comunitário da Criança e do Adolescente - CCCA. Esta instituição possui três unidades localizadas na região central da cidade de São Paulo. Elas buscam aprimorar o aprendizado, o desenvolvimento da cidadania e a integração social infanto-juvenil através de ações sócio-educacionais e extra-escolares (CCCA, s.d)

O CCCA atende crianças e adolescentes, de ambos os sexos, entre zero e dezessete anos. A entidade visa promover o desenvolvimento de crianças/adolescentes em situação de risco pessoal e social que vivem em habitações coletivas, ilegais e irregulares, da região central de São Paulo.

Os dados do presente estudo foram coletados em uma das unidades do CCCA. Essa unidade acolhe cerca de 160 crianças/adolescentes de quatro a quinze anos, em horário integral, matutino e vespertino. Mantém um serviço de saúde interdisciplinar composto pelo atendimento de enfermagem (no qual a pesquisadora estava inserida), medicina, assistência social, psicologia e odontologia.

#### **4.4. POPULAÇÃO DO ESTUDO**

Para atingir o objetivo proposto, participaram da investigação crianças de 06 a 12 anos que viviam em situação de vulnerabilidade, considerando sua condição de exclusão social no que se refere à baixa condição socioeconômica.

Em São Paulo, segundo dados registrados entre os anos de 1995 e 2006 no Centro de Referência da Criança e do Adolescente (Agência Estado, 2008), a faixa etária, dos 06 aos 12 anos, compreende a fase da idade escolar e o início da pré-adolescência (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006), período em que a criança está mais suscetível e exposta à abusos sexuais. É neste período que acontece a maior ocorrência de abusos sexuais contra crianças, segundo estudos já realizados por diversos autores (Bouhet, Pérard e Zorman, 1997; Langberg, 2002; Habigzang, Koller, Azevedo, Machado, 2005; Aded, Dalcin, Moraes, Cavalcanti; 2006, Abrapia; 2004<sup>1</sup>);).

A criança, a partir da idade escolar, tem linguagem bem desenvolvida, é capaz de se comunicar, expressando idéias e narrativas em

---

<sup>1</sup> Dados estatísticos consolidados do Programa Sentinela/ABRAPIA de 2004. Disponível em: <http://www.abrapia.org.br/antigo/Dados/Graficos/Sentinela2004.htm>

ordem cronológica dos fatos. Portanto, é capaz de emitir, através da linguagem, uma visão de mundo conforme a representação que tem da realidade que a cerca. Na idade escolar, o pensamento cognitivo, a consciência moral e a formação da identidade estão em um nível de desenvolvimento que habilitam a criança expressar idéias relativamente complexas. São requisitos que têm origem na infância, desde os primeiros anos de vida, mas só começa a tomar forma e a adquirir um caráter próprio a partir da idade escolar (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006). O escolar deixa de reproduzir apenas os conceitos adquiridos dos pais e passa a elaborar e incorporar suas próprias concepções. Os amigos e outras pessoas passam a exercer influências importantes na formação do sistema de valores da criança. Esta passa a debater acerca dos conceitos de certo ou errado e começa a desenvolver sua própria consciência moral e seus próprios pensamentos a respeito dos papéis sociais que envolvem o tema da sexualidade (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006).

### **Procedimento para seleção da população de estudo**

O estudo em questão foi pautado numa perspectiva qualitativa exploratório-descritiva. A delimitação do número de crianças não foi previamente estabelecida, foi restrita em função da disponibilidade das crianças, durante a permanência do pesquisador no campo e a autorização expressa no TCLE.

Dentre as crianças que freqüentam o CCCA, foram selecionadas apenas as crianças de 06 a 12 anos matriculadas no período matutino. As crianças do período vespertino não foram incluídas no estudo por determinação institucional, uma vez que nesse período elas estavam envolvidas com atividades desenvolvidas por outros profissionais de saúde.

Foram entregues 60 termos de consentimentos livres e esclarecidos, retornando 52 dos mesmos. Dentre os que retornaram, 46 estavam assinados pela criança e por um responsável, 02 foram assinados somente pelas crianças e 04 termos retornaram sem assinaturas.

Dentre as 46 crianças que tinham o termo devidamente assinados, 02 param de freqüentar o CCCA, 01 foi liberada da participação por referirem sentir envergonhadas de falar nas entrevistas e 01 desistiu de participar devido a conflitos de autorização com os pais: a mãe assinara o termo de consentimento livre e esclarecido, mas o pai, segundo as crianças, manifestava, verbalmente, o contrário. Nessa, prevaleceu a vontade da criança de participar ou não da pesquisa.

As mães eram as que geralmente assinavam os termos e incentivavam as crianças procurassem a enfermagem para conversar sobre sexualidade com seus filhos, porém os pais eram os que verbalizavam oposição à participação de seus filhos na entrevista e no atendimento de enfermagem da instituição. As crianças que se encontravam nesta situação, eram novamente orientadas sobre sua participação voluntária. A decisão de participar, neste caso, dependia delas. Elas optaram por participar da pesquisa. Animadas, iniciaram as entrevistas referindo-se ao sexo como sendo uma das palavras que remetia à sexualidade, mas ao descreverem o que compreendiam sobre o tema, emudeciam, protegiam o peito com os braços, desviavam olhares e falavam com baixo tom de voz.

Novamente, eram questionadas se de fato queriam continuar com a entrevista. Uma das crianças, então, optou por interromper a entrevista. As crianças, então, foram encaminhadas ao Serviço de Enfermagem para atendimento de rotina. Nesse serviço, as crianças que têm consentimento assinados pelos pais passam por uma avaliação física e de desenvolvimento. Qualquer suspeita de maus-tratos é notificada à coordenação da instituição.

#### **4.5. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS**

A coleta de dados foi realizada entre os meses de fevereiro e maio de 2008, após aprovação do Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, do diretor do CCCA e dos responsáveis legais pelas crianças.

---

Foram realizadas 21 entrevistas, incluindo o pré-teste, cada uma composta por duas crianças. Com o objetivo de diminuir possíveis situações de constrangimento e insegurança, as crianças (previamente autorizadas pelos responsáveis legais) participaram das entrevistas em pares. Elas tiveram a oportunidade de decidir se queriam fazer a entrevistas com um(a) amigo(a) de sua escolha. A estratégia de escolher o(a) colega de maior confiança e vínculo afetivo teve o intuito de oferecer mais segurança e apoio às crianças para evitar constrangimentos.

A estratégia de coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, uma vez que esta permite identificar concepções, experiências e sentimentos da população alvo, respeitando-se os limites decorrentes do desenvolvimento cognitivo da criança em idade escolar.

O instrumento para coleta de dados consistiu em duas questões abertas e uma história fictícia incompleta (Anexo V). Este instrumento foi submetido a um pré-teste, cujas respostas atenderam com êxito os objetivos da pesquisa. Por esta razão, a entrevista do pré-teste foi incluída na análise dos dados. As crianças demonstraram-se participativas e colaborativas.

As questões abertas tinham o propósito de levar a criança a escolher temas específicos sobre sexualidade e discorrer sobre cada um deles.

Esta estratégia visava apreender concepções, informações e conhecimentos da criança a respeito da temática do estudo da pesquisa, a sexualidade. As questões abertas consistiam em solicitar às crianças que citassem o máximo de palavras relacionadas ao tema da sexualidade, bem como definir cada termo citado. Considerando que o tema da sexualidade é muito amplo, estas perguntas permitiam que as crianças revelassem os conteúdos mais significativos a elas, associados ao tema e a suas experiências.

No momento de indagar as questões abertas, foi utilizada a técnica da Normalização (Carlat, 2007). Esta técnica, comumente aplicada em abordagens de temas considerados sensíveis e embaraçosos, diminui o

constrangimento em abordar sentimentos ou comportamentos com conteúdo moral, passível de juízos de valor. A criança em idade escolar teme o julgamento alheio. Para evitar esse receio, a técnica de normalização introduz uma afirmação normalizadora à pergunta, cuja resposta se deseja obter (Anexo V). Essa afirmação é uma sentença que ameniza um suposto juízo de valor, por exemplo, na entrevista, afirmou-se para as crianças que “falar sobre sexualidade é um tema muito complicado”. Esta frase é uma afirmação normalizadora, porque leva a criança a perceber que o tema é complicado para todas as pessoas, e não somente para ela. O uso dessa estratégia possibilita a criança se sentir como parte de um todo, não sendo a única com dificuldades de expressar uma idéia.

As narrativas fictícias incompletas foram elaboradas na perspectiva da “Narrativa Autogênica” (Stuart, Laraia, 2001). Trata-se de uma atividade terapêutica, na qual a criança participa da criação da história. É uma modalidade de comunicação utilizada principalmente com crianças em idade escolar. Essa atividade possibilita o controle sobre os fatos narrados. A criança decide sobre as ações dos personagens e o enredo é vivido conforme sua necessidade de expressar-se. Nesta técnica, o entrevistador introduz uma história e a interrompe, deixando à criança a incumbência de descrever o próximo evento.

Aliado à Narrativa Autogênica foi utilizado a técnica do Brinquedo Terapêutico (Ribeiro, Sigaud, 1996), com uso de fantoches, representando membros da família, professora, amigos, etc. Essa técnica é um meio de comunicação não diretivo, porque possibilita a criança expressar-se livremente, sem intervenção do entrevistador. Este apenas observa e anota as falas e comportamentos da criança. A criança projeta sua história na dramatização com os bonecos, distanciando-se da sua história. Esse processo permite que ela racionalize a experiência representada na brincadeira.

(...) a brincadeira terapêutica proporciona a expressão de sentimentos, pensamentos e necessidades da criança relativos à sua vivência, e permite o alívio de sentimentos desagradáveis (tensão, ansiedade, frustração, raiva, medo, dor, etc.) (Ribeiro e Sigaud, 1996).



---

Questões específicas foram elaboradas durante a entrevista para solicitar às crianças clarificação de sua exposição ou para evitar desvios da idéia central da pesquisa. Estas intervenções são pertinentes em entrevistas semi-estruturadas com questões abertas.

Quando a entrevistadora notou alguma alteração comportamental, física ou discursiva, queixas, ou suspeitas de serem vítimas de qualquer forma de violência, providenciou o encaminhamento da criança ao Atendimento de Saúde do CCCA. As crianças, nestas circunstâncias, após receberem orientações do referido serviço, aceitaram o encaminhamento.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas ocorreram de forma ininterruptas, no consultório de enfermagem do CCCA. Este ambiente ofereceu estrutura física adequada como mesa, cadeiras, iluminação e privacidade.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Posteriormente foram sistematizadas de modo a que não alterasse o significado do conteúdo da fala, ou seja, de modo que preservasse a intencionalidade do pensamento da criança. As informações registradas foram utilizadas única e exclusivamente para atender os objetivos propostos para este estudo e mantidas em anonimato.

Os textos transcritos foram submetidos à Análise Temática proposta por Minayo (2007). Esta se desdobra em três etapas.

### a) Pré – análise

Etapa em que se determina as unidades de registros (palavra chaves ou frases extraídas do texto); a unidade de contexto (delimitação do texto que desmembra a unidade de registro); os recortes (isolamento das unidades de contexto); a categorização (agrupamento das unidades de registro e de contexto); a modalidade de codificação (classificação das categorias e subcategorias) e os conceitos teóricos que orientarão a análise dos resultados.

Com vistas a retratar e analisar as experiências da criança em situação de risco pessoal e social em relação ao desenvolvimento de sua sexualidade, procedeu-se o aprofundamento da leitura e a reflexão dos dados obtidos, procurando-se apreender, nos textos, as relevâncias transmitidas pelos entrevistados sobre o tema.

### b) Exploração do material

Fase de agregação das unidades de registros, relacionando-as entre si. Essa organização dos dados ocorre conforme as normas de

---

validade da Análise Temática (Minayo, 2007) que consiste em: exaustividade (contemplação dos tópicos levantados no roteiro), representatividade (significado dos temas no universo da pesquisa), homogeneidade (seleção dos temas semelhantes) e pertinência (registros dos dados coerentes com o objetivo da pesquisa).

Os textos pré-analisados foram agrupados conforme os significados dos temas subjacentes. Estes foram expressos em frases para facilitar sua compreensão e apresentação. Procedeu-se, a seguir, o agrupamento das frases segundo afinidades temáticas e similaridades de conteúdos, identificando-se assim as categorias empíricas.

### **c) Interpretação dos dados**

A interpretação do material explorado compreende a fase de destaque das informações obtidas. É o momento de reflexões sobre os dados sistematizados, relacionados às dimensões teóricas da literatura.

No estudo em pauta, a interpretação dos dados foi fundamentada segundo o referencial teórico de autores que realizaram estudos relacionados ao desenvolvimento da sexualidade numa abordagem humanista e histórica.

---

## 6. DISCUSSÃO

Após a formação das categorias empíricas, procedeu-se a interpretação teórica dos dados sistematizados, vindo à constituir a discussão da pesquisa.

As categorias empíricas são aquelas construídas com finalidade operacional. Elas têm a propriedade de empreender as determinações e especificidades provenientes da realidade empírica (Minayo, 2007).

Uma vez estabelecidas as categorias, procurou-se apreender as idéias relevantes transmitidas pelos entrevistados sobre o tema, compondo as seguintes categorias empíricas: “os meios de conhecimento”, “concepções de Sexualidade”, “o tempo e a sexualidade” e “a violência e a sexualidade”.

## OS MEIOS DE CONHECIMENTO

Subjacente à discussão acerca do significado de sexualidade, também foi possível detectar os meios de informação que as crianças utilizavam para aprender sobre o tema.

No momento em que as crianças começam a se preocupar com atividades e organizações sociais, aumenta-se o intercâmbio de informações a respeito da sexualidade humana. Surgem nas conversas, piadas, palavras, músicas e brigas com grande quantidade de palavras ofensivas com caráter sexual (Langfeldt, 1984).

É importante destacar que as conversas sobre sexualidade durante as entrevistas possibilitaram a elaboração de respostas para dúvidas que as crianças carregavam desde a primeira infância. Assim, desvendou-se e nomeou-se tabus e preconceitos que traziam, possibilitando a construção de conhecimentos mais consistentes e coerentes com a natureza humana.

Para as crianças que participaram deste estudo, o meio informativo que exerceu maior influência na construção de seus conceitos foi a mídia televisiva. A seguir, a observação e análise dos acontecimentos ao seu redor, os amigos, a escola e os familiares completavam a bagagem de conhecimentos adquiridos.

### A INFLUÊNCIA DA MÍDIA TELEVISIVA

A mídia televisiva era um dos meios pela quais as crianças obtinham informações sobre sexualidade. Elas descreviam cenas vistas nos programas de televisão para falar sobre o que compreendiam ser a sexualidade.

*Eu aprendi vendo na televisão.*

*Sempre mostra na televisão sobre sexualidade.*

*Na TV, ta cheio de coisas de sexualidade.*

No Brasil, a mídia televisiva é o meio de comunicação mais visto e comentado entre as pessoas (Lopes, 2006). É um meio de informação que mais causa impacto nas crianças da América do Norte (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006). É um dos agentes de socialização mais influentes na vida delas, responsável pelo aprendizado social contemporâneo sobre o que é e como devem ser praticados o sexo e o amor (Lopes, 2006; Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006).

Dentre os programas televisivos que as crianças mais citavam para falar sobre sexualidade, eram as novelas, os filmes e um programa de entretenimento chamado de “Big Brother Brasil” (BBB) apresentado pela Rede Globo de Televisão. Este programa visava mostrar a interação de um grupo de indivíduos, voluntariamente confinados no interior de uma casa, na qual eram constantemente observados e filmados nas suas dependências e tinham que resolver problemas e desafios propostos pelos produtores do programa com finalidade de ganhar premiações (Millan, 2006).

*Lá em casa, todo mundo assiste junto.*

*No Big Brother você já viu? Todo mundo briga lá dentro!*

O BBB é um programa voltado ao público adulto. Pautado no Manual da Nova Classificação Indicativa (2006), o Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação do Ministério da Justiça, classificou a oitava edição do referido programa como não recomendado para menores de 16 anos. Com inadequada exibição antes das 22 horas, o programa apresentava cenas com agressões verbais, linguagem de conteúdo sexual e consumo de bebidas alcoólicas e cigarros (Brasil, 2008).

O Manual, acima citado, é composto por normas constitucionais processuais que analisam, orientam e classificam os temas violências, sexo e drogas. Atua como “instrumento pedagógico de diálogo com pais, responsáveis e profissionais que interagem com o universo infanto-juvenil” e atua como “meio de proteção dos direitos humanos de todos os cidadãos e cidadãs expostas, cotidianamente, aos conteúdos audiovisuais, em especial as crianças e adolescente” (Brasil, 2006).

Apesar do programa BBB ser contra indicado à faixa etária das crianças entrevistadas, elas disseram que assistiam a este programa junto com sua família, pouco antes de irem dormir. Era um momento de lazer da família

*A gente vê novela e depois tem o Big Brother. Eu assisto, eu posso assistir, todo mundo assiste. É muito legal.*

As crianças que participaram desta entrevista viviam em famílias de condições sócio-econômicas precárias. Elas moravam em pequenas habitações insalubres, compartilhadas com muitas pessoas e com poucos recursos para o lazer. As crianças saíam de suas casas pela manhã, permanecendo no CCCA até o período do almoço. Depois, elas iam para suas escolas, permanecendo até o final da tarde, retornando à suas casas apenas no início da noite. Ao chegar a suas casas, não podiam brincar na rua (local com amplo espaço) devido ao perigo que a rua oferece. Nesse contexto a televisão era uma das poucas atividades de lazer que lhe restavam.

*Minha mãe não deixa sair à noite. É perigoso (...) A gente, de noite, assiste BBB. A maioria do pessoal em casa quer ver BBB, aí assisto junto com meus pais e meus irmãos mais velhos .*

A família das crianças reunia-se no final da noite, antes de ir dormir para assistir a televisão como uma atividade de lazer conjunta. O programa era visível às crianças, mesmo sem terem a idade mínima recomendada.

Alguns pais não permitiam jogos sexuais infantis e nem conversavam a respeito da sexualidade com seus filhos, mas permitiam que elas assistissem a estes tipos de conteúdos eróticos do BBB.

*Meu pai falou que eu não podia falar sobre isso (sexualidade) (...) Eu vejo Big Brother lá em casa com todo mundo antes de ir dormir.*

A televisão era um meio (aceito pelos pais e amigos) de crianças obterem informações a respeito de sexualidade sem sofrer repressões. Havia permissão dos pais para assistirem o programa, tornando um assunto comum entre os pares. Estar informado sobre os eventos ocorridos no

programa de televisão proporcionava às crianças a condição de participar ativamente dos assuntos abordados nos grupos de amigos. Era um dos requisitos que as tornavam mais valorizadas pelos amigos. Daí as crianças verem como inacreditável que alguém pudesse ficar sem assistir TV e não estar informada sobre os acontecimentos no BBB.

*A senhora não viu o Big Brother? Não viu mesmo? Não acredito! Todo mundo vê. É mentira que a senhora não assiste.*

As crianças, ao assistirem a este tipo de programas, aprendiam sobre conteúdos inadequados de sexualidade, uma vez que tais conteúdos se referem a comportamentos sexuais comuns ao mundo do adulto.

Algumas crianças sabiam que o conteúdo assistido por elas era inadequado à sua idade e diziam que não deveriam ser assistidos, mas a mídia era um dos poucos meio de lazer e de informação que elas tinham. Envergonhadas, elas utilizavam um repertório repreensivo para falar sobre o que seria inadequado para uma criança assistir, sem perceber que acabavam por descrever detalhadamente o que elas realmente assistiam para informa-se.

*Não pode ficar beijando na frente de todo mundo como no Big Brother*

*Não pode assistir Big Brother e nem Duas Caras. Por que a gente somos muito pequenos e no Big Brother passa gente se beijando, fazendo ousadias, assim (criança faz gestos de beijos e abraços), passa gente com negócios que a gente não pode ver (criança começa a rir ironicamente).*

*Não pode ver eles fazendo ousadia...ousadias, um monte de ousadias. Quando eles vão namorar eles vão fazer ousadia em todo lugar, fazem ousadia na cama, na piscina, no sofá*

*Eu vi meu primo assistindo mulher pelada na TV a cabo. Quando eu vi meu primo assistindo um homem e uma mulher pelados se beijando, se abraçando, eu virei a cara e disse "tira isso daí agora". Aí eu mudei o canal, mas aí depois sem querer apertei o botão errado e voltou no canal da mulher pelado (a criança afirmara que para entrar no canal com conteúdo pornográfico era necessário entrar numa área restrita que solicitava digitar uma senha de acesso).*

Através das críticas, as crianças elaboravam os motivos das proibições ao acesso a este tipo de programa, mas contradiziam-se fazendo descrição detalhada do conteúdo televisivo repreendido por elas mesmas.



Foi possível notar que independente das proibições e das restrições, elas tinham a necessidade de informarem-se sobre sexualidade e acabavam por procurar os meios que conseguiam ter acesso.

O BBB exibia histórias excessivamente erotizadas, impregnadas de valores morais que reforçavam a superficialidade das relações sexuais, influenciando os indivíduos, principalmente as crianças, que são mais vulneráveis por estarem em processo de desenvolvimento sexual. Por não terem ainda referências consistentes, assimilam como verdades o que vêem ou ouvem. Quando elas não têm a oportunidade de refletirem sobre o que assistem, adotam como padrão comportamental impróprio para sua idade (Pereira Jr, 2008).

Contudo, este tipo de programa era o meio mais fácil para informar-se sobre sexualidade. As crianças entrevistadas exemplificavam a sexualidade através de cenas vistas por elas na televisão.

*Eu vi no Big Brother, tinha 03 meninas se beijando, num agarra, agarra, agarra.*

O conteúdo assistido pelas crianças era inadequado à idade que elas se encontravam. Devido ao processo de desenvolvimento biopsicossocial em construção e de sua sexualidade ser diferente da sexualidade de um adulto, é inadequado aprender sobre sexualidade através de programas voltados ao público adulto.

Apesar disso através de palavras isoladas no discurso das crianças, notava-se que elas valorizavam o sentimento afetivo entre os casais. Elaboraram uma visão romântica idealizada, enfatizando finais felizes em uma família tradicional, afetuosa e harmoniosa. Este é um referencial que as crianças possuem, oriundas de contos de fadas.

*O homem e a mulher, se casam, tem filhinhos e depois vivem felizes para sempre.*

A partir de contos de fadas, mitos e fábulas, as crianças formam conceitos de origens e desígnios do mundo e de seus padrões sociais. O conto de fadas, de forma breve e categórica, permite à criança apreender o

---

problema em sua forma mais essencial, resumindo um histórico a fatos curtos e essenciais, não se atendo a tramas complexas (Bettelheim, 2007).

Nos contos de fadas oferece-se novas dimensões à imaginação da criança as quais ela não poderia descobrir por si só. Os contos oferecem idéias com as quais ela pode estruturar devaneios, e com eles dar melhor direção à sua vida (Bettelheim, 2007).

Esta idéia que as crianças entrevistadas possuíam por influência dos contos de fadas, conflitavam com as cenas vistas na televisão, uma verdade não desejada. As crianças tinham um referencial muito romântico, mas ao deparar-se com as cenas vistas na televisão, elas se decepcionavam. As cenas vistas na televisão representavam a realidade. Assim, elas passavam a vivenciar os problemas do mundo adulto, gerando insegurança nelas. Segundo Bettelheim (2007), a verdade na vida de uma criança é diferente da noção de verdade de um adulto.

*É igual no Big Brother, eles traem. Tem gente quem tem namorada fora do Big Brother, aí eles traem. Eles brigam bastante também, gritam. Eu não quero me casar porque o pai ou a mãe trai e vai embora. Fica brigando. Até no Big Brother, os namorados brigam e traem.*

Esta criança fez seu julgamento em relação ao que tem como conceito de casamento, em contraponto às cenas que assistiu. Ela se projetou nos personagens retratados no programa de televisão. Isso lhe gerou nela insegurança, frustração, temor à uma concepção generalizada em relação a sua perspectiva de vida afetiva.

O casamento e as relações amorosas deveriam ser agradáveis e afetuosas, mas perante as cenas que assistiu, passou a viver os problemas de um mundo adulto. Decepcionada rejeitou a idéia de casar-se, temendo que os mesmos eventos ruins acontecessem com ela.

A televisão é uma forma de acesso ao mundo adulto. Ela expõe a criança a uma variedade de tópicos e eventos muito mais ampla do que elas encontram em sua vida diária (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006).

Por vezes, a televisão demonstrava programas com histórias fantasiosas, e as crianças aceitavam estes fatos como sendo verdades. Desta forma, seu conceito de sexualidade tornava-se distorcido em relação à realidade, por exemplo, uma das crianças afirmou que bebês surgiam por sementeira em solo, segundo uma cena que ela assistiu em um programa de televisão.

*Como o nenê nasce? Vi na televisão, colocava um negócio no chão e aí nascia o nenê do chão.*

Para as crianças entrevistadas, cujo significado de sexualidade ainda estava sendo construído, a televisão, sutilmente, exercia um papel de ditador de verdades. As crianças, sem a capacidade para compreender e julgar adequadamente ao conteúdo que assistiam, acabam por adotar as idéias passadas pela mídia como fatos corriqueiros da vida.

Na visão da criança, o mundo adulto é muito diferente daquilo que ela conhecia dos contos de fadas, as cenas de televisão representavam uma realidade do mundo a sua volta.

Nos contos de fadas, os infortúnios acontecem, mas podem ser superados caso a criança não se intimide em enfrentar os obstáculos, ou seja, se a criança ousar engajar-se em superar as dificuldades, a salvação viria a seu encontro e ela conseguiria resolver os seus problemas. Mas, caso ela não se empenhasse em resolver seus problemas, teria uma vida monótona e seria vítima de outros infortúnios (Bettelheim, 2007).

A fantasia televisiva tornou-se o cenário das melhores possibilidades de vida possível (sucesso pessoal, profissional e afetivo), ou seja, um modelo de vida. Por outro lado, as crianças percebem que a realidade vivida por elas é extremamente frágil e vulnerável, pois vivem sob precárias e violentas condições de vida, a qual não possui governabilidade.

Nesse contexto, as crianças compreenderam que se o indivíduo que vive sob as melhores e exemplares condições de vida estaria susceptível a eventos violentos, infidelidade e agressividade, então, elas, que vivem sob condições piores em relação aos modelos visto na televisão,

seriam inevitavelmente vítimas destes infortúnios, estabelecendo como uma sina a viver, com a mesma ou maior intensidade.

No momento em que as crianças passaram a assimilar que os fatos violentos e agressivos a afetariam, por causa de sua condição de vida, elas banalizavam estas situações. Assim, as crianças assimilavam idéias inadequadas, a respeito da sexualidade, oriundas de programas destinados ao público adulto, cujo conteúdo era um agente poderoso e atraente de entretenimento.

Outros programas de televisão expuseram as crianças a uma competição, incitando valores morais com fins lucrativos, uma luta por bens de consumo, estereótipos de beleza e status social privilegiado. Lopes (2006) afirma que a publicidade televisiva é alusiva à questão da obtenção da felicidade e criação do desejo de se adquirir produtos que pretensamente permitiriam um melhor desempenho, vendendo produtos que simbolicamente são associados ao amor e a prática sexual.

*Tem muito homem que pega mulher de 60 só pra pegar o dinheiro dela.*

*Não fico com uma menina interesseira, que só quer coisas. Eu fiquei com uma menina que me pediu bombom, camisa (...) Dei um fora nela.*

A competição por dinheiro e estereótipo de beleza era construído segundo os padrões apresentados pela mídia como objeto de desejo e como padrão de comparação e escolhas dos parceiros nos relacionamentos com seus pares. As crianças entrevistadas davam importância às silhuetas curvilíneas, magras, seios fartos, maquiagem. Acreditavam que se elas tivessem estes padrões, conseguiriam ser felizes e amadas. Elas acreditam que a criança não é bonita e atraente. Para elas, apenas o adulto é um ser sexual, bonito e atraente devido ao desenvolvimento do corpo.

*Quando a menina cresce ela fica bonita, com corpo mais bonito, cinturinha, peito grande, usa maquiagem. Quanto mais bonita ela é, mais namorado ela consegue. Ela consegue ser feliz.*

O ideal de beleza das crianças entrevistadas é associado à magreza e a juventude. A idealização das formas que este corpo deve

necessariamente ter é uma preocupação obsessiva, relacionada aos cultos de juventude eterna, saúde e belezas perfeitas (Lopes, 2006).

*Prefiro ser menino porque tem mais mulher bonita, mais nova e se você for velho sua namorada é mó velha baranga.*

*A gente fica com vontade de fazer sexo, ainda vendo as modelos na TV (os garotos ficaram irrequietos, tocavam muito os genitais).*

*Eu não fiz nada, não rolava porque ela era feinha (Referindo que se recusou de fazer sexo com uma adolescente por causa da aparência dela).*

Os meninos demonstraram que se preocupavam com o julgamento dos amigos em relação à beleza da menina com quem se envolviam. Tinham vergonha de ter relacionamentos com garotas que eles consideravam feias, fora dos padrões de beleza que eles acreditavam ser ideais.

Para serem aceitas e respeitadas pelo o meio social em que viviam, as crianças tentavam aproximar-se ao máximo possível daquilo que elas consideram um modelo de vida. O modelo apresentado pela programação televisiva foi transformado em um ideal de vida, estimulando estereótipos do modo de ser e de se comportar.

Para os jovens, esta construção opressiva de estereótipos pode gerar frustrações, baixa auto-estima, prejudica o comportamento, os relacionamentos sociais e amorosos nos indivíduos por se entenderem como fora do padrão veiculado na TV (Stuart, Laraia, 2001).

A construção de estereótipos de beleza acontece de forma sutil e acarreta implicações psicológicas que inclinam-se a arquitetar uma noção de ideal na qual não se reconhecem. Em diversas formas de mídia, o corpo é a metáfora da afetividade e da prática sexual na qual, em geral o corpo feminino, com todas as suas curvas e reentrâncias é objeto, exibido como troféu e parâmetro da beleza física humana (Lopes, 2006).

*Se você ficar rico, vai vir um montão de menina tudo falsa, bonita e modelo, só querendo ficar com você, mas se for pobre, só vem tapada e feia.*

---

*Se você é pobre, sem dinheiro, e conhece uma mulher bonita, chique e perguntar “quer namorar comigo”, ela vai responder “sai daqui pé rapado”. A maioria das mulheres são assim.*

Este culto ao corpo era exposto paralelamente a conteúdos excessivamente erotizados.

*No Big Brother tem beijo a toda hora. Elas só beijavam os homens, não parava de beijar, abraçando forte, se agarrando, passando a mão no corpo. Eles fazem massagem no corpo pra ficar calmo, mas aí dá abraço também.*

Os jovens que assistem a este tipo de conteúdo são duas vezes mais propensos à precocidade de relações sexuais, elevação da taxa de gravidez na adolescência e passagem muito rápida pelas etapas do desenvolvimento infantil (Collins et al, 2008). Muitas das crianças contaram que familiares e amigas estavam grávidas ou tinham engravidado durante a adolescência.

*Minha irmã tem quinze anos e já têm um nenê.*

*A minha irmã teve nenê com 17 anos.*

*Meu irmão tem 19 anos e já tem filhos. A mulher dele tem 16 anos.*

As crianças afirmaram que aprendiam sobre sexualidade através de programas televisivos. Assuntos que os pais evitavam conversar com seus filhos eram abordados pela televisão, cujos programas eram acessíveis às crianças, com a permissividade dos pais. O acesso à informação era dúvida, por um lado, as crianças tinham uma referência conservadora através dos contos de fadas, por outro, acessavam referências pela televisão. Ao assistirem cenas agressivas e violentas, temiam que o mesmo acontecesse com elas.

Algumas crianças manifestavam desejo de conduzir suas relações amorosas de modo distinto das assistidas na televisão, outras demonstravam conformismo por acreditarem que os conflitos e as agressões entre os casais eram corriqueiros e inevitáveis no meio familiar.

## O MEIO FAMILIAR

Através dos relatos das crianças evidenciou-se que a família exerceu papel fundamental no desenvolvimento da sexualidade destas. Ela atuou como fonte de informação primária a respeito da identidade e dos papéis sexuais delas. Contudo, na concepção das crianças, os pais não ofereciam informações suficientes a respeito da sexualidade.

As crianças disseram que seus pais exploravam apenas alguns temas sobre a sexualidade, tais como sobre puberdade, mudanças corporais e menstruação. Estes temas eram os mesmos abordados por outros adultos como, por exemplo, os professores. Assim, elas se sentiam insatisfeitas com a qualidade e quantidade de informações que diziam receber.

*Eles (pais) não falam nada de mais. Falam sempre as mesmas coisas. Nada de interessante, que é novidade. Só falam aquilo que todo mundo fala. Isso todo mundo já sabe. Sabe, o que muda no corpo quando tá na puberdade, sabe, que a menina menstrua.*

*Na minha escola, falam sobre sexualidade, gravidez, puberdade, menstruação, camisinha...*

Na atualidade, os pais conversam com seus filhos sobre gravidez, o parto, as mudanças biológicas durante a puberdade, mas falam pouco sobre ato sexual, aspectos afetivos e morais, doenças sexualmente transmissíveis e desejos sexuais (Marcelli, Braconnier, 2007). Os pais das crianças entrevistadas também limitavam os assuntos sobre sexualidade quando conversavam com elas. No entanto, as crianças sentiam necessidade que seus pais conversassem mais detalhadamente sobre sexualidade com elas.

*Meus pais não falam comigo sobre isso (assuntos sexuais) e nem gostam que eu fale sobre isso.*

*Minha mãe não conversa de sexualidade comigo. Ela só disse que um dia vou ficar mocinha. Não fala mais nada.*

*Eles só falam isso (conteúdos biológicos de sexualidade), todos eles só falam isso, não contam mais nada de diferente. Se você perguntar alguma outra coisa (comportamentos sexuais, por exemplo), eles não falam ou ficam falando que é feio, que não é coisa pra criança, que a gente é novo.*

As crianças relataram que seus pais se restringiam a abordar assuntos relacionados apenas à puberdade, mas sem adentrarem em explicações referentes ao ato sexual. Por exemplo, as doenças sexualmente transmissíveis eram abordadas com foco no processo patológico; a adolescência era abordada com foco no desenvolvimento corporal, identidade e papéis sexuais.

*Só falam que a gravidez é quando o nenê cresce na barriga da mãe.*

*Falam só que na puberdade o corpo muda.*

*Meus pais conversam comigo sobre essas doenças (...), tipo, como fica o corpo da pessoa depois que pega a doença.*

Alguns pais, além de não oferecer as informações que as crianças desejavam, reprimiam-nas por falar sobre o tema. Eles diziam a seus filhos que era falta de respeito uma criança falar sobre sexualidade, principalmente sobre sexo.

*Meu pai não gosta de falar comigo sobre isso. Converso com meus amigos, eles sabem mais.*

*Eles (adultos) falam que é falta de educação crianças ficar perguntando ou falando sobre essas coisas.*

*Criança tem vergonha e não pode falar.*

*A gente não pode falar sobre ousadia. A gente não faz e não fala sobre isso.*

*A gente não pode falar disso (sexualidade) porque a gente é criança e é falta de educação!*

*Meus pais falam que é falta de educação da criança ficar falando sobre isso (sexualidade).*

*Não pode falar sobre essas coisas (Menino chamando a atenção do colega quando este começou a discorrer sobre o tema "gravidez").*

*Meu pai falou que não posso ficar falando sobre isso (sexualidade).*

Para as crianças, conversar sobre sexualidade com os pais era uma tarefa muito difícil, e deixavam-nas constrangidas e desconfortáveis, pois os pais as reprimiam de conversar sobre temas sexuais. Diziam ser feio ou falta de respeito criança falar sobre sexualidade. Para evitar estas



situações desagradáveis, as crianças buscavam outros meios de informações, como os amigos e a mídia.

*Já que eles (pais) não falam sobre isso, a gente dá um jeito.*

As crianças não aprovavam o fato dos pais não fornecerem mais informações sobre sexualidade e entendiam a atitude deles (dos pais) como um ato de omissão e negligência. Elas acreditavam que estas omissões deixar-nas-iam desamparadas, confusas e desprotegidas. As meninas foram as que mais expressaram esta queixa. Para elas, os pais conversavam muito superficialmente sobre sexualidade e acabavam aprendendo através das experiências próprias ou através de relatos das amigas.

*Menina quando menstrua pensa que se machucou. Aí, quando sai sangue, fala: - Mãe, me machuquei! Aí depois que ela menstruou que a mãe vai falar qualquer coisa. Mas a mãe tem que falar antes. A partir dos 10 anos tem que começar a falar.*

*Se a mãe não avisa o que é ousadia, a pessoa não sabe se pode fazer ou não. Aí a pessoa faz ousadia também...Aí o filho fica perguntando: o que é ousadia? Como ele não sabe o que é ousadia, depois como não sabe fica fazendo ousadia com os outros.*

As meninas, diziam que as mães falavam sobre menstruação, mas as informações eram insuficientes para prepará-las para a puberdade. Quando ocorria a menarca, as meninas ficavam assustadas e diziam não saber o que fazer, nem mesmo o que aconteceria com elas após a menarca. As meninas sentiam-se traídas pelas mães por não terem recebido mais informações a respeito, e ter que conhecer o evento através da experiência ocorrida contigo mesmas. A surpresa as deixavam assustadas.

Para as crianças, os pais negavam-se a dividir suas informações com os filhos e, ainda, os persuadiam a silenciarem-se, fazendo ameaças, caso as crianças expressassem suas idéias a respeito da sexualidade, principalmente no que se refere ao ato sexual.

*Meus pais não sabem falar sobre isso. Eles só iam dar bronca, só iam bater.*

As informações equivocadas e vagas deixaram as crianças confusas, desprotegidas e dependendo de como corriam o curso do desenvolvimento de sua sexualidade, gerava-se raiva quando sentiam-se

traídas por não terem recebido as devidas orientações de quem tanto confiam, os pais.

As meninas, que já haviam tido a experiência da menarca, contaram como sendo um momento desagradável, vivido sob forma de um grande susto e tristeza por estarem mal informadas no momento em que a menarca ocorreu e também porque após a menarca, elas eram orientadas a comportar-se de outra maneira, diferente de uma criança.

A partir da menarca, elas eram orientadas pelas mães que deveriam deixar de brincar com diversos tipos de jogos, deveriam assumir mais responsabilidades no cuidado de seu lar, mudar a maneira de se vestirem e comportarem-se como adultas.

*A menina, depois que fica mocinha não pode mais ficar brincando como antes. Ela tem que ficar mais quieta, porque agora ela não é mais uma criança.*

*A menina já tá grande, então ela tem que fazer mais coisas de mulher. Ela cuida mais da casa, ela se arruma mais.*

*É ruim ficar menstruada porque você não pode brincar mais*

Segundo os relatos, a menarca representa um marco que transforma a menina em uma condição de “adolescente”, “moça”, “mulher”. A partir da menarca ela deixa de ser criança para assumir papéis de maior responsabilidade, mesmo quando despreparada para as novas atribuições.

As crianças crescem e ingressam na vida adulta com restritas orientações seguras e honestas por quem deveria orientá-las e de quem dependem para atingir a felicidade e o equilíbrio pessoal futuro (Nerici, 1988).

Existem muitos tabus para falar sobre sexualidade. O incomodo gerado nos pais, leva-os a agirem sob forma de controle e negação. Segundo Foucault (2007), quando algo é negado e proibido, as palavras são contraditas, pois, no momento em que algo não é reconhecido, é negado, resta encobrir-se de decoros às atitudes que se esconde a decência das palavras, limpando as atitudes. É dito que não existe e como não deve

existir. A menor manifestação deve deixar de existir. O autor ainda refere que o simples fato de falar sobre o assunto indesejado, este é lembrado, transgredindo o conteúdo negado, prescrevendo aquilo que realmente existe dentro de si.

Se os pais reprimem a curiosidade sexual das crianças ou evitam lidar com o tema, as informações sexuais que as crianças recebem podem ser adquiridas quase que inteiramente com os pares, e quando estes tornam-se a fonte primária de informações, esta poderá ser transmitida e trocada em conversas secretas, carregadas de grande quantidade de informações equivocadas a respeito da sexualidade (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006).

## **OS PARES**

Durante os primeiros anos de vida da criança, os pais são as primeiras referências de aprendizagem sobre sexualidade, passando posteriormente para o convívio na escola. Na medida em que elas vão crescendo e avançam nos anos escolares, os relacionamentos com os amigos vão ganhando importância (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006).

Os pais são responsáveis por auxiliar a criança a assumir a identidade e papéis sexuais, mas é o grupo de amigos que transmite uma quantidade substancial de informações sobre sexualidade, especialmente os assuntos considerados tabus (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006).

De fato, algumas crianças afirmaram que seus pais negavam, esquivavam-se ou proibiam o acesso à informações a respeito da sexualidade; desta forma, era necessário buscar através do relacionamento com o pares, apoio mútuo, meios para explorarem dúvidas e idéias.

*Meu pai não gosta de falar comigo sobre isso. Converso com meus amigos, eles sabem mais.*

*Aqui (no CCCA) converso com os amigos. Meu pai conversa um pouco.*

*Falo com meus amigos. Meus pais não sabem falar sobre isso. Eles só iam dar bronca, só iam bater.*

*Já que eles (pais) não falam sobre isso, a gente dá um jeito.*

Para aprender mais detalhes sobre sexualidade, principalmente sobre o ato sexual, as crianças recorriam aos amigos. Através de um intercâmbio de informações, os amigos representavam um porto seguro, na qual elas conseguiriam respostas e apoio para falar sobre sexualidade, sem sofrer repressões ou julgamentos.

*A mulher fica grávida transando. Foi minha amiga da escola que disse.*

*Quando minha amiga sabe de alguma coisa, ela me conta. E quando eu aprendo alguma coisa eu ensino ela.*

Cada criança passava a captar o máximo de informações sobre sexualidade de seu meio e a compartilhar estas informações com seus colegas. Abaixo, segue um exemplo de duas crianças dialogando sobre suas experiências vividas.

*Criança 01: Têm uns homens que eu vejo na pracinha perto de casa, eles se beijam na frente de todo mundo.*

*Criança 02: É, eu também já vi gente se beijando na boca. Vi na rua, aqui perto.*

Os pais também eram observados e analisados pelas crianças. Elas afirmaram que tentavam espionar os pais mantendo relações sexuais, para confirmarem o que os amigos lhe contavam a respeito das relações sexuais dos pais.

*Eu quase vi um dia minha mãe fazendo coisas (a criança não citava a palavra sexo. Apenas gesticulava com as mãos). Quando cheguei da escola, ela tava toda pelada e ele com shorts aberto. Eu senti um cheiro forte de pinga com guaraná.*

*Transar é que faz filho, quando um tá em cima do outro, aí fica balançando a cama e fica fazendo crec-crec-crec. Ah tia, você nunca viu! Eu já vi fazendo.*

*Eu já vi, meu pai e minha mãe transando. Vi eles namorando, fazendo umas coisas muito feia.*

*Eu vejo, quando tá de noite. Às vezes, eu ainda não tô dormindo, aí dá para ver pelo vidro da televisão.*

*O meu quarto é do lado do quarto deles, aí eu ouço eles.*

*Outro dia, eu fui no quarto deles e vi eles dois fazendo. Eu saí correndo e voltei pra minha cama e fingi que tava dormindo*

*No meu quarto tem uma parede que separa o quarto dele;, aí tem um buraquinho. Eles estão cobridos e não dá pra ver tudo. Aí eu tô deitado e faz um barulhinho, aí vou ver pelo buraquinho. A televisão ta ligada e eles estão cobridos, fazendo barulhinho crec-crec-crec.*

Estas informações, secretamente obtidas, eram discutidas entre os pares. Além delas buscarem informações para serem compartilhadas com seus pares, elas também passavam a fomentar a curiosidade de seus colegas, que passavam também a espiar seus pais.

*Me contaram que isso acontecia, aí depois fiquei tentando ver escondido lá em casa [risos]. Aí eu vi.*

*Ela me falou que é só ficar bem quietinho, não pode fazer barulho. Tem que ficar abaixado, aí eu vou conseguir ver eles na cama fazendo coisas.*

As conversas sobre sexualidade com os pares assumiam um lugar privilegiado e seguro para expressar suas curiosidades. Eram momentos mais agradáveis e a conversa era capaz de fluir com maior facilidade, porque entre os amigos não havia fronteira de geração que existe em relação ao adulto. Para as crianças, os pais não seriam capazes de compreendê-las.

*Eles são velhos, não sabem como tá o dia de hoje.*

*Eles ficam achando que tem que ser igual como foi no tempo deles, da minha vó.*

*A mãe e o pai pensam de um jeito, a criança pensa de outro.*

Quando um grupo de amigos busca informações a respeito de sexualidade, consegue encontrar respostas com maior facilidade. A turma confere uma proteção para treinar novas habilidades sociais e de interação com o sexo oposto. Os grupos de pares possuem uma cultura própria, com segredos, costumes e códigos de ética que promovem um sentimento de solidariedade e desprendimento dos adultos (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006).

As crianças apoiavam-se uma às outras, de forma empática, compartilhando idéias e experiências. Quanto mais pontos em comuns elas encontravam em suas histórias de vida, mais elas se identificavam, eram aceitas e eram apoiadas no grupo. As crianças chegavam a tentar

---

experimentar a experiência do outro colega para confirmar, auto-afirmar e identificar-se com seu grupo. As informações eram um segredo do grupo.

Quando os temas da natureza sexual são envoltos em um manto de segredos, passam a ser também fontes de curiosidade, de insatisfação e de inquietação (Nerici, 1988). Para Freud, a curiosidade da criança em relação à vida sexual está na curiosidade intelectual, na necessidade de estar informado (Chilland, 2005).

No momento em que os pais, a escola, os meios formais e seguros se omitem em abordar a sexualidade, outros mecanismos, os informais e comumente inadequados, ganham força e espaço privilegiado na vida e no desenvolvimento sexual das crianças. Para Reich, a boa educação seria aquela que conseguisse colocar limites sem inibir completamente a vida punitiva da criança (Albertini, 1994).

---

## CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE

Sexualidade é um termo abrangente e engloba inúmeros fatores. Envolve falar sobre questões históricas, políticas, culturais e religiosas, bem como sobre a identidade sexual dos indivíduos, os papéis sexuais, a afetividade, processo saúde e doença, etc. Segundo a WHO (2006), a sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações de um indivíduo, portanto, influencia também sua saúde física e mental.

Considerando que a concepção e a manifestação da sexualidade são influenciadas diretamente pelo contexto social e as experiências vividas por cada indivíduo, buscou-se nas entrevistas, compreender como as crianças compreendiam a sua sexualidade, sendo analisadas nesta categoria empírica. Para isso foram utilizadas técnicas facilitadoras, como citadas anteriormente para explorar o conhecimento delas.

As concepções delas eram vislumbradas através das associações de palavras, os significados conferidos às mesmas e também por suas experiências de vida. As crianças citavam e definiam palavras que associavam à sexualidade e continuavam a explorar o tema através de uma Narrativa Autogênica.

Elas falaram sobre temas vinculados ao gênero, a identidade sexuada, os papéis sexuais, a gravidez e os relacionamentos amorosos. Mas a sexualidade era primordialmente identificada como sendo referente ao ato sexual e o desenvolvimento biopsicossocial, com ênfase no teor do desenvolvimento corporal.

### SEXUALIDADE: IDENTIDADE E PAPÉIS

A dicotomia homem e mulher foi amplamente explorado pelas crianças. Os discursos falavam sobre questões vinculadas ao gênero, à identidade sexuada e aos papéis sexuais.

O gênero é definido como aquele que identifica as relações estabelecidas entre homens e mulheres socialmente construídas, ou seja, refere-se à construção social do sexo. O sexo, por sua vez, refere-se às diferenças biológicas entre homens e mulheres (Rossini, Saidel, Calió, Jesus, 1997).

A identidade sexuada é definida como um sentimento íntimo, que cada criança tem de pertencer a um dos sexos que a biologia e a cultura distinguem. Ela está inicialmente no imaginário dos pais e daqueles que as cercam, aparecendo como um conhecimento do sexo ao qual a natureza e a sociedade de pleno acordo fadam às crianças (Chiland, 2005; Silva, 2007).

Os papéis sexuais são definidos como padrões ou regras arbitrárias estabelecidas por uma sociedade para definir comportamentos e modos de se relacionar com seus membros (Muller, 2004; Louro, 1999). Eles já estariam bem estabelecidos em crianças de 03 três anos, tornando-se cada vez mais estereotipadas na medida em que elas crescem (Gundersen, Melas, Skar, 1984).

Para as crianças, os indivíduos eram classificados em dois grandes grupos: os do sexo masculino e os do sexo feminino. Elas diziam que ambos teriam comportamentos e características específicas inerente a cada um dos grupos, ou seja, cada sexo teria um comportamento característico próprio que deveria ser seguida e respeitada.

*Meninas usam rosa.*

*Meninas brincam de casinha.*

*Meninos usam azul.*

*Meninos brincam de futebol.*

*Homem tem que namorar com mulher.*

*Homem tem que casar com mulher, pra ser pai e mãe.*

*Homem não pode vestir coisas de mulher.*

*Homem que veste coisa rosa é mulherzinha, é bichola.*



---

*As meninas não podem brincar com a gente (meninos), elas não sabem brincar, aí fica reclamando.*

Não eram tolerados quaisquer desvios no exercício dos papéis. Qualquer atitude caracterizada como inerente ao sexo feminino, era prontamente repudiada pelas crianças.

Esta classificação e normatização dos papéis sexuais eram também observadas nas brincadeiras em grupo. Havia uma tirana necessidade de separação dos grupos de meninas e meninos. Elas teriam brincadeiras nas quais meninos não participavam bem como os meninos tinham as suas, nas quais as meninas eram rigorosamente excluídas da participação. Segundo Martinson (1984), as crianças não sentem esta separação como uma afronta dolorosa uma vez que elas têm em relação aos meninos a mesma atitude negativa que eles têm para com elas (Martinson, 1984).

Os meninos e meninas entrevistados exaltavam as qualidades do gênero a que pertenciam. Durante a entrevista, eram questionados quanto a qual dos grupos sexuais gostariam de ser. Respondiam realçando os elementos mais significativos atrelados à sua identidade sexual.

As meninas, de forma unânime, escolheram o sexo feminino, pois segundo elas, estas seriam vaidosas, mais bonitas que os homens, brincavam de bonecas e de casinha, teriam maior variedade de acessórios de vestuários, uso de objetos com tonalidade rosa e seriam mais afetivas que o sexo masculino.

*É melhor ser mulher porque é mais bonita, usa maquiagem.*

*Menina usa sainha, usa batom, brinca com boneca, brinca de casinha, usa biquíni. Mulher usa perfume, usa tiara, tem cabelo grande, usa sandália rosa, com florzinha, corações, com cheirinho.*

As meninas demonstraram que eram educadas e conduzidas para serem delicadas, reservadas, tolerantes. Eram orientadas a serem voltadas à esfera privada. Deveriam ser responsáveis pela administração do lar, enquanto os homens deveriam ser responsáveis pelo provimentos das necessidades de consumo e segurança. Nas brincadeiras, as meninas

reproduziam atividades domésticas, relacionadas ao universo da casa e da reprodução. Nas brincadeiras, simulavam a condição de mulher, esposa e dona de casa.

*Mulher tem que cuidar da casa, tem que fazer faxina.*

*Menina é muito mais delicada, usa rosa, é muito mais contente. Ajuda as mães, lava a roupa, lava a louça.*

*Ser mulher é ter respeito, fazer as coisas certas, trabalhar, nunca faltar no serviço, conseguir alguma coisa quando você precisa muito e não aprontar nada, não deixar os filhos na rua e viajar escondida. .*

*Menino não é tão bonito como a menina, As meninas se cuidam mais, as mulheres se cuidam mais.*

*A mulher pode ficar em casa cuidando do nenê. O homem tem que trabalhar o dia inteiro pra trazer dinheiro.*

Segundo Muller (2004), a reclusão feminina ao espaço doméstico restringe o acesso das meninas à rua ou aos locais de ócio, espaços privilegiados das culturas juvenis.

Os meninos, em maioria optou pelo sexo masculino. Apenas alguns meninos revelaram o desejo de ser do sexo feminino.

Os meninos que optaram pelo sexo masculino, disseram que ser menino era mais interessante do que ser menina. Para eles, os meninos brincariam de futebol, carrinho, corrida. Estas atividades seriam mais divertidas do que as brincadeiras das meninas. Além do mais, eles se auto caracterizavam como sendo mais corajosos, fortes e agressivos do que as meninas.

*Meninos são mais fortes, mais corajosos. Não têm medo de nada.*

*Ser homem é mais legal, só homem pode sair porque ele é forte e pode bater se acontecer alguma coisa.*

*Meninos jogam bola, jogam futebol, brincam com bonequinhos de super-heróis.*

*Homens têm força, podem trai (...). Só pensa em futebol, de brincar de bater, chutar, eles xingam, ficam zoando com as meninas.*

*É legal ser menino porque menino brinca todo mundo junto, brinca de um monte de coisas, brinca de carrinho, com bonequinhos, joga futebol.*

*Os meninos brincam de super-heróis, menina não pode comprar carrinhos, armas.*

Nas brincadeiras dos meninos, as atividades reproduziam atitudes de bravura, coragem, força e agressividade. Estas qualidades eram manifestas nas brincadeiras de super-heróis, competições com carrinhos, jogos com bola, etc.

As brincadeiras e comportamentos dos meninos possuem direta ou indiretamente ligações a estereótipos culturais ligados ao poder, controle, capacidade de liderança e luta (Conceição, Nogueira, 2004).

A força era uma característica que tinha um valor muito significativo para os meninos. Representava o meio pelas quais as crianças diziam exercer poder sobre as demais pessoas.

*O homem é mais forte que a mulher.*

*É bom ser homem porque tem força, tem músculos bem grandes, deste tamanho!*

*Todas as meninas é fraca, os homens que é mais forte.*

Algumas crianças verbalizaram que esta força era utilizada para agredir as meninas.

*Pode bater nas meninas. Tem que bater (...) Bato porque elas não respeita (...) Machuca sim, É pra machucar É homem contra mulher, menino contra menina. Os homens ficam com homens, mulher fica com mulher!*

Para os meninos, ter força física, significava ter poder, controle e ter mais direitos que as meninas. Eles diziam que apenas meninos poderiam sair de casa para se divertirem, pois teriam recursos para se defenderem perante situações de risco. As meninas eram consideradas por eles como um pessoas frágeis, vulneráveis e incapazes de se defenderem sozinhas, pois não teriam força física como eles. Assim, elas necessitariam ser a todo instante protegidas pelo sexo masculino.

*Só o homem pode sair, porque ele é forte e pode bater se acontecer alguma coisa.*

*O homem pode sair, porque ele sabe se defender, mulher não pode sair como os meninos.*

*Menina não pode sair porque a mulher pode ser estuprada: ser matada pelo homem.*

*O homem pode ser roubado, mas a mulher é mais roubada, porque menino tem mais força que a mulher, aí quando alguém quiser pegar ele, ele sabe se defender.*

*O homem tem que defender a mulher porque ele é mais forte que a mulher. A mulher não consegue se defender sozinha.*

*A mulher fica com o homem porque ela precisa dele pra ajudar a fazer coisas que ela não consegue fazer sozinha. É o homem que trabalha, leva dinheiro pra casa, que tem força. A mulher fica em casa cuidando da casa, dos filhos e faz comida pra todo mundo.*

*A mulher cuida da casa, tem que fazer janta pro marido, limpar a casa, mas os homens quando brigam com as mulheres, batem nelas.*

*O homem tem que trabalhar pra trazer dinheiro, porque o homem é mais forte que a mulher. Mulher é fraquinha demais pra trabalhar. Não agüenta.*

*Só o homem pode ser policial, mulher não pode porque é fraquinha.*

*O homem é grande, só trabalha e tem força.*

Os meninos eram incentivados a serem ativos, fisicamente agressivos, conter manifestações emocionais (choro, amor, dor, sofrimentos, etc). Além disso, eles seriam vigiados e cobrados pelas pessoas ao seu redor para demonstrarem masculinidade. Eles se auto-caracterizavam como sendo indivíduos curiosos, agressivos, imprudentes, violentos, mais ativos fisicamente do que as meninas e que se ocupavam mais em brincar com carrinhos, armas e montar coisas.

Os meninos competiam a potencialidade de suas forças entre eles. Segundo Gikovate (2000) a competência para situações agressivas representaria um ingrediente fundamental da prova de virilidade do homem, pois o menino, quando é agredido, deve responder prontamente com violência maior que a recebida para ser o vencedor da disputa. Se age desta maneira é admirado, valorizado e fortalecido

*Eu bato em todo mundo. Se ficar bravo, aí eu bato de novo.*

Para as meninas, os meninos significavam uma figura protetora do sexo feminino, mas também motivo de temor. As crianças afirmaram que eles utilizavam a força física para proteção do sexo feminino, mas também para agredi-las.

*Homens têm força, podem trair, é chato porque só pensa em futebol, brincar de bater, chutar. Eles xingam, ficam zoando com as meninas. Ficam provocando as meninas, xingando, puxam o cabelo e ficam brigando com a gente.*

*Os meninos são ruins. Tem menino que é chato, fica batendo nas meninas. Menino não pode bater em meninas. Eles são covardes.*

*Menino não tem respeito, às vezes não tem respeito, judia, bate nas meninas. Xingam.*

As meninas sentiam-se como as principais vítimas da violência masculina e queixavam-se constantemente desta posição. Elas sentiam-se desrespeitadas ao sofrer esta opressão pelos meninos, mas não conseguiam mudar esta situação. Essa impotência gerava incômodo e acomodação e algo que deveria ser aceito como fato comum às meninas e mulheres.

*Ah, eles batem nas meninas. Sempre acontece isso. Com todas as meninas.*

*Homem sempre bate em mulher. Eles são uns covardes.*

*Não adianta fazer nada. Se eu fazer alguma coisa, eles ainda vão me bater.*

*Menino bate muito em menina. Deixa a menina mancando. Meu irmão me bate. Ele fala que sou chata.*

Estas atitudes podem envaidecer a criança agressora, o que desperta a admiração por outros meninos, o que tende a levá-lo a repetir estas façanhas. Sempre que possível, trata de provocar situações de violência para poder se exibir como vencedor (Gikovate, 2000).

Contudo os meninos não consideravam as agressões como uma forma de violência física. Para eles, representavam como atos de meninos de verdade. Cobrados para exercerem seus papéis, os meninos compreendiam que ser do sexo masculino não garante, necessariamente, a

condição de macho. Esta condição deveria ser conquistada com ações de valentia.

*O menino tem força pra bater. Tem muita força, é coisa de maaacho! Não é coisa de menininha, tudo fraquinha, tudo chorona.*

Para as crianças, ser macho implica a capacidade de expressar potencialmente as características masculinas, distanciando-se da postura considerada característica feminina. Quanto mais o menino se afastava do comportamento dito feminino, mais macho ele era considerado.

*Macho não tem medo. Não pode ter medo.*

*Quando o homem é bem homem, ele é macho.*

*Minha obrigação é ser homem! Porque gosto de ser homem! Tenho que ser homem, porque sou macho, porque joga bola. Homem tem que ser macho.*

*O homem tem que ser macho. O macho é diferente das meninas.*

Ser um macho era uma característica muito importante para os meninos. Significava ocupar uma categoria privilegiada entre indivíduos do sexo masculino, ser mais homens entre os homens. Era uma prova de virilidade.

Outra característica que os meninos consideravam como importante em optar por ser um menino era a presença de um pênis.

O pênis agregava um valor de acréscimo na identidade do menino, em relação às meninas. Ser um menino/homem significava ter algo a mais do que as meninas/mulheres, colocando este último grupo sempre inferior a eles.

*O pipi serve pra mijar.*

*Só os homens têm pênis. A mulher não tem. Só o homem que conseguem mijar de pé, as meninas não conseguem.*

*Homem é o que tem pipi e não precisa ter bebê.*

*Homem tem pipi, mulher não tem.*

*Quando o bebê nasce a gente só sabe se é menino porque tem pipi.*

Para os meninos, ter o pênis era um motivo para querer ser do sexo masculino. Esta associação não foi manifestada pelas meninas. A vagina não foi apresentada como motivo para querer ser do sexo feminino. A vagina era lembrada, por eles e elas, como uma área genital feminina submissa ao uso do pênis.

*A vagina da menina serve para um dia um homem colocar o pênis dele lá.*

*O homem tem pênis, que serve pra mijar. Mulher não tem, a mulher tem vagina, aí o homem coloca o pênis na vagina da mulher.*

*Vagina é o onde o homem põe o pênis.*

Uma das meninas entrevistadas, que apontou o pênis como sendo característica do sexo masculino, mostrava submissão em relação aos homens. Disse ainda que seu irmão era um menino por se assemelhar ao pai em características físicas e comportamentais, especificamente pela atitude agressiva, força e presença do pênis. São elementos das quais foi possível observar que ela acreditava ser inerentes apenas aos homens.

*Eu sei que ele é menino porque ele faz tudo que meu pai faz. Ele morde no meu braço, mas ó, não machuca viu! Ele tem força. Meu irmão é pequenininho, mas tem força. Às vezes ele me empurra. . O meu irmão tem pipi igual meu pai.*

Nesta concepção, o sexo masculino é sujeito da sexualidade e o feminino seu objeto. Esta concepção é decorrente de uma herança do modelo hegemônico patriarcal brasileiro hierarquizado, um espelho de padrões mediterrâneos e demarcador da dominação masculina. O sexo masculino é sujeito da ação, da decisão, de chefia da rede de relações familiares e da paternidade. O sexo feminino é objeto do desejo, da vaidade, inferiorizado em relação ao sexo masculino (Chiland, 2005; Ribeiro, 2006).

Mesmo considerando todo este contexto de poder e dominação dos meninos em relação às meninas, alguns dos meninos afirmaram que gostariam de ser meninas. Eles acreditavam que apesar da dominação masculina, elas eram mais felizes que eles. Esses meninos acreditavam que a vida de uma mulher era mais interessante do que a de um homem. Eles

diziam que as meninas eram capazes de falar e expressar suas emoções e sentimentos com mais facilidade que os meninos.

*Menina é mais alegre. Elas são mais felizes.*

Para os meninos, o mercado de brinquedos ofertaria maior variedade de produtos voltados ao público feminino do que ao masculino.

*Elas aproveitam muito mais do que os meninos. Têm mais brinquedos para meninas do que para meninos.*

Os meninos referiam-se à maternidade como sendo uma das principais vantagens de ser do sexo feminino. Para eles, a capacidade de gerar uma criança no ventre, ter a experiência do parto, poder cuidar da criança, são experiências agradáveis. Uma das crianças contou que havia poucas semanas que sua mãe tida dado a luz a seu irmão.

*É melhor ser mulher porque mulher é feliz. Mulher pode ter bebê, Quando nasce o bebê, elas ficam felizes. A Mulher fica muito mais feliz que o homem. O homem não fica com o bebê.*

*A mulher pode ficar em casa cuidando do nenê. O homem tem que trabalhar o dia inteiro pra trazer dinheiro.*

Para estes meninos, o advento da gestação e do nascimento de uma criança era mais emocionante às mulheres do que aos homens. A paternidade era compreendida por eles da forma que Fein (1978) refere como um papel tradicionalista, em que o pai é apenas um provedor da família, base emocional da mulher, mas incapaz de se envolver diretamente com os filhos.

A legislação trabalhista propicia à mulher trabalhadora o direito de gozar de estabilidade empregatícia para a gestante, 120 dias de licença maternidade. Ela afasta-se do serviço e recebe, nesse período, seus vencimentos diretamente da Previdência Social. Após este período, durante o trabalho, ela tem direito a pausas para amamentar seu filho e auxílio de creches. Contudo, aos pais, a Constituição de 1988 prescreve a licença-paternidade por apenas cinco dias após o nascimento ou adoção do filho, com ônus para o empregador.



Apesar da gestação do nascimento constituírem, ao homem e à mulher uma fase de mudanças, para muitos homens, o sentimento paternal é um fato que só ocorre posterior ao nascimento e, em alguns casos, esse sentimento ainda não é tão perceptível, assim como a responsabilidade que esse evento pressupõe (Freitas, Coelho, Silva, 2007).

As meninas diziam não gostar do comportamento dos meninos. Elas afirmavam que eles eram irresponsáveis, agitados, violentos e agressivos.

*É chato ser homem, porque eles só pensam em jogar futebol, assistir jogo e só falam palavrão. Menina é mais educada, gosta de escutar música e não é agitada como os meninos.*

*Os homens batem muito nas mulheres, elas sofrem apanhando. Tem que fazer comida, tem que limpar a casa, sofre apanhando.*

*O homem apronta mais. Eles roubam, bebem, fuma e podem matar.*

*Ser homem não é bom, porque só gosta de beber. Só quer saber de sair e só volta no outro dia para casa.*

*É chato ser homem porque só falam palavrão.*

*Os meninos só pensam em fazer besteiras.*

*Os meninos são tudo ruim, são ousados, muito safados.*

Assim como as meninas diziam não gostar dos comportamentos dos meninos, eles também diziam o mesmo delas. Eles caracterizavam-nas como sendo chatas, normativas, verborrágicas, queixosas e que suas brincadeiras eram tediosas.

*Eu não gosto de meninas porque não gosto do que elas brincam, não tem graça. Os meninos brincam todo mundo junto. As meninas só brincam de casinha. Elas ficam gritando, ficam mandando fazer as coisas.*

*Eu não gosto de meninas porque não gosto do que elas brincam, não tem graça. Meninos não brincam de casinha porque é chato.*

*Menina é tudo chata, fica reclamando, elas gritam, fazem fofocas. Falam mal de todo mundo.*

*Menina ninguém quer, é chata porque força a brincar de boneca.*

Meninos e meninas adotam comportamentos diferentes. Em geral, as meninas agem pela persuasão verbal e os meninos, pela intimidação e uso da força física (Chiland, 2005).

Segundo Gundersen, Melas e Skar (1984), as meninas são menos ativas fisicamente, mais dóceis, mais carinhosas, procuram o contato humano e demonstram mais suas emoções do que os meninos. Por outro lado, ao sexo masculino é investido do estereótipo de agente do poder da violência, sendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções atualmente vigentes da masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, nas guerras e conquistas (Minayo, 2005).

As diferenças biopsicossociais entre homens e mulheres existem e seriam saudáveis se não conduzissem a idéias preconceituosas, que ferem direitos e implicam em relações de dominação de um sexo para o outro.

É importante o conhecimento das diferenças entre meninos e meninas, no contexto de gênero, sexo, papel e identidade sexual, para o desenvolvimento do conceito de sexualidade. A curiosidade da criança em relação ao seu corpo é um meio de esclarecer as diferenças entre meninos e meninas.

Os requisitos, masculino e feminino, não decorrem apenas da natureza biológica do homem e da mulher, decorrem também da interpretação das diferenças psicossociais impostas aos membros de uma cultura, que se submetem a estereótipos que, se contrariado, custa um estatuto de rejeição e exclusão (Chiland, 2005).

## **HOMOSSEXUALIDADE**

O termo homossexual é formado pela raiz grega *Homos*, que significa semelhante/igual, e pela raiz latina *Sexus*, que significa sexo/sexualidade. Juntas forma uma palavra que significa sexualidade semelhante, atração por indivíduos do mesmo sexo, sexualidade partilhada com uma pessoa do mesmo sexo (Daniel, Baudry, 1977).

Na atualidade, os homossexuais são considerados como grupos minoritários, vítimas de preconceito e discriminação sexual que possuem antigas raízes históricas (Lacerda, Pereira, Camino, 2002). Na história da cultura ocidental, a atividade sexual visava apenas a procriação. O casal legítimo e procriador ditava a lei, impunha-se como modelo, fazia reinar uma norma (Foucault, 2007). A heterossexualidade era naturalizada e legitimada, o homossexualismo (termo utilizado no período) era considerado um processo patológico, constando na quarta revisão da Classificação Internacional de Doenças de 1948, na subcategoria “Desvio Sexual” da categoria maior “Personalidade Patológica”, mantendo-se assim até a década de 70.

A partir de então, começaram a surgir os primeiros movimentos para a retirada da homossexualidade da lista de doenças. A Organização Mundial da Saúde, numa tentativa de romper com a idéia de patologização, passou a adotar o termo Homossexualidade no lugar de Homossexualismo, suprimindo-se o sufixo “ismo”, pois este fomentaria a notação de doença e preconceito (Barbosa, Galvani, 2007).

Contudo, apesar dos países ocidentais desenvolverem normas que coíbem a discriminação contra homossexuais, bem como conquistarem a diminuição dos preconceitos nas últimas décadas, não foi possível alterar significativamente todas as concepções negativas e preconceituosas a respeito da homossexualidade (Scardua, Souza Filho, 2006; Lacerda, Pereira, Camino, 2002).

Nas entrevistas, observou-se que eram os adultos que ensinavam as crianças o significado de homossexualidade, mas também deixavam fluir o preconceito negativo que eles tinham sobre homossexualidade.

*Tem que ser homem namorando com mulher. Minha mãe que me disse.*

*Meu pai que me disse que esse negócio de gay é coisa de gente doente.*

*Minha mãe fala que essas bichas não são normais.*

A visão de homossexualidade como doença é uma afirmação preconceituosa, predominante entre os adultos (Castro, Abromovay, Silva, 2004).

As crianças reproduziam a visão que tinham sobre a homossexualidade. A família era um terreno privilegiado, seguro e confiscado, onde se aprendia sobre normas e valores morais, sendo a homossexualidade ensinada como algo errado e impróprio.

*Tá errado isso! (referindo-se a homens se beijando.) O homem não pode casar com outro homem! Homem tem que casar com mulher. Tá errado.*

*Outro dia eu vi dois homens se beijando na rua. É feio. Não tá certo. Homem não pode beijar homem.*

As crianças têm como referencial legítimo, o casal heterossexual, composto por um homem e uma mulher, qualquer desvio deste, segundo elas, é anormal e patológico. Esta visão preconceituosa é uma forma de violência que passa despercebida na comunicação de pais e filhos e também entre os pares.

A sexualidade é compreendida através de uma visão binária, como as que opõem o bem e o mal, ou seja, identifica-se o feminino e o masculino como termos opostos, que se complementam e que poderiam viver um com o outro, mas nunca um no outro (Torrão Filho, 2005).

As crianças consideravam que os indivíduos, homens e mulheres, tinham característica e comportamentos padronizados que deveriam seguir conforme o sexo, não sendo tolerados quaisquer desvio de padrão de comportamento característico.

As crianças diziam que, por exemplo, a saia era um vestuário característico do público feminino, assim, o homem não poderia estar usando este tipo de veste. Se o homem vestisse uma saia, era considerado um desvio de comportamento masculino. Era denominado de bicha, termo de caráter ofensivo para se referir a um homossexual.

*Homem não pode usar saia, se usar é bicha.*

Comumente, as crianças utilizavam os termos conotativos “gay”, “viado”, “bicha” e “sapatão” para referir-se a homossexuais, com intuito ofensivo, depreciativo e pejorativo.

*A bicha namora com homem.*

*Viado é aquele que namora com dois homens. É bichola. É homem que beija na boca de homem.*

*Se o homem usar vestido, é mulherzinha, é gay, é sapatão, porque usam um sapato bem grande.*

*Gay é o homem que gosta de homem.*

*Sapatão é homem que se veste de mulher.*

*Bicha é homem que veste coisa de mulher (fazendo expressão de desgosto).*

*O homem se veste de mulher pra ficar amiga da mulher.*

*Tem homem que se finge de mulher para namorar com homem, porque o homem é gay e quer namorar com homem.*

Estes termos também eram utilizados pelas crianças, e por outras pessoas ao seu redor, com intuito de ofender uns aos outros, mesmo que não fossem homossexuais. Contudo, tornaram-se tão corriqueiros que passaram a ser banalizados. As crianças afirmaram que estas palavras eram utilizadas, mas tornaram-se insignificantes.

*Tem gente que xinga os outros meninos de bicha e viado, mesmo que num é. Só pra xingar mesmo. Só por falar mesmo. Às vezes fala sem ver que falou.*

Este tipo de linguagem reflete o caráter discriminatório, com intuito de humilhar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar ao outro. Muitas expressões de preconceitos e de discriminação tendem a ser naturalizados, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências (Castro, Abromovay, Silva, 2004)

Os meninos eram mais intolerantes à homossexualidade. Eles repudiavam e ficavam mais exaltados em criticar negativamente a homossexualidade do que as meninas. Eles eram o que mais citavam os xingamentos e preconceitos sobre a homossexualidade, demonstrando, por meios verbais e não verbais, repulsa, desaprovação, desgosto e nojo. Eles

faziam caretas, sinalizavam negação, sinalizavam afastamento com as mãos. Mostravam suas línguas em meio a caretas, manifestando nojo. O tom de voz deles se alterava, ficando mais alta e séria, demonstrando estarem bravos e indignados.

*Ele se veste de mulher, anda que nem mulher, fala assim: Ui!  
(ambas começam a satirizar e fazer caretas indicando nojo)*

Foi possível observar que os significados de homossexualidade, bem como os xingamentos citados por elas tinham caráter de fornecer características femininas de modo pejorativo ao outro. A própria homossexualidade era atribuída como sendo inerente apenas ao sexo masculino, entre homens. A relação homossexual entre mulheres não era reconhecida.

A homossexualidade significava, as meninas, demonstração de traços femininos pelo sexo masculino, sendo a homossexualidade feminina inexistente, pois qualquer demonstração de afeto entre meninas era apenas amizade, ressaltando-se novamente a questão de que à mulher era permissível ter demonstrações afetivas e emocionais, sejam entre elas ou com o sexo masculino, sem terem sua sexualidade julgada. Por lado, o sexo masculino teria sua sexualidade denegrida.

*A mulher anda junto, de mãos dadas porque é amiga, homens que andam juntos de mãos dadas é bicha.*

Na cultura ocidental, não é permitido que os meninos tenham deslizes quanto a sua sexualidade. Pequenas demonstrações de gestos de carinho caracterizariam a homossexualidade, mas há maior tolerância em relação às meninas/mulheres. Elas podem demonstrar afetividade com carícias entre elas, sem pavor de serem julgadas como homossexuais (Gikovate, 2000).

Tendo em vista a herança de uma norma cultural desenvolvida por uma sociedade machista, que constituiu a imagem do homem como hierarquicamente superior à mulher, sua honra é ferida quando apresenta características femininas, por isso a homossexualidade masculina é mais

---

depreciada que a homossexualidade feminina (Lacerda, Pereira, Camino, 2002).

Nessa concepção machista, os homens homossexuais estariam rebaixando seus sexos ao adotarem padrões de comportamentos femininos. Por outro lado, mulheres lésbicas estariam usurpando um poder que não lhes pertence, ao qual sequer poderiam usar, já que são desprovidas dos meios da consumação da masculinidade (Torrão Filho, 2005).

Os meninos a todo instante estão atentos e temerosos de terem sua sexualidade identificada com o feminino, ou de serem dominados por outro homem, como se fosse uma mulher. Este temor, segundo Gikovate (2000), significa que tornar-se homossexual é algo que pode acontecer com tanta facilidade deve ser evitada com grande energia.

*Se algum homem me paquerar é bicha.*

*Eu não sou bicha pra me paquerarem.*

*Homem que paquera homem são gays. Eles são bicholas.*

Para os meninos, quando se algum indivíduo do sexo masculino demonstra interesse afetivo e sexual por eles, deseja manipular e ver seus corpos, é porque estão sendo considerados homossexuais ou sendo identificados com traços do sexo feminino. Essa má interpretação é muito ofensiva aos meninos, uma vez que se põe em dúvida sua virilidade.

Ambas situações eram temidas e repudiadas, pois estariam ferindo sua figura de macho. Era inconcebível ter outro garoto ao seu lado, com interesses afetivos, independentemente da interpretação que se fizesse deles. Eles acreditavam que, a partir do momento que fossem alvo de interesse de outro homem, eles também se tornariam homossexuais.

As mulheres poderiam demonstrar interesse afetivo e sexual, ver e manipular seus órgãos sexuais. Esse interesse afirmava o caráter heterossexual deles. Os únicos homens que poderiam se aproximar, observar e manipular suas genitálias eram enfermeiros e médicos do sexo masculino. Para as crianças, as atividades destes profissionais, não teriam

interesse afetivo e sexual. Seriam idôneos promotores de seu bem estar, que garantiriam o pleno exercício de sua sexualidade.

*Só mulher pode ver. Homem, só se for enfermeiro, só se for médico. Se outro homem mexer, se outro homem ver é porque é viado.*

*Eles cuidam da nossa saúde, pra gente sempre estar forte, nunca ficar doente.*

*Eles vêm se tem bichinho, se tem alguma coisa, cuida do corpo da gente.*

É importante observar a confiança demonstrada pelas crianças na equipe de saúde. As crianças permitem que profissionais de saúde ou mulheres manipulem seus corpos, acreditando que é para seu benefício. Gabel (1997) afirma que o abuso sexual é produto de disfunções nas relações interpessoais, dentre elas a confiança que uma criança pequena e dependente tem no adulto protetor.

A confiança que elas têm nos adultos considerados idôneos pode ser traída quando esses adultos tornam-se abusadores sexuais. É necessário cautela contra o aliciamento das crianças, pois segundo Sanderson (2005), os pedófilos escolhem profissões e atividades que lhe permitam ter fácil acesso às crianças sem levantarem suspeitas. Isto pode confundir as crianças.

Os relatos das crianças revelaram que a normatividade sexual também as expunha a outros riscos. Elas eram vítimas de uma educação e orientação sexual plena de idéias violentas, agressivas, discriminatórias e preconceituosas sobre a homossexualidade. O temor à homossexualidade restringia a espontaneidade nas relações com os amigos, tendo vista a cobrança de como deveriam pensar e agir. Mas elas, sem mesmo perceberem, tornavam-se agressoras ao reproduzirem o que aprendiam.

## **O ATO SEXUAL**

As crianças associavam a sexualidade ao ato sexual. Durante as entrevistas, elas falaram sobre o que o ato sexual significava, bem como o



que acontecia, e quando seria o momento ideal para se iniciar suas atividades sexuais. Ao falarem sobre o ato sexual, algumas crianças acabaram falando também sobre camisinha e gravidez.

Para elas, o ato sexual era uma atividade heterossexual realizada por indivíduos adultos, sexualmente maduros, com intuito reprodutivo e que gerava prazer.

*Sexo é o que os casais fazem quando ficam grandes.*

*Faz sexo quando quer ter filhos.*

*Quando o homem e a mulher crescem, eles começam a fazer sexo.*

*Quando o menino é criança, ele só pensa em ficar brincando de carrinho, destas coisas. Quando ele cresce, ele vai pensar em outras coisas, vai querer namorar, vai querer fazer sexo.*

As crianças diziam que, durante a infância, as brincadeiras seriam as atividades mais importantes e geradoras de prazer. Na fase adulta, as brincadeiras deixariam de existir, e seriam substituídas por outras atividades geradoras de prazer, tais como as relações afetivas e sexuais.

Falar sobre o ato sexual era difícil para algumas crianças. Algumas ficavam envergonhadas em falar sobre assunto. Elas faziam longos períodos de silêncio, risos contidos, desvios de olhar e palavras ditas em baixo tom de voz, em formas de sussurros. As mãos cobriam o rosto, principalmente a boca, substituíam palavras de cunho sexuais por onomatopéias ou por eufemismos.

Sabe-se que existe a necessidade de falar sobre relações sexuais e a sexualidade, mas ao mesmo tempo gera-se vergonha. Na cultura ocidental, há tabus e segredos guardados, herança de uma cultura repressora (Foucault, 2007). Segundo Gaulejac (2006), a vergonha internalizada se constitui por ondas sucessivas e produzem um nó psíquico, nas quais é possível encontrar segredos, falsidades, confusões, deslocamentos, culpas e violências. Esses processos de internalização sobre a sexualidade são complexos e podem ter repercussões psíquicas

intensas. Podem colocar em perigo a criança vulnerável, tanto no plano afetivo, quanto no de suas relações sociais (Gaulejac, 2006).

Se falar sobre sexo era difícil, citar a palavra “sexo” era mais difícil ainda, pois as deixavam embaraçadas. Para isso, elas redinamizavam sua potencialidade criativa e utilizavam de outros meios para falar sobre o sexo, sem mesmo ter que citar a palavra. Isto facilitava o diálogo.

Elas passaram a utilizar outras palavras que substituíam a palavra sexo, tais como : “isso”, “coisas” e “aquilo”.

*Eu vi minha mãe fazendo coisas.*

*É fazer aquilo, sabe aquíiiiiiiilo.*

Outras utilizavam onomatopéias de sons que elas associavam ao ato sexual, tais como “fuc-fuc-fuc” e “ãaam” e juntamente faziam gesticulações e mímicas para designar o ato sexual. Nas mímicas com as mãos, elas representavam cada mão como sendo um indivíduo no ato sexual, e desta forma, elas esfregavam e batiam a palma de uma das mãos sob o dorso de outra mão, gesticulando um movimento de vai e vem, sugerindo o coito, ou então elas, com o dorso de uma mão batiam rapidamente sobre a palma de outra mão. Outras crianças interpretavam o ato sexual com todo o seu corpo, realizando movimentos de vai e vem dos quadris, para frente e para trás, e as mãos como se estivessem agarradas a outras pessoas.

*Eu acho que eles fazem ãaam.*

*Pra transar, eles tiram a roupa até ficar pelado, jogam na cama, jogam no chão. Mas eles tiram pouco a pouco, aí ele joga no chão depois os dois na cama “fuc, fuc, fuc, fuc”, um em cima do outro e depois fala “ô filha, pega essa roupa que tá no chão!”. Aí a filha pega e cheira.*

Como o ato sexual foi ensinado à algumas crianças como sendo algo feio, sujo e repulsivo, um dos mecanismos que as crianças encontram para fugir da vergonha era chamar as relações sexuais de “coisas feias”, conferindo um caráter negativo ao ato sexual, na tentativa de demonstrar que comentam o assunto, mas com tom moralista.

---

*Vi eles fazendo coisas muito feias.*

*O casal faz coisas feias na cama.*

Como o ato sexual era caracterizado como sendo algo negativo, elas não deveriam abordá-lo. Dessa forma, os adultos tentavam mantê-las longe de quaisquer influências que as levariam a buscar respostas, sobretudo, em experiências sexuais. Mas ao proibi-los de dialogar a respeito, de buscar respostas sobre sexualidade em meios seguros de informações, pois se encontravam emudecidos pela vergonha, medo e culpa.

*Isso daí é feio e criança não pode nem saber.*

*Na TV, tava passando coisas que criança não pode ver, que não posso saber, passando alguma coisa que ta fazendo com o outro e que não posso saber disso e nem ver porque sou de menor. É falta de respeito da criança. Eu só posso saber disso quando eu crescer, quando eu entender melhor. Vai que você fala para alguém, aí alguém fica pensando que eu falei sobre isso (o sexo).*

As crianças protegiam-se através da volição. A volição, conserva a capacidade interna de se omitir quem é, sob que forma se deseja se mostrar ao mundo das aparências (Arendt, 2004).

As crianças também demonstraram outro meio pelo qual buscavam compreender o ato sexual. Diante da proibição, do silêncio em casa e da vergonha, elas procuravam investigar sobre o ato sexual, espiando seus pais mantendo relações sexuais, e suas descobertas eram intercambiadas com seus colegas, que também eram motivados a espionar seus respectivos pais. Todos os sentidos eram explorados para captar o ato sexual. Uma das crianças afirmou que cheirava roupas íntimas dos pais que anteriormente tinham mantido relações sexuais.

Falar sobre o que é ato sexual, significava para as crianças ter que caracterizar o que elas viam.

*Os adultos cobrem a cabeça, ficam se beijando, se abraçando, aí eles ficam lá fazendo uns negócios dentro do quarto quando a gente tá dormindo. Eles acham que agente tá dormindo. Mas não é só beijo que eles ficam dando. Eles ficam fazendo assim (coloca uma mão sobre a outra e gesticula movimentos de vai e vem, de cima para baixo). Eles transam.*

*Ficam um em cima do outro, o homem põe o negócio dele na mulher, ficam se mexendo e ficam os dois grudados.*

*Um sobe em cima do outro, aí eles beijam, aí o filho aparece e eles falam, eu não encontro minhas calças.*

Quando solicitadas para descreverem como tentavam ver seus pais no quarto, elas entreolhavam-se, tentavam ao máximo conter risos que transbordavam entre as mãos e dedos que cobriam bocas risonhas. Envergonhadas, acabavam por questionarem se a entrevistadora também não teria feito o mesmo, tentando poupar de ter que descrever o que viam. Uma das crianças sabia que estava fazendo algo que não era permitido e, em busca de amenizar sua culpa, dividiu-a com as demais crianças ao dizer que observar escondidamente era um fato habitual realizado pelas demais crianças. Para isso, solicitou a confirmação de sua teoria ao colega de entrevista.

*A tia, você nunca viu? Nunca espiou? Todo mundo vê? Não é verdade? (dirigindo-se ao colega).*

*Todo mundo vê isso (respondeu o coleguinha).*

As crianças menores buscavam adquirir conhecimento sobre sexualidade, mas para os meninos pré-puberes, a atividade sexual era uma experiência muito desejada. Elas sabiam como aconteciam os relacionamentos sexuais e desejavam experimentar. A vontade era compensada em fantasias sexuais e masturbação.

*A gente fica com vontade de fazer sexo, ainda vendo as modelos na TV (os garotos ficaram irrequietos tocavam muito no genital).*

*Vontade a gente fica, vendo aquelas modelos, a gente fica pensando à noite, fica sonhando, mó bom. Eu já sonhei com um monte de menina, aí tem uma hora que tá muito bom que tô lá com ela, mo cato, tava maior legal, meu pau tava mó legal, aí vem minha mãe mexendo o guarda roupa, aí ela fala que é para ir para a escola, aí eu já foi meu sonho bom. Quando sonho, fica bom de manhazinha. Aí, na parte que tá mais boa, a mãe me acorda e vem aquele sol claro. Você tem que dormir mais cedo para dar mais tempo de sonhar até o fim. Você acorda e parece que você mijou. Fica melado. Eu tava sonhando que tava tudo gostoso no sonho e quando percebi tava tudo sujo. E quando tá bom, tem que acordar? É horrível!*

Desde os primeiros anos de vida, as crianças começam a descobrir que diversas áreas do corpo despertam sensações agradáveis

quando tocadas ou acariciadas e, na medida em que amadurecem, começa a se desenvolver uma consciência sensual que, em condições saudáveis, atingirá seu ápice na vida adulta. É natural, então, que nesse universo de sensações, a criança se mostre curiosa na exploração do corpo e tenha imaginação que gera um prazer ainda difuso (Costa, 2005).

Os desejos e as fantasias sexuais dos meninos giravam em torno de mulheres com o padrão de beleza exibidos em programas televisivos. Novamente, observou-se a influência da mídia sobre os meninos. Eles aspiravam por parceiras sexuais idealizadas com padrão de beleza divulgado pela mídia.

As meninas, entretanto, não procuravam por padrões de beleza. Elas tinham outros critérios de seleção para parceiros sexuais. O parceiro idealizado era alguém com quem manteriam relações sexuais estáveis, que envolvesse afetividade e somente após a maioridade.

*Os casais de namorados fazem sexo quando estão juntos. Porque gosta dele.*

*Só pode fazer (sexo) com o namorado depois dos 18 anos.*

*Pra fazer sexo a gente tem que gostar, se não, não faz.*

*A mulher faz sexo com o marido.*

*Quem transa é mãe com pai, os tios, os avós e namorados.*

Os meninos não falaram sobre uma idade para iniciação de relações sexuais. Este foi um critério incisivamente apresentado pelas meninas. No imaginário delas, não seria permitido ter relações sexuais antes de completar a maioridade, antes de um casamento. Elas não poderiam engravidar, teriam que utilizar preservativo, mas este não deveria ser acessível a menores. Logo, segundo as meninas, as relações sexuais antes da maioridade eram proibidas.

*Só pode usar camisinha se for maior de idade. Criança não pode namorar nem usar camisinha. Não pode usar porque não é coisa pra criança, porque não pode ter filhos.*

*O sexo é só para mulheres mais velhas. O sexo não é para meninos e meninas porque elas podem ficar grávidas.*

---

*Os namorados fazem sexo, mas tem que usar camisinha quando os namorados não querem ter bebe.*

*Quanto ela tá namorando e ela não quer ter bebê, ela tem que usar camisinha.*

Contrária à visão das meninas, no Brasil, os jovens com baixo nível de instrução e os que possuem baixa renda familiar são os que demonstram maior atividade sexual, iniciação sexual mais precoce e menor percentual de uso de preservativos masculinos nas últimas décadas (Façanha et al, 2004).

### **O uso do preservativo**

O preservativo é um método de proteção de barreira, que reduz o risco de se contrair doenças sexualmente transmissíveis e de uma gravidez indesejada. As crianças o citaram como meio contraceptivo. Segundo DiClemente, Zorn e Temoshok (1986), poucos jovens compreendem que o preservativo, muito além de prevenir uma gravidez, é também o responsável por reduzir o risco de contrair uma doença sexualmente transmissível.

*Namorados usam camisinha pra não ter filho.*

*Camisinha é um negócio que os casais usam pra não ter bebê.*

Desta forma, para as crianças, os casais formalmente unidos não precisariam fazer uso deste método. Somente os casais de namorados, que não tivessem relações mais estáveis e duradouras, e não quisesse ter filhos, deveriam fazer uso de preservativo.

*Só pode ter filhos depois que casar.*

*Só depois que a mulher casa que ela pode ficar grávida.*

*A mulher faz sexo com o marido e não precisa de usar camisinha porque já são casados.*

Segundo a literatura, a utilização de camisinha nas relações matrimoniais é escassa, devido a crenças e valores morais associados ao casamento (amor, fidelidade, respeito, confiança e cumplicidade), havendo um pressuposto de que, ao assumir tais valores na vida cotidiana, homens e

mulheres estariam protegidos do risco de se infectarem com doenças sexualmente transmissíveis (Maia, Guilhem, Freitas, 2008).

As considerações apontadas pelas crianças revelaram que elas se sentem vulneráveis a uma gravidez indesejada, uma vez que acreditavam não poder ter acesso a métodos de proteção seguros.

## **Gravidez**

A gravidez foi outro conceito que se desdobrou para o assunto “ato sexual”. Era vista como conseqüência do ato sexual sem preservativo ou de um evento espontâneo oriundo da maturação do desenvolvimento biológico da mulher. Tal compreensão variava conforme os conceitos que as crianças possuíam do ato sexual.

Quando as crianças desconheciam o que é o ato sexual (resposta comum das crianças entre 06 à 08 anos), elas justificavam a gravidez como um evento espontâneo, decorrente da completa maturação do corpo feminino. Tal maturação somente se completaria com o matrimônio.

*Gravidez é quando uma mulher fica velha e o corpo dela acha que tá na hora de fazer um bebê, começa a fabricar no corpo, fica com a barriga deste tamanho. Aí depois ela tem que ir no médico para abrir a barriga dela e tirar o bebê, depois fecha e ela volta pra casa.*

*Só pode ter filhos com 14 anos, porque com 14 anos as coisas já tá na barriga da mulher. Aí você pode namorar, depois casa. Quando a mamãe casa, faz festa, aí a barriga cresce e pode sair um neném. O bebê começa a crescer na barriga. Aí, a barriga tá pronta.*

Elas também tinham uma visão romântica idealizada sobre os relacionamentos amorosos, enfatizando-se finais felizes em uma família tradicional, afetuosa e harmoniosa.

*O pai e mãe da gente se encontram e casam, dão um beijinho e vão para a casa nova, montam a casa e depois compram um carro e uma moto. Aí, depois eles tem filhos.*

*Primeiro eles são namorados e depois que casam viram marido e mulher.*

No imaginário delas, estruturava-se uma história na qual, no ventre da mulher, já exista uma criança pré-formada, e que após, todo o ciclo de maturação da mesma se completar, desencadeada pelo matrimônio, seria disparado um mecanismo na qual um feto iniciaria seu processo de desenvolvimento.

*O bebê tá lá na barriga da mãe, bem pequenininho, aí quando casa, eles começam a crescer, aí a mulher fica grávida quando a barriga cresce, aí o bebe nasce junto. Minha mãe tá grávida. O bebê tá na barriga dela. Primeiro, eles são deste tamanho (mostrando com as mãos, cerca de 10 cm). Depois, eles vão ficando deste tamanho (aumentando a distância entre as mãos), e depois deste, até ficar grandão. Depois eles vão crescendo, vão crescendo, crescendo até ficar deste tamanho (mostrando uma altura maior que a sua).*

Segundo as crianças, a gravidez antes do matrimônio evidenciava apenas uma disfunção do corpo da menina, que teria acelerado o desenvolvimento de seu corpo.

*Se uma menina não for casada ou for muito nova e tiver neném é porque as coisas dela cresceu rápido demais, aí nasceu o nenê.*

As crianças que já possuíam conhecimento mais realista e estruturado do que era o ato sexual, concebiam que a gravidez era decorrente de uma relação sexual sem uso de camisinha.

*Fica grávida quando faz sexo e não usa camisinha.*

Nesse caso, as crianças se responsabilizariam pela escolha ou não de engravidar, mas também se culpariam e aceitariam castigos caso engravidassem. Elas tinham um discurso permeado de ameaças, desventuras e negativismo sobre a gravidez.

*Se for menina de doze ou dez anos, ela não consegue cuidar do bebê. Não sabe como cuidar, por isso não pode ter bebê quando é nova. Se a mulher engravidar velha, ela não vai poder cuidar do filho dela, não vai conseguir cuidar.*

*A criança não pode ter filhos porque não pode nem namorar, se não a mãe dela bate, dá um cacete.*

*Gravidez é quando a menina faz sexo com o menino, mas só fica grávida depois que ela menstrua. Como eu já sou menstruada, eu já posso ficar grávida. Eu não quero ficar grávida. Se você ficar grávida agora, você tem que parar de fazer tudo o que você gosta, você tem que cuidar do seu filho. Meu pai disse que se eu aparecesse grávida, ele ia me matar. Ele fala que é para casar e namorar só quando tiver uns 18 anos.*



---

*Tem menina que engravida cedo e o menino não assume a criança. Depois deixa o bebê no hospital, joga no lixo pra não criar a criança. Eu conheço uma mulher que já abortou cinco crianças.*

A gravidez ocorre com frequência em um clima de ruptura: adolescentes isolados, em conflitos com os pais, rejeição familiar, ruptura com uma escolaridade quase sempre marcada pelo fracasso, condutas agressivas e fugas (Marcelli, Braconnier, 2007).

Apesar das repreensões e ameaças às crianças, principalmente às meninas, de fato, a gravidez durante a adolescência era um fato comum nas famílias e meio comunitário das crianças entrevistadas. Elas contaram histórias de irmãos ou irmãs que haviam tornado-se pais durante a adolescência.

*Minha irmã tem quinze anos e tem um nenê.*

*A minha irmã engravidou com 17 anos.*

*Conheço uma menina que engravidou com treze anos. Tem um monte de meninas que a gente conhece que engravida com treze ou catorze anos.*

A gravidez era um evento que deveria ocorrer após um casamento, durante a adolescência representava que, a partir daquele momento, a adolescente deveria abrir mão de seus sonhos e viver as conseqüências de um erro que cometera. Isso, segundo as crianças, era comum acontecer em seu meio.

## O TEMPO E A SEXUALIDADE

A sexualidade se desenvolve com o passar dos anos, razão pela qual a sexualidade da criança é diferente da sexualidade de um adulto. A sexualidade na infância está relacionada às sensações prazerosas, apoiadas na satisfação de necessidades básicas, como a alimentação, segurança, amor e cuidados com a higiene. É desenvolvida desde as primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe (Silva, 2007).

As diferenças da sexualidade de uma criança e de um adulto foram mencionadas pelas crianças entrevistadas. Suas comparações pautavam-se em observações e mudanças que ocorria ao longo de suas vidas.

## O DESENVOLVIMENTO BIOPSIKOSSOCIAL

As crianças identificavam as diferenças físicas e comportamentais entre adultos e crianças. Estas diferenças eram manifestas na própria denominação que atribuíam para se referirem a cada um deles. As crianças do sexo masculino e feminino eram denominadas por elas de meninos e meninas, respectivamente.

*Menina é criança, ainda é pequena.*

*Menino é criança.*

Já os adultos do sexo masculino e feminino são denominados como homens e mulheres, respectivamente.

*Homem é adulto.*

*Mulher é adulto.*

*Mulher é gente grande.*

Para diferenciar um adulto de uma criança, inicialmente utilizavam os critérios estatura e idade. Elas consideravam que os adultos eram

aqueles que tinham mais idade e maior estatura. Desta forma, elas referiam-se às crianças como “pequenos” e adultos como “grandes”.

No que se refere a idade, o marco divisor da infância com a vida adulta, seria a maioridade legal, ou seja, completar 18 anos. Para elas, nesta fase, os indivíduos já teriam alcançado o máximo de seu crescimento (estatura).

*Só vira adulto depois que faz 18 anos.*

*Quando fica adulto, não cresce mais. Só cresce quando é criança.*

Elas associam o conceito de menoridade e maioridade da pessoa física com o desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos. As crianças consideravam que completar 18 anos era um marco na qual elas deixavam a sua meninice para se tornarem oficialmente adultas.

A maioridade é um termo referido no capítulo I do Código Civil Brasileiro (2008), que fala sobre a personalidade e capacidades civis dos indivíduos. Neste, definiu-se que a personalidade civil de qualquer indivíduo começaria a partir do nascimento, mas as crianças menores de dezesseis anos seriam absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil; os jovens maiores de dezesseis e menores de dezoito seriam relativamente incapazes; mas, ao completar dezoito anos, os jovens ficariam habilitados à prática de todos os atos da vida civil.

No que tange a sexualidade, as crianças acreditavam que a sexualidade durante a infância é algo latente, e passaria a ser manifestada na adolescência, durante o advento da puberdade e concluída quando completasse 18 anos, ou seja, tornasse um indivíduo adulto.

*A sexualidade é aquilo que ensinaram a gente outro dia na escola, é o que acontece na puberdade.*

*Quando é criança não tem. Só quando cresce.*

*É coisa que criança não tem, não faz e nem pode falar. Só quando ficar grande.*

A adolescência é um processo fisiológico, social e de maturação em resposta as alterações da puberdade (Hockenberry, Wilson, Winkelstein,

2006). A puberdade, por sua vez, refere-se ao processo de maturação hormonal e de crescimento que ocorre quando os órgãos reprodutivos começam a funcionar e os caracteres sexuais secundários se desenvolvem (Hockenberry, Wilson, Winkelstein, 2006).

As crianças citaram como alterações que ocorrem na puberdade, o aumento de estatura, crescimento de pêlos, seios nas meninas e barba nos meninos, mudança do tom de voz, a menstruação, etc. Para elas, estes caracteres são as evidências mais concretas do desenvolvimento da sexualidade.

*A gente vai crescendo, vai ficar grande, vai ficar adulto. Fica com os braços mais cumpridos, as pernas também crescem, o homem fica com barba, fica com pêlo no peito, mulher fica com peito.*

*A puberdade acontece com 10 anos. Depois que a pessoa faz 10 anos, aí a voz engrossa nos meninos, o corpo muda, desenvolve e, nas meninas, elas menstruam.*

*Puberdade é quando você está se transformando, o seio começa a crescer, as pernas engrossam, começa a nascer pêlos sobre o corpo.*

Para uma criança, a sexualidade seria a puberdade propriamente dita. Durante o relato dela, citou a palavra sexualidade como sendo um sinônimo de puberdade.

*Na sexualidade tem que ir pro médico pra cuidar da gente, ver se a gente tá doente, dar remédio, ver se tem bichinho, escutar o coração, tem vez que dá injeção. Ele olha o corpo da gente para ver se tem alguma coisa. Tem que tomar banho direitinho, ter bons hábitos de higiene, saber se limpar, saber cuidar do corpo, ficar limpo.*

Observou-se que o repertório sobre as mudanças corporais que acontecem na puberdade é muito semelhante entre as crianças, contudo a forma que ela é compreendida e experimentada é diferente entre meninos e meninas.

Os meninos percebem a puberdade e a adolescência como um momento positivo em suas vidas. Eles as percebem como um período de vida na qual ganham mais liberdade, autonomia, maior interação com os colegas, descobertas de mais atividades prazerosas, a descoberta do sexo

oposto, elaboração de novos projetos de vida, enfim, eles se viam mais participativos do meio social.

*É mó legal a adolescência. Pensa de outro jeito. Criança não consegue ver muita coisa, o adolescente consegue.*

*A gente consegue sair mais com os amigos, pensa mais em namorar.*

*Dá pra fazer um monte de coisas que criança não podia fazer. A gente sai sozinho, vai nos lugares onde antes, quando você era criança não podia: ir a festas, ficar mais na rua, sair sozinho, ir nos lugares com amigos.*

*Prefiro ser menino porque tem mais mulher bonita, mais nova e se você for velho, sua namorada é mó velha baranga.*

As meninas, por outro lado, vislumbravam a adolescência e a puberdade como um momento permeado por muitos inconvenientes, obstáculos e transtornos. As mudanças corporais, tais como o desenvolvimento dos seios, deixavam-nas envergonhadas e incomodadas. Elas diziam que os seios passavam a chamar muita a atenção, principalmente dos meninos, e estes comumente faziam comentários de cunho sexual a elas. Tais comentários as deixavam constrangidas.

*Essas mudanças no corpo incomodam. O seio fica aparecendo, tem que usar sutiã, o pessoal fica olhando e os meninos ficam falando “Que menina gostosa!”. Sinto muita vergonha.*

*Quando a menina tá se desenvolvendo, a menstruação pode vir a qualquer hora. É muito ruim tudo isso.*

*É ruim estar menstruada. É ruim porque você sente muita cólica. Dói muito. É melhor quando não vem, porque quando você está menstruada não pode fazer um monte de coisas.*

*Deve ser ruim. Quando vier minha menstruação acho que vou ficar desanimada. Não quero que venha. Tenho medo de quando descer ter dor, ter TPM.*

Para as meninas, a menstruação também significava outro obstáculo. Além de ser relacionada a dor, incômodo, desconfortos, era também relacionado a um acontecimento que demarcava o término da infância e o início da adolescência. Elas aprenderam que a partir da primeira menstruação, deixariam automaticamente de serem crianças, para crescer, mudar de hábitos e ser consideradas adolescentes, mesmo que não estivessem preparadas para isso.

---

*O menino tem que deixar para trás o que ela pensa. Se agora é criança, pensa numa coisa, mais tarde não vai mais ser essa pessoa.*

Algumas meninas afirmaram que foram obrigadas a deixar de participar de muitas brincadeiras, eram mais cobradas e controladas nas suas atividades e passaram a ter que se submeter a crenças culturais no que tange ao cuidado do corpo durante o período menstrual.

*Depois que a menina menstrua não pode mais sair, porque ela pode ficar grávida.*

*As meninas não podem mais sair pra ficar brincando na rua depois que a menstruação vem.*

*A gente não pode correr e pular corda. Minha mãe disse que quando a menina tá menstruada a gente não pode pular corda e nem sentar em lugar quente, não andar de bicicleta e nem correr. Quando a menina está menstruada e se senta em lugar que outra pessoa sentou e tá quente, desce mais rápido para a menina, aí não pode sentar.*

*Quando tá menstruada não pode lavar o cabelo. Ele fica todo sujo, todo ensebado.*

Era comum encontrar meninas que aprenderam o que era a menstruação através da experiência. Elas disseram que não foram informadas sobre o que era a menstruação antes da mesma acontecer. A menarca, desta forma, foi marcada como um momento de grande susto.

*Eu tive a menstruação, quando veio, eu achei que eu tava doente. Pra mim, quando desceu, eu tava limpando a casa com minha irmã, ela viu e disse que tava saindo sangue da minha bunda. Aí eu falei que era mentira, depois que eu fui lá ver, tava mesmo. Não sabia que ia acontecer isso, minha mãe só falava que um dia eu ia ficar mocinha, mas não falava o que acontecia.*

Após ocorrer a menarca, algumas meninas passaram a receber mais informações dos pais, porém elas tinham mais caráter ameaçador do que orientações.

*Como eu já fiquei mocinha, falaram que eu posso ficar grávida, mas meu pai falou que se eu ficar grávida ele vai me bater, ele vai me matar. Por isso ele não deixa sair.*

Segundo Nerici (1988), educar sexualmente é muito mais que fornecer informes, é dar um sentido socialmente positivo e responsável a uma função inerente ao indivíduo e que seja capaz de integrá-lo à vida social e levá-lo a pleno desenvolvimento biopsicossocial sem repressões,

---

sufocações e desvirtuamentos da função sexual. Para a autora, a informação sexual é útil e necessária, mas a informação pura e simples apenas exacerba mais o interesse pelos problemas do sexo, é capaz de desajustar o indivíduo com fantasias, falsos temores ou verismos desnecessários.

A falta de informação, mitos, tabus, despreparo físico e psíquico deixavam as meninas entrevistadas mais desamparadas, alimentando cada vez mais a visão negativa que elas possuíam da adolescência. Em condições adversas, as crianças crescem e ingressam na vida adulta sem nenhuma orientação segura e honesta, que por direito de um assunto tão fundamental. Isto influencia na felicidade e no equilíbrio pessoal presente e futuro e que, envoltos num manto de segredos, passam a ser fonte de curiosidade, de insatisfação e de intranquilidade (Nerici, 1988).

Enfim, apesar das crianças conhecerem sobre algumas modificações corporais que acontecem durante a puberdade, ainda havia lacunas, mitos e tabus que interferia no pleno desenvolvimento da sexualidade e do desfrute da adolescência. Elas demonstravam que não estavam preparadas para as mudanças da puberdade. Era comum apresentarem o amadurecimento biológico antes do psicossocial. Em algumas crianças, notavam-se sinais de desenvolvimento da puberdade: espinhas no rosto, desenvolvimento mamário, alargamento de quadris, tom de voz mais grave, pêlos densos nos braços, pernas e axilas. Porém, as brincadeiras, as formas de se vestirem, ainda as remetiam à infância.

Tais eventos, quando exacerbados, podem gerar baixa auto-estima, aumento dos conflitos emocionais e aumento da vulnerabilidade perante situações de risco. Quando a adolescência invade a infância precocemente e ocorre um amadurecimento físico anterior ao psíquico, ocorre uma desconstrução precoce e brusca da infância, que culmina em dificuldade no aprendizado, na formação de códigos de relacionamentos entre pessoas, na constituição de uma ética e de moral e também gera

---

angústia e melancolia por sua mente não estar habilitada a lidar com essas mudanças (Cole M, Cole S, 2004).

## **FICAR, NAMORAR E CASAR**

Como parte do significado de sexualidade, as crianças falaram sobre os relacionamentos afetivos e sexuais que os indivíduos vivenciavam ao longo de sua vida. O vínculo afetivo aconteceria necessariamente entre um indivíduo do sexo masculino e do sexo feminino, ou seja, em uma união heterossexual, que, apesar dos sexos terem características distintas, ambos uniam-se, de forma complementar, na busca por prazer, companhia, amor, atenção e apoio.

Elas diziam que existiam diferentes formas de se envolver com uma pessoa do sexo oposto, que variavam conforme os interesses, os vínculos, sentimentos e as necessidades dos envolvidos. Os relacionamentos eram classificados em ficar, namorar e casar. Todas tinham características distintas, tais como as intencionalidades, as regras e opiniões, mas que funcionavam como um processo contínuo, que variava conforme a evolução de cada fase.

### **Ficar**

Durante a adolescência, que o jovem realiza muitas descobertas sexuais. Neste período, é comum a atenção do indivíduo estar voltada para as novas descobertas do corpo. Fascinados com as novas sensações de prazer, os jovens procuram treinar suas novas descobertas com outra pessoa, adotando o “ficar”, uma nova forma de juntos descobrirem as ferramentas de seu corpo (Scivoletto, 2004).

O ficar era para as crianças uma prática comum entre os jovens, caracterizado como um relacionamento descompromissado, transitório, que poderia durar algumas horas a alguns dias. Envolveria trocas de carícias e



beijos e raramente ocorreria um relacionamento sexual como busca de conhecimento e prazer.

*Se é criança, isso não é namorar, é ficar pra conhecer o que é.*

*Ficar com o menino é ficar por alguns dias. Fica hoje, aí amanhã termina, aí de novo, de novo. Já namorar, é mais sério, dura mais tempo, é bem depois que já ficaram.*

*Ficar é só um dia só, ficar beijando.*

O ficar representa um novo código de relacionamento marcado inicialmente por uma falta de compromisso, inexistência do envolvimento emocional e pluralidade de desejos, regras e usos (Chaves, 1994<sup>2</sup> apud Jesus, 2005; Scivoletto, 2004). O ficar é um rótulo informal para os encontros efêmeros e descartáveis, nos quais os jovens, sem medo de rejeição, perdem o sabor da frustração, já que bocas, curvas, seios, músculos e genitais estão sempre disponíveis. O afeto é desvalorizado, valendo-se mais o desempenho (Graubart; 2007).

*Eu tô ficando com uma menina aí.*

*Eu deixo beijar... mulher...qualquer uma se beija.*

*Tô ficando com umas meninas, tudo de lugar diferente, algumas da escola, outras moram perto de casa.*

Durante o ficar, a fidelidade não é exigida e a traição não é colocada em julgamento, porém no namoro, a fidelidade passa a ser uma regra, a infidelidade passa a ser um problema (Castro, Abromovay, Silva, 2004). Para não serem rejeitados por ninguém, o jovem foge da situação de ter relações estáveis, “ficando” com várias pessoas, banalizando a situação e diluindo a frustração e o risco de não serem queridos e desejados (Scivoletto, 2004).

*Se a menina quiser ficar e namorar, tem que ser sério. Sem traição, sem botar par de chifres. Eu já tomei chifre e soquei os dois.*

*Eu fiquei com ela, tava ficando sério, mas aí ela ficou com um menino. Comecei a desconfiar, mas na hora do recreio eu vi beijando o cara e fui tirar satisfação aí bati nele e nela. Vou ficar com chifre? Vou nada!*

<sup>2</sup> Chaves J. Ficar com: um novo código entre jovens. Rio de Janeiro: Revan; 1994.

Observa-se que no ficar, há uma separação entre o desejo sexual e o amor. Apesar do niilismo sexual da atualidade conseguir separar metafisicamente a prática do sexo dos conceitos de amor, este exerce influências diretas sobre os pares de namorados da atualidade, representando um campo aberto de possibilidades e que pode ser ou não uma etapa preliminar de um namoro (Lopes, 2006; Pirota, 2002).

## **Namoro**

Quando as relações de ficar dos jovens evoluíam e deixavam de ser descompromissadas, passariam a uma próxima fase do relacionamento, o namoro.

Contudo, o namoro não era um tipo de relacionamento que as crianças diziam ser voltadas às crianças e a meninos e meninas mais jovens. Além da desaprovação dos pais, namorar significaria assumir responsabilidades das quais não gostariam de ter naquele momento de vida.

*Vou namorar quando for bem mais velha, com uns quinze anos. O meu namorado tem que ser bem educado, alegre e sincero.*

*Não pode namorar porque você é muito pequena. Você pode sair, mas não sair pra namorar, você só pode sair com amigos, mas não pode namorar.*

*Quando tiver com 20 ou 30 anos que dá para beijar. Antes não vai poder porque ainda é criança. Se você cresce beijando, você não brinca mais.*

*Crianças não podem namorar porque as mães não querem.*

*Agora não pode namorar porque você é nova para namorar agora. Minha mãe também fala que não posso namorar porque somos crianças. Ela fala que a gente ainda não sabe de muitas coisas, e ainda tem que aprender antes de sair.*

O namoro era representado como um contínuo do ficar, e a partir deste, falava-se em vínculos e sentimentos até então não relacionados com o ficar. Falava-se em amor, respeito, fidelidade, compromisso, apoio e companhia, na qual, segundo Rieth (1998), se projeta com um propósito futuro e que seria reconhecida pela família e pela rede de amigos.

*Namorar é diferente de ficar. Você tem que tá consciente do que tá fazendo. É como ficar, mas você tem que namorar, tem que beijar, quando for dia dos namorados dá coisa, sair com ela, dá presente para ela. É uma coisa que demora mais tempo. Tem mais responsabilidades.*

*É uma pessoa que gosta muito e quer ficar com ela, quer ficar todo o tempo com ela. Quer dar beijo nela, quer levar pra sair. Que tem que tá do lado dela, sempre ajudar ela, se ela estiver passando mal na casa da pessoa, ir ajudar ela, se ela tiver passando fome, ajudar ela, dar comida pra ela, quando tiver alguma coisa assim, curar ela.*

No momento de vida que as crianças estavam, o namoro não era aceito pela família, o que levava alguns pais a utilizar de ameaças e discursos moralistas para estabelecer limites e regras. Alguns diziam a seus filhos que namoro gerava gravidez e era algo perigoso, pois poderiam ficar doentes, sofrerem violências.

*É falta de educação criança namorar.*

*Agora você não pode namorar pra não ficar brincando até tarde na rua com os amigos e você é menina. Um homem te estupra.*

*Não pode namorar porque é para sua segurança. Por que se você sair, pode ser seqüestrada, pode levar facada. Você é nova.*

*Só pode começar a namorar como a minha irmã, com 15 anos porque se eu namorar cedo meu pai vai me pegar e vai acabar comigo e vai me deixar toda roxa.*

*Se namorar cedo, você engravida nova, aí sua mãe vai brigar com você, vai te bater, vai ficar de castigo*

*Agora você não pode porque você é pequenininho, mas depois você pode sair pra namorar. Se você namorar sua mãe vai te catar, você não vai sair mais de casa. Ela vai te bater!*

*Quando um homem beija na boca da mulher pode pegar infecção. Pode pegar alguma doença.*

*Quando a menina vira mocinha, a mãe não quer dar muita liberdade, porque fica mais fácil de engravidar, por isso é perigoso sair. Porque tem muita gente perigosa também. Se você sai, tem um monte de bandido na rua, tem um monte de estupradores.*

*Minha professora falou, minha mãe falou que não posso namorar, porque dá barriga*

*Criança não pode namorar porque é falta de respeito. Só pode depois de fazer 17 anos.*

*Meu pai fala pra mim que não quer que eu namore, mas eu também não quero e Deus me livre, credo.*

O namoro era muito associado a possibilidade de gravidez, que naquele período seria indesejável. A gravidez somente passa a ser aceita após o casamento. Antes desse evento, as crianças absorveriam o sentimento de culpa e autopunição, caso engravidassem.

*Não pode namorar cedo porque pode engravidar cedo. Se você sair pra namorar, engravida cedo. Sempre acaba acontecendo alguma coisa.*

*A criança não pode namorar para não ter filhos porque nosso corpo ainda não está pronto pra ter filhos. Ainda tem que estudar. Aí vai ter que parar de fazer tudo, de estudar, de brincar.*

*Não pode namorar porque você é de menor. E alguém pode te pegar e você pode engravidar. Você que é menino, pode engravidar alguém!*

*É injusto, porque os meninos podem namorar mais cedo do que as meninas. Deve ser por causa que só as meninas engravidam e aparecem grávidas em casa!*

*Eu não quero ficar grávida. Se você ficar grávida agora, você tem que parar de fazer tudo o que você gosta, você tem que cuidar do seu filho.*

*Se você tiver um filho, ele vai ficar toda hora “uée, uée, uée” no seu ouvido.*

Contudo, o namoro, era um agradável e esperado acontecimento em suas vidas, planejadas de forma terna e carinhosa. Seus respectivos pares, futuros namorados ou namoradas, deveriam ser pessoas compreensivas, atenciosas, que lhes forneceria bem estar, felicidade e supriria todas as necessidades materiais e não materiais. Existia nas crianças um desejo de formar uma união com um outro indivíduo, um desejo de ser desejado, de ser amado. O namorado(a) representava a figura idealizada e escolhida, que seria capaz de fornecer à criança aquilo que lhe faltaria na situação atual. A pessoa idealizada pelas crianças era quem lhes respeitaria, as ouviria, iria acolhê-las, ofereceria carinho, amor, afeto, atenção e meios de conquistarem bens materiais e não materiais.

*O meu namorado tem que ser bem educado, alegre e sincero.*

*Meu namorado é quem eu vou amar e também vai me amar.*

*Namorado é aquele que a gente vai amar muito.*

Se no ficar os interesses seriam primordialmente físicos, no namoro, passariam a envolver sentimentos como amor e paixão. Ambos os sentimentos eram compreendidos pelas crianças como sinônimos que traduziam um conjunto de manifestações e sinais, tais como beijo, abraço, carícias, presenteio e elogios, que expressariam afeição, respeito, empatia, sinceridade, felicidade e proteção de indivíduo por outro.

*Amor é carinho, respeito, paixão. Sente amor, conhecendo uma pessoa. Sente amor por uma pessoa que ela ama, que ele gosta.*

*Amor é gostar bastante da outra pessoa.*

*É quando a gente gosta de alguém.*

*Amor é namorar, ficar com a namorada, casar, dar beijinhos, abraçar.*

*Paixão é igual ao amor. É a mesma coisa. Quando tá apaixonado, fica com vergonha de falar.*

*Sentir amor é abraçar, é ser sincero. Sente amor porque tem coração, porque ele ama, fica parecendo que tá dormindo, sonhando.*

*Namorado é quando o menino, também quando a menina começa a se apaixonar pelo menino. Aí ele manda recados que quer ficar com ela, aí ele vai.*

*Amar é beijar na boca porque é namorado.*

*Quando os namorados se gostam, eles ficam dando beijinhos.*

*Ó tia, eles estão se beijando tia... Primeiro beija assim, primeiro eles se conhecem, aí depois eles tocam na mão, depois beija. Eles começam a beijar, beijo bem longo.*

*A gente sabe que tá apaixonado porque quer beijar.*

*Os namorados beijam na boca.*

*Quando você tá namorando, eles abraçam, ficam se agarrando.*

O amor é um sistema complexo e dinâmico de um estado de ânimo humano que envolve cognições, emoções e comportamentos, variáveis conforme os sentimentos e experiências de vida, não se reduzindo apenas à sensualidade e tampouco podendo eliminá-la totalmente (Silva, Mayor, Almeida, et al, 2005; Shaver; Hazan, Bradshaw, 1988; Chiland, 2005; Lopes, 2006). Morin (1979) afirma que, durante o beijo entre amantes, haveria um contato pessoal de grande intimidade, uma entrega profunda

entre os amantes e uma troca de fluidos entre as bocas que simbolizaria a troca de almas, tornando-os cúmplices um do outro.

O amor era descrito como um sentimento muito agradável pelas crianças, expresso através de pequenos gestos, como beijar, abraçar e acariciar, e que seria também alimentado de harmonia e companheirismo, porém frágil à desentendimento, brigas e fastígio, e intolerante à infidelidade e quebra de regras, portanto, era visto como um sentimento finito nos relacionamentos.

*Amor é ficar junto com a outra pessoa. Mas não ficam pra sempre, elas se separam quando brigam ou quando tem traição.*

*Eles começam a beijar, beijo bem longo, mas não pode beijar o tempo todo, porque depois fica nervosa, fica beijando, beijando, beijando, aí fica chato e se separam.*

Se o namoro ocorresse de forma estável e harmoniosa, poderia evoluir e culminar em um casamento.

*Namorado é quem a gente beija, mas só quando fica grande. Namorar é ir pro casamento, por um anel no dedo, se apaixonar.*

*Eles ficam namorando antes de casar, porque eles vão ver se eles se gostam. Aí eles vão ficando velhos juntos pra um poder ajudar o outro a cuidar da casa e juntar dinheiro.*

Na idade de casar, o indivíduo, já adulto estaria apto a assumir novas responsabilidades, diferentes do ficar e do namorar. Neste momento, o indivíduo deixaria seu meio familiar para criar o seu próprio núcleo familiar.

## **Casamento**

O casamento foi representado como o patamar mais alto e pleno de concretização de uma união entre indivíduos, e a legitimação da união entre um homem e uma mulher para a construção de sua própria família.

*Primeiro, eles são namorados e depois que casam viram marido e mulher.*

*Só o homem e a mulher que casa. Menina e menino não casam. Homem com mulher é pai e mãe.*

O casamento tinha como fundamento básico para as crianças, a necessidade da união de homens e mulheres, pois ambos teriam suas próprias capacidades e necessidades, mas seriam seres incompletos que, se demonstrassem afinidade entre ambos, unir-se-iam sinergicamente.

*Como a mulher não consegue cuidar sozinha, ela junta com o homem para cuidar. Ele trabalha pra trazer dinheiro e a mulher cuida de casa.*

*Casamento é quando um homem e uma mulher estão ficando velhos, aí eles vão morar junto.*

Levi-Strauss<sup>3</sup> (1968) apud Feres-Carneiro (1998) afirmou que, de fato, o casamento seria uma aliança entre indivíduos, uma forma de intervenção sobre bens considerados escassos e essenciais para sua sobrevivência, funcionando através de um sistema de troca entre os envolvidos.

Principalmente as crianças mais novas, no início da fase escolar, entre seis a oito anos, consideravam que os cônjuges seriam os indivíduos que completariam a necessidade do outro aliado a um sentimento de amor sublime. Acreditavam em um amor-romântico, fantasioso e ingênuo sobre a construção familiar. Para elas, a família, construída após o casamento, seria um arranjo plenamente harmonioso, duradouro, imunes à conflitos e problemas. Elas enfatizaram finais felizes em famílias tradicionais e afetuosas.

*O pai e mãe da gente se encontram e casam, dão um beijinho e vão para a casa nova, montam a casa e depois compram um carro e uma moto e vivem felizes pra sempre.*

Já as crianças que se encontram no meio da fase escolar, entre nove a doze anos, falavam sobre o desejo de viver um amor sublime e romântico com um parceiro(a), tal como descritos pelas crianças mais novas, mas conformam-se como sendo apenas uma condição de desejo. Para elas, o casamento é sonhado de uma forma sublime, mas vivido de outra forma, não tão sublime como o sonhado. Elas aceitavam uma condição de vida

---

<sup>3</sup> Levi-Strauss C. Les Structures elementaires de la parenté. Paris: La Haye; 1968.

espelhadas na realidade de seu cotidiano intrafamiliar. Era uma realidade violenta e uma sina a ser cumpridas por elas, uma forma de herança social.

*Eu vou casar, aí quando ele arranjar outra ele vai embora.*

*Se eu casar e ter filhos, aí ele arranja outra mulher, uma amante, porque com a amante ele não tem filhos.*

*Os maridos batem nas mulheres. Ser mulher sofre, viu.*

*Os maridos sempre traem as mulheres.*

*É assim, se ela quer o marido dela e a outra também quer ou ela quer o marido da outra, aí elas brigam, puxam cabelo, se jogam no chão, dá mó olé na outra.*

*Eu acho que o homem não deve gostar de uma mulher. Por que se não os dois não dá bem. Que o marido bebeu também, a mulher pega e briga e isso não dá.*

*Eu não quero casar. Por que quando meu pai e minha mãe vão trabalhar, minha mãe deixa uma amiga dela cuidar de mim. Ela é chata, não deixa fazer nada. Ela só grita comigo.*

*O marido e a mulher ficam brigando, brigando, brigando até que vai separar.*

*Eu vou casar e ter um filho só. Por que se eu tô com outro, a outra mulher não vai pegar o meu, não é verdade. E que a outra mulher quer pegar o meu marido pra ela. Se ele tiver outra mulher, ele vai ter filhos com a outra e não vai querer ter filhos comigo, porque a outra é a mulher dele. É com ela que ele tem que ter filhos.*

As crianças que se encontram no final da fase escolar, já sob os ares da puberdade e adolescência, entre onze e doze anos, o casamento não era esperado. Eles estavam mais preocupados com o desempenho nos relacionamentos amorosos, como o ficar e o namorar, e com sua autoimagem e responsabilidades. Eles até desejavam relacionamentos como os caracterizados nos primeiros anos da fase escolar, mas eram conscientes da realidade violenta que os cercava, e buscava alternativas para fugir desta sina, desejando não casar.

*Outro dia vi meu pai batendo na minha mãe. Meu pai tava traindo ela com a patroa dele, aí mãe gritou com meu pai, mas aí meu pai bateu nela. Minha mãe mandou ir embora, aí ele pegou as coisas dele e foi embora, não voltou mais (...) Eu não quero casar, porque se casar os maridos vão trair, aí vão brigar com a gente e vão embora e deixar sozinha. Podem bater. Só vou namorar, só beijar, mas aí acaba rápido.*



---

Independentemente da idade, existiam em cada uma das crianças o desejo e sonhos de um casamento pleno, uma vida conjugal harmoniosa, a construção de uma família afetiva. Mas, com o passar do tempo, a realidade violenta de seu cotidiano ocupava o lugar destes sonhos e, aos poucos, elas se deixavam levar pelo conformismo. Em meio a inúmeras formas de violências, o que se observou, foi que elas apenas tentavam procurar um lugar onde iriam correr menos risco de sofrer, nem que isto significasse abandonar seus sonhos.

## A VIOLÊNCIA

As crianças entrevistadas eram pobres, viviam em situações precárias de vida e vulneráveis. A violência fazia parte de seu cotidiano, presente em vários momentos ao longo de seus dias, por vezes de forma nítida, outras de forma silenciosa.

Muitas das violências a sua volta não eram reconhecidas por estarem banalizadas. Atos perversos e de grande risco pareciam ser normais ao seu dia-dia.

Para compreender as concepções de violência das crianças seria necessário compreender as concepções delas em relação aos seus direitos garantidos por Lei. Nas entrevistas, discutiu-se sobre o que as crianças compreendiam ser seus direitos sexuais, bem como o que poderia ferir esses direitos. Abordou-se também os conceitos que elas tinham sobre violência contra a sexualidade delas, e o que poderiam fazer, caso sofressem alguma dessas violências, procurando também observar quais as perspectivas que tinham perante seu cotidiano violento em que viviam.

## OS DIREITOS QUE TEMOS

De uma forma geral, as crianças acreditam que deveriam ser respeitadas pelos adultos, pois estariam em uma condição de desvantagem de poder, de dominação e de dependência em relação ao adulto.

*Os adultos não pode bater em criança porque a gente é pequena, eles tem mais força.*

*As mães e os pais batem na gente, mas a gente não pode bater nelas.*

As crianças acreditavam que os adultos não poderiam utilizar desses artifícios mencionados anteriormente sobre elas.

*O adulto não pode beijar a criança. Não pode porque criança ainda é pequena e adulto é grande, tem que beijar alguém do mesmo tamanho e a criança também não pode beijar. Ah não dá, né, ele é desse tamanho (mostrando ser uma pessoa alta) e ela desse tamanho (mostrando ser uma pessoa de pequena estatura), aí não consegue beijar.*

Os beijos trocados em relacionamentos amorosos também eram algo que adultos não poderiam dar às crianças. Segundo elas, não poderiam porque haveria uma diferença de estatura e crianças eram proibidas de namorar com adultos, sob ordem de seus responsáveis.

Falar sobre seus direitos, também oferecia voz às crianças. Foi o momento que elas encontraram para criticar e expor atitudes que os adultos faziam contra elas. Eram atos que elas repudiavam sem terem ciência de que se tratava de um direito delas que estava sendo lesados. Para elas, era como se fosse uma queixa que deveria ser regularizada como proibitiva. As crianças sentiam-se constrangidas ao terem sua privacidade, integridade física e moral violadas.

*O adulto não podia ficar olhando quando a criança tá tomando banho, não é. Entrar no banheiro quando a criança tá tomando banho, não pode querer tirar a roupa da criança e quando a criança tá dormindo ver o que a criança tá fazendo.*

*Deixar a criança tomar banho sozinho. Minha irmã tomava banho comigo, mas eu gosto de tomar banho sozinho. Eu já sei me limpar sozinho.*

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1993), através do artigo nº 17, defende o direito da criança quanto a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente. Isso abrange também a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais delas. No Artigo nº 18 do Estatuto, diz-se que é um dever de todos velarem pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

Elas afirmavam que não poderiam sofrer repressões, castigo, opressão ou punição, mas eram movidas principalmente, mais pelo temor da perda de integridade física. Elas enfatizavam que teriam o direito de não sofrerem quaisquer violências físicas. Mas, outros medos se desvelam: nas ofensas morais e o abandono.

*Adultos não podem bater nas crianças.*

*O adulto não pode bater, machucar, chutar, empurrar, xingar, não pode dá bicuda quando joga futebol.*

---

*Não pode bater na criança, não pode bater com chinelo, a mãe não pode esquentar a mamadeira e bater no filho. A mãe do meu amigo bateu nele com mamadeira quente.*

*Não pode bater, xingar, cutucar o outro, brigar, dar soco, dar murro, dar rasteira.*

Para as crianças, era mais fácil pensar sobre direitos sexuais quando consideravam a sexualidade na fase adulta. Elas se projetavam ao seu futuro, e afirmavam que como um direito sexual era ter suas opiniões e vontades respeitadas, principalmente sobre sua vontade em manter relações sexuais.

*Não pode forçar a fazer as coisas, por exemplo, quando ele quer sair para algum lugar, aí ela não quer aí ele força ela pra sai. Se eles vai para a praia, aí ele vai nadar, ela não quer, ele forçar pra ir nadar, não pode forçar dar beijo, não pode forçar a engravidar quando a mulher não quer ter nenê, mas tem homem quer ter e fica forçando, aí o homem tenta fazer alguma coisa que ela não quer.*

*Quando um marido chamar a mulher para fazer sexo e ela não quiser. Ele vai ter que respeitar a hora que ela não quer.*

O corpo, os desejos e as opiniões eram o que as crianças consideravam como suas propriedades e, desta forma, queriam que fossem preservadas. Para elas, ser tratado dignamente significava não ser forçado a realizar algo que não quisesse, mas principalmente, não ser fisicamente lesado.

Quando uma criança desconhece os direitos que possui, ela se cala, por não saber argumentar em sua defesa. Tal fato coloca a criança em condição de desvantagem em relação ao adulto.

## **A CONCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA SEXUAL**

A concepção de violência sexual das crianças era diretamente proporcional à concepção que elas possuíam sobre o que é uma violência, sobre seus direitos e sobre a sexualidade. Elas sabiam identificar o que era inerente a sexualidade, bem como seus direitos, logo elas conseguiam identificar se estavam sendo violadas.

A violência sexual pode ser manifestada sob várias formas. Desde eventos com danos físicos e psicológicos evidentes, como também podem ser imperceptíveis. Do ponto de vista legal, a violência sexual enquadra todo ato ou jogo sexual cujo agressor tenha algum poder de dominação física, social ou intelectual sobre a vítima, conseguindo seus fins por meio de pressão, jogo emocional, violência física, ameaças ou indução de sua vontade (Castro Abromovay, Silva, 2004).

A violência sexual traduzida sob forma de abuso é considerada a segunda forma mais recorrente de violência contra crianças, adolescentes e jovens; a primeira é a agressão física (Ippolito, 2003 apud Castro, Abromovay, Silva, 2004). O abuso sexual é considerado uma violência subliminarmente ocasionada. No abuso, direta ou indiretamente utiliza-se de coação, intimidação, jogo de sedução, manipulação e indução através do uso da sensibilidade e dos pontos fracos da vítima para conquistar ao outro (Castro Abromovay, Silva, 2004).

Outra forma de violência que comumente acomete crianças e adolescentes é o assédio sexual. Este é definido no Código Penal Brasileiro como um constrangimento provocado a uma pessoa com intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se, o agente, de sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função, manifestando-se por falas obscenas, propostas indecorosas e pressão para ter relações sexuais que o outro não deseja (Ventura, 2002). Não há estimativas sobre os casos de assédios sexuais, porque há uma relativa naturalização e banalização desse ato, sem ocorrência de denúncia legal por parte das vítimas, pais e responsáveis (Castro Abromovay, Silva, 2004).

Em geral as crianças não sabiam explicar o que era uma violência sexual, mas a associavam à palavra estupro. Este era associado a eventos agressivos, desagradáveis e fisicamente violentos.

*Criança: O ladrão pode mexer no corpo, abraçam a gente, ele amarra, tira a roupa e estupra.*

*Entrevistadora: estuprar?*

*Criança: Não sei o que é estuprar, só me falaram. Outro dia eu tava com um shortinho curto, aí minha amiga disse “você vai sair com esse shortinho? Tem um monte de estuprador na rua”, aí ela falou que pode estuprar e eu falei que ia trocar, mas eu nem sei o que é isso! Deve ser alguém que me pega e faz fazer muitas coisas erradas que nem passa pela minha cabeça como me pegar, levar pra alguém num lugar que não consigo voltar e que eu não quero ir. Vai me dar uns remédios pra mim dormir e ir pra outro lugar, como na novela Duas Caras*

Os estupradores eram considerados como uma versão mais perversa e cruel dentre os criminosos. Elas diziam que as intenções de ladrões eram de furtar sem a utilização de armas ou coação; dos assaltantes de roubar utilizando armas e coação; dos assassinos de matar pessoas com uma razão específica utilizando armas; e dos estupradores de perseguir, ameaçar e matar pessoas utilizando suas próprias forças, sem ter razões para cometer o crime.

*O ladrão e o estuprador matam, batem e roubam dinheiro e celular, mas o ladrão usa arma ou ele usa uma faca e o estuprador usa a força pra matar, aperta o pescoço com as mãos até matar. Ele fica ameaçando que vai te matar.*

*O estuprador ameaça que vai te matar porque ele gosta de matar.*

Com base na concepção que tinham sobre a palavra estupro, elas também denominaram os policiais como estupradores.

*O bandido, ladrão, polícia, seqüestrador pegam você, levam embora lá no mato bem longe. Aí quando você quer ligar pra sua casa, eles tiram o celular da sua mão e não deixa ligar, depois mata e enterra.*

*A polícia pega aí eles te matam. Pega as crianças e não deixa sair mais, pega e não devolve mais a gente. Bandido e ladrão também pegam, escondem e batem na gente, vão mexer com a gente, vai tirar sangue, vai tirar a carne. E eles pegam uma faca e cortam a pele da gente, sai sangue e depois vai tirando a carne da gente.*

*Os policiais podem te levar para a FEBEM, podem matar você, podem amarrar você.*

Estas crianças moram em favelas, prédios invadidos e cortiços que regularmente sofrem ações policiais. Elas, sem compreender tais ações, vivenciam os fatos com tristeza e sofrimento. Desta forma, os policiais, considerados por elas violentos, também eram considerados estupradores.

As definições vagas ou falsas deixam um vazio de conceitos na mente da criança, o que a torna presa fácil para enganações e fantasia, pois

lhe faltam meios para checá-las (Gadpaille, 1984).

Para as crianças que compreendiam a sexualidade como algo relacionado ao ato sexual, falar sobre violência sexual, significava falar sobre ato sexual sem consentimento, forçado.

*Tem homem que pega você e faz sexo com você. Pega você, coloca no carro, chama você para andar, você vai, quando chega lá, ele faz sexo com você. Te pega a força, tira sua roupa e te estupra a força.*

*O homem fica chamando a criança, depois tira a roupa e faz sexo a força.*

*É como aconteceu com a minha amiga: quando ela e a amiga dela estavam andando na rua, indo pra um supermercado, um homem chamou ela. Elas não sabiam, e elas foram com ele. Ele tinha um negócio na mão, aí o homem abaixou as calças e estuprou elas duas.*

*Estuprar é uma coisa que o homem tira sua roupa e vai querer meter o negócio dele no seu negócio (apontando para a área genital). Ele te amarra porque ele é mais forte que você. O homem é mais forte que você. Ele pode te amarrar, mandar te matar, quebrar seu pescoço. O estuprador usa sempre uma máscara na cara pra você não saber quem é.*

*É o estuprador que faz. É quando o homem pega a criança, tira a roupa dela e beija ela a força e depois faz sexo.*

*Violência sexual é que tem uma pessoa que estupra. Ela pega a força e faz coisas sem ela querer e a pessoa acaba engravidando. Mas é também no marido e na mulher, quando a mulher não quer fazer sexo, mas ele bate porque ela não quer fazer com ele.*

*É quando eles mostram o que a gente não pode ver, mostra coisas que a gente ainda não sabe, mostra o pênis e força a fazer sexo.*

*Estuprador é aquele que pega e faz sexo a força. Ele amarra na cadeira e transa com a criança e estrangula. É uma pessoa que mata e enterra, aí depois procura mais uma pessoa para atacar.*

*Você não pode sair porque tem ladrão que pode estuprar você, te pegar. Você sabe o que estuprar? É quando você dormir vai aparecer uma bola no meio do negócio da menina. É porque o homem te estuprou. Se o homem te estuprar, aparece uma bola no negócio da menina quando vai dormir (apontando para a região genital). Essa bola só pode estourar quando você tiver com papel higiênico.*

As crianças consideravam como forma de violência apenas os casos em que havia uma relação sexual forçada e quanto mais nova eram as crianças, mais elas acreditavam que, necessariamente, havia a

ocorrência de violência física.

Outras crianças diziam que uma violência sexual era a responsável por uma gravidez indesejada. Para elas, se as mulheres mantinham relações sexuais com seus parceiros era porque elas teriam intenção de engravidar. Por outro lado, se a menina não quisesse ter filhos, ela abster-se-ia de relações sexuais. Desta forma, para se ter uma gravidez indesejada, ela teria que ser submetida a uma relação indesejada.

*Se te estuprar, você engravida. E estuprar é quando engravida quando a mulher não quer.*

*É quando ela não quer filho, mas aí o homem força ela ter, aí força ela fazer sexo.*

*Quando a mulher não quer ter filhos, ela não faz sexo. Mas aí se alguém força a ela fazer sexo, ela fica grávida sem querer ficar grávida.*

As estatísticas também impressionam e fomentam a percepção que as crianças possuíam sobre estupro e gravidez indesejada. Um estudo realizado no ABC Paulista registrou que 90% das gestações em jovens com até 14 anos foram frutos de violência sexual, mais precisamente, de incesto provocados pelo pai, tio ou padrasto (Monteiro Filho, Phebo, Abreu ; 2002)

Algumas crianças, principalmente as que tinham mais idade, consideravam a violência sexual como sendo um ato sexual, com penetração peniana, mas que não envolveria, necessariamente, violência física. Haveria uma manipulação, por meios de agrados e aliciamentos da criança de forma gentil, sutil, conquistando sua confiança.

*Violência sexual é quando tem esse negócio do mais velho catar criança. É quando se abusa de menores; pegar a força, forçar a fazer sexo. É pra fazer sexo a força. Só acontece quando acontece o sexo. Tem uns que já chega a forçar, mas a maioria chega falando que nem amigo, dá bala, oferece dinheiro. Tem outros que não, que não fala nada. Já chega chegando.*

*Conheci uma menina que ela tava indo na padaria, aí um velhinho safado chamou ela e disse que ia dar 30 reais pra ela ir pra casa dele. Ela foi. Ela fala que ele estuprou ela, aí ela ficou chorando, todo mundo olhando ela e o pessoal chamou a polícia e prendeu ele.*

A OMS (2006) define que a violência sexual não é apenas ao ato sexual com penetração, mas é também qualquer tentativa de ato sexual não



desejada, ou atos com fins de traficar a sexualidade de uma pessoa por meio de coerção, ameaças e/ou força física.

As crianças só consideravam que eram vítimas de violência sexual se ocorresse o ato sexual. Para elas, o aliciamento apenas era uma tentativa de violência sexual frustrada. Apesar de se sentirem tristes e incomodadas com as ocorrências, não consideravam vítimas.

*A gente fica chateada quando os homens mexem com a gente.*

*Minha prima falou que quase foi uma vítima. Um cara mostrou bolinho de nota de 50 e perguntou se ela queria ir com ele. Perguntou se ela já tinha pelinho.*

*Tem um velho que mora perto do banheiro, ele sempre fica na porta mexendo com as meninas que vão lá. Me falaram que ele fica chamando elas pra entrar na casa dele. Ele pode abusar alguém.*

Detectar e falar sobre violência sexual eram mais fáceis para crianças que já haviam vivenciado uma experiência anterior e tinham um suporte familiar que tomaram providências adequadas.

*Eu conto pra minha mãe. Eu contei para minha mãe e ela foi na delegacia e ele foi preso. Foi a muito tempo atrás*

Mas muitas crianças, vítimas de abuso sexual e ou desrespeito, eram incapazes de reconhecê-la como tal. Elas relataram terem vivenciado ocasiões que foram tocadas nos seios, nádegas, partes íntimas, friccionado genitálias, mesmo que por cima de suas vestes e serem chamadas de “gostosas”. Estes fatos eram associados a brincadeiras de mau gosto, mas que geravam constrangimentos às vítimas.

*Tem homem que fica falando “Que menina gostosa!”. Sinto muita vergonha.*

*Eles começam a falar que a mulher que tá agachada no chão que é posição pra eles comerem a menina.*

*Na escola falaram pra mim, só porque eu tava assim, apoiada, conversando com minha amiga, um menino falou que eu tava numa posição gostosinha.*

*Eu estava mascando chiclete, aí ele falou que me queria porque eu fazia uma carinha de safada quando mascava o chiclete.*

*Quando tá no ônibus ou metro lotado tem aqueles safados que ficam passando a mão na gente.*

---

*Já passaram a mão nos meus seios, na minha bunda. Os meninos têm mania de ficar fazendo essas brincadeiras sem graça.*

É comum ocorrer omissão e a desqualificação da violência porque as crianças a compreendem ser uma brincadeira boba ou uma provocação de cunho sexual, mas segundo Hirigoyen (2007). Quando elas adquirem consciência da manipulação que sofreram, elas sentem-se lesadas, como alguém que acaba de ser objeto de uma fraude dolosa, encontrando-se nela um sentimento de terem sido enganadas, exploradas e de não terem sido respeitadas.

A falta de compreensão sobre a sexualidade, a violência sexual, bem como banalizá-las, permite que experiências de abusos sejam vividas no cotidiano, “quase vítima de violência”. São experiências que geram desconfortos, impotência, sobretudo quando o agressor é uma pessoa conhecida.

Quanto mais familiarizadas com o agressor, mais encaravam como brincadeiras de mal gosto o ato abusivo. Quando os agressores eram pessoas desconhecidas, as crianças sentiam-se mais invadidas.

*Os meninos da escola mexem muito com a gente. São um chatos. Eles não têm mais o que fazer. Fica aí fazendo essas brincadeiras. Eles sabem que a gente não gosta que eles ficam fazendo isso, mas ele sempre fazem.*

*Tem uns meninos lá que eu conheço que fica tentando forçar beijar eles. Eles chegam já querendo beijar. São uns bestas, aí xingo e saio. E, pior, é quando têm aqueles caras que a gente nem conhece querendo fazer a mesma coisa. Que raiva que dá.*

Muitas vezes, as crianças passam por situações consideradas como violências, mas elas não as reconhecem como tal devido a banalização do ato. Essa desqualificação expõe a criança a riscos, uma vez que a maior parte das vítimas são abusadas por pessoas que elas conhecem, confiam e amam (Monteiro Filho, Phebo, Abreu; 2002)

Existem agressores que confundem masculinidade com poder e sentem necessidade de castigar sua atração por violência. Seu pobre controle sobre impulsos é associado a uma culpa perversa e ao medo de ser descobertos, colocando a criança em extremo perigo físico (Summit, Kryso, 1984). Mas a maioria dos pedófilos são indivíduos gentis, que apreciam o

carinho e a inocência, são sedutores e conquistam a confiança das crianças. Em geral, é um homem, um indivíduo que dissipa qualquer suspeita, o que facilita sua ação (Summit, Kryso, 1984; WCF, 2006).

Para as crianças, os agressores sexuais eram principalmente os desconhecidos. Poucas citavam que pessoas familiarizadas fossem agressoras sexuais.

Conforme comentado pelas crianças, as mulheres seriam frágeis, sem força física, e sua vagina seria um local para que um homem colocasse o pênis. Retomando as considerações realizadas nas categorias empíricas anteriores, as crianças associaram o sexo feminino à condição de objeto do sexo masculino, portanto, submissas ao sexo oposto. O homem era apresentado como agente ativo e a mulher como agente passivo nas relações sexuais. Desta forma, a mulher, estaria sempre na condição de vítima e o homem de agressor.

A visão de que mulheres não são agressoras sexuais, dificulta a crença de que elas possam praticar o abuso sexual, mas a realidade é que mulheres podem cometer violência sexual e abusam de seu poder sobre as crianças (Sanderson, 2005).

Crenças culturais conferem às mulheres a função de guardiãs e cuidadoras de crianças o que torna mais difícil para que as pessoas aceitem que elas possam ser violentas e agressivas (Sanderson, 2005). Mas as crianças abaixo de 05 anos são as que mais correm risco de serem violentadas por mulheres e, em geral, este abuso não é detectado devido à pouca idade da criança e à algumas atividades sexuais serem disfarçadas com práticas de higiene comuns. Os garotos, principalmente adolescentes, correm riscos de serem abusados sexualmente por mulheres mais velhas, mesmo que o fato não seja percebido como abuso (Sanderson, 2005).

Há também um imaginário que as meninas são as maiores vítimas de violência sexual. Estatisticamente o fato se concretiza, mas é necessário levar-se em consideração dos casos não denunciados e dos tabus que cercam os mesmos. Das denúncias de abuso sexual contra crianças, apuradas pela ABRAPIA, em 80% dos casos, a vítima é do sexo feminino,

mas, segundo estudos realizados nos EUA, apenas 01 entre 04 meninas e 01 a cada 100 meninos denunciam a violência sexual sofrida (Monteiro Filho, Phebo, Abreu, 2002). Desta forma, a violência sexual contra meninos é menos visível e faz-se acreditar que são menos vitimizados.

Sendo as vítimas meninas ou meninos, o abuso é praticado por pessoas conhecidas e próximas, mas as crianças entrevistadas acreditavam que os agressores sexuais eram principalmente pessoas do sexo masculino desconhecidas.

*Só o homem pode estuprar. A mulher não porque mulher não tem força pra matar, pra bater.*

*Mulher é fraca, mulher não faz nada, se fazer alguma coisa ela usa faca.*

*Os homens pegam menina nova e leva pra casa deles, não devolve mais.*

*A gente sabe que é estuprador pelo jeito que se aproxima da menina, pelo que conversa com a menina. Só com a menina.*

Dentre as pessoas que seriam mais familiares e que poderiam ser agressoras sexuais, as crianças citaram namorados e maridos, mantendo a condição do masculino contra o feminino.

*A estupidez é quando a pessoa namora com uma pessoa e mata. São uns monstros. Têm alguns namorados que fazem isso, ele namora com uma mulher e depois mata. Só namora pra matar.*

*Tem aqueles maridos que força a mulher fazer sexo com eles.*

*É também quando o homem tá bêbado e estupra a mulher em casa.*

Nesta última frase, a criança relata sobre um marido que, sob efeito de bebida alcoólica, violenta sexualmente sua esposa. A violência sexual encontrada nos meios carentes é favorecida pela promiscuidade e poderia estar associado ao abuso de álcool e drogas (Monteiro Filho, Phebo, Abreu, 2002). Segundo Testa<sup>4</sup> (2002) e Ullman<sup>5</sup> (1999) apud Baltieri (2005), o consumo de bebidas alcoólicas é um dos fatores associado à violência

<sup>4</sup> Testa M. The impact of mens alcohol consumption on perpetration of sexual aggression. Clin psychol rev. 2002; 22(8): 1239-63.

<sup>5</sup> Ullman SE. A comparison of gang and individual rape incidents. Violence Vict. 1999; 14(2): 123-33.

sexual, pois cerca de 77% dos agressores sexuais consumiram bebida alcoólica no momento da perpetração de atos sexuais ilícitos.

Estar sob condição de alcoolismo era uma justificativa que faria o homem tornar-se agressor. Havia uma tentativa das crianças diminuírem a culpa do agressor quando estava sob efeito do álcool. Algumas crianças transformavam as vítimas de violência sexual em cúmplices e até mesmo se culpava pela violência que sofrera.

No exemplo abaixo, a criança denominou o agressor sexual de “ousado”, referindo tratar-se de uma pessoa atrevida, e realizava brincadeiras sexuais e obscenas. Para ele, o agressor é apenas uma vítima da falta de informação e não era consciente de estar cometendo um crime.

*Tem gente que pega você e faz ousadias. Os ousados é que a mamãe deles não ensina nada pra eles. Não ensina direito as coisas pra eles, aí eles ficam ousados.*

Nos exemplos a seguir, a culpa foi atribuída às vítimas e aos responsáveis que não ofereceriam informações o suficiente para que seus filhos se protegessem, facilitando a ocorrência da violência.

*Só acontece porque as mães têm que ensinar. Eles já sabem, eles já são grandão. Tem que ensinar. Quando a mãe solta muito, aí quando começa a sair e quando pergunta o que é, a mãe não sabe muito, aí aparece um estranho que fala que vai comprar uma balinha, isso ou aquilo.*

*O abuso depende da pessoa. Tem gente que é assim, não fala nada, também tem as mães. As mães devem cuidar das filhas. Que nem se a menina chega mostrando que ta ganhando 1 real. Aí também parte um pouco dos princípios que, quando acontece, não conta para a mãe. Pra mim também é escolha, porque quando você crescer, tiver uns 15 anos, e você já sabe, e um cara falar isso, você tem que tá ligado, por isso que você escolhe.*

Essas idéias aumentam o risco da criança vítima de violência sexual se sentir culpada pela agressão, uma vez que se banaliza as experiências dela. A violência, vista desta forma, não é reconhecida e muito menos denunciada. A criança, sentindo-se culpada, tende a se calar.

## SOLUÇÕES: A NEGAÇÃO OU A PROCURA DE APOIO?

A violência sexual pode ser um fato muito difícil de ser detectado, falado e revelado pelas crianças. Segundo Sanderson (2005), muitas crianças são incapazes de expressar em suas experiências.

Nas entrevistas, poucas crianças disseram que revelariam a alguém, caso sofressem alguma violência sexual. As crianças que, em algum momento de suas vidas, viveram experiência de abuso ou tiveram alguém próximo vítima de violência sexual, foram as que afirmaram prontamente que, em caso de abuso, contariam a seus responsáveis.

*Eu conto pra minha mãe. Eu contei para minha mãe e ela foi na delegacia e ele foi preso. Foi há muito tempo atrás.*

As crianças menores, também afirmavam que, caso acontecesse algo, contaria a seus pais. Mas estas não conseguiam reconhecer uma violência sexual. Assim, elas somente contariam a seus pais aquilo que compreenderiam como violência, ou seja, os abusos físicos.

*Eu fugiria e contaria pra minha mãe se alguém me forçasse fazer algo que não quero. E se ele me machucar?*

As crianças que referiram contar a seus pais eram as que recebiam orientação dos pais. Eles ensinavam sobre sinais de perigo e medidas a serem tomadas em algumas circunstâncias.

*Contaria para o meu pai e para minha mãe. Sempre que eu saio de manhã, meu pai fala para não conversar com ninguém, não dar atenção, para tomar cuidado com as pessoas que ficam me encarando. É pra fingir que não escuto e continuar andando, entrar numa farmácia ou procurar uma base para falar com a polícia.*

*Contaria para minha mãe. Meus pais falam que não é para dar atenção para ninguém, e quando alguém ficar chamando, é para fingir que não escuto. [Quando alguém ficar me chamando, ficar mostrando não sei o que, quando alguém inventar que vai dar alguma coisa para mim, não i., Quando alguém falar que é para pegar uma boneca no carro, que não é para mim ir.*

A mãe era a pessoa que as crianças mais referiam para contar sobre a ocorrência de um abuso sexual. Quando elas não tinham uma mãe, o pai assumia o papel de principal referência para contar sobre o abuso. .

As crianças temiam às reações da figura paterna perante a

revelação. As mães eram consideradas mais compreensivas e os pais incompreensivos, repressivos e agressivos.

*Contaria para meus pais. Na verdade não contaria só para o meu pai porque ele quer logo ir matar.*

Quando as crianças temiam a ambas as figuras, materna e paterna, diziam recusarem-se a revelar uma violência sexual sofrida.

*Eu não contaria, porque tenho medo de apanhar. Tenho vergonha e medo de levar bronca das pessoas, não contaria mesmo se estivesse sofrendo.*

*Se contar, aí que as mães não deixam mais sair pros lugares. Principalmente onde tem o estuprador. É aí ela não deixa mais sair de noite, com os amigos, sair pra passear.*

*Se algum homem tentar aprontar alguma coisa com a gente, a gente não faria nada, não contaria pra ninguém, nem para os pais.*

Algumas afirmavam que não contariam por comumente serem repreendidas pelos responsáveis ao falarem sobre sexualidade. O abusador que usa de meios sutis para obter o silêncio da criança, aproveita-se da criança quando começa a despertar sua sexualidade. Ele consegue acobertar o assédio que a criança inocentemente aceita por sentir prazer. Ela sente culpa quando toma consciência de sua “cumplicidade” e isso é usado pelo abusador para obter seu sigilo (Monteiro Filho, Phebo, Abreu, 2002).

Sentindo-se confusas quanto ao que seria proibido falar, ou não, e sobre quem seria o culpado, algumas crianças optavam por calarem-se perante uma situação de abuso vivido no passado.

Tal fato reprimia a criança de expressar sua história e falar sobre sexualidade, acirrando-se, desse modo, a incapacidade de se defender.

Não falar com a criança sobre a sexualidade e os perigos da violência sexual faz com que ela fique desprotegida e, principalmente, permitiria que outros adultos controlem esse conhecimento (Sanderson, 2005).

Os meninos apresentaram outro motivo para não contarem, caso sofressem alguma violência sexual, eles temiam serem julgados de

homossexuais.

Considerando que para as crianças, o agressor sexual seria um homem, os meninos que viessem a sofrer alguma forma de violência por um homem, não revelaria o ato, pois seria inaceitável admitir ter qualquer contato de cunho sexual com outro homem. Pois, mesmo não consentindo o ato, sua virilidade seria posta em dúvida, e ainda, temiam tornarem-se motivo de sátiras pelos pares e de repreensão por parte dos responsáveis. Falar sobre uma violência sofrida significava tocar em uma ferida narcísica. Significaria colocar sua masculinidade em questionamento.

*Não ia contar, não, ia fica na minha! Se fosse a minha irmã, eles ia descobrir logo, tia. Porque, quando acontece alguma coisa, ela só chora. Ela conta tudo o que acontece pra minha mãe. Menina sempre conta tudo. Ah, menino não gosta de fazer fofocas.*

*Se alguém mexesse comigo eu sairia correndo, eu fugiria... Não conto pra ninguém por causa que a gente não é gay, se contasse iam mexer mais com nós, a mãe vai ficar tirando e bater na gente.*

*Eu não ia contar, não. O abuso sexual, depende da pessoa, porque tem a escolha de deixar acontecer ou não. Se mexer comigo, meto um soco na cabeça.*

A criança preferiria viver as angústias de uma violência sexual a ter que se submeter à desqualificação de seu gênero sexual. Assim, as crianças crescem e ingressam na adolescência sem orientações seguras e honestas, das quais têm o direito de saber. Sem saber a quem e como recorrer, mesmo que de forma fantasiosa, elas procuravam estabelecer-se por conta própria.

Existem barreiras aos meninos para relatarem a violência sexual praticada contra eles. Além do tabu em relação à homossexualidade, há a dificuldade dos indivíduos do sexo masculino admitirem que, por vezes, são incapazes de se protegerem. Eles têm em mente que é esperado que os homens sejam auto-suficientes e autoconfiantes, portanto não devem dizer aos outros que estão magoados (Monteiro Filho, Phebo, Abreu, 2002).

## **A PERSPECTIVA PERANTE EVENTOS NEGATIVOS VIVENCIADOS**

Muitos incidentes violentos assolavam a vidas das crianças. Elas,



desde cedo, foram vítimas diretas ou indiretamente de eventos adversos. As crianças que já foram vítimas de violência sexual ou participaram de experiências de outras pessoas próximas, tinham como seqüelas traumas, medos e/ou inseguranças.

*Eu não saio mais sozinha. Sempre saio com alguém.*

*Não vou mais no banheiro sozinha. Tenho medo de ir no banheiro de noite. Fico segurando pra não ir.*

*Eu tenho medo de ser estuprada por isso nunca fico sozinha. Se acontecesse comigo, eu nunca mais ia sair de casa.*

*Eu não gosto quando os homens mexem comigo. Vai que eles tentam abusar depois. Quando tem muito homem num lado da rua eu atravesso e vou pelo outro lado.*

As crianças, na tentativa de se protegerem, passavam a assumir mecanismos de defesa que nem sempre eram saudáveis. Elas mudavam suas rotinas e seus hábitos que interferiam em sua qualidade de vida.

Algumas crianças esquivavam-se de todos os eventos abusivos que potencialmente poderiam ser reincidentes. Uma das crianças estava revoltada com a situação em que vivia. Seus pais eram ausentes por causa da necessidade de trabalho, e a deixava sob os cuidados de uma mulher que ela não gostava. Desta forma, tinha como perspectiva de vida não casar e não ter filhos, pois não aceitava a idéia de ter que submeter sua vida às mesmas condições das de seus pais.

*Eu não quero casar nem ter filhos, porque quando meu pai e minha mãe vão trabalhar, minha mãe deixa uma amiga dela cuidar de mim. Ela é chata, não deixa fazer nada. Ela só grita comigo.*

Esquivar-se do casamento era comum entre as crianças que habitualmente presenciavam brigas entre os pais, ocasionadas por relações extraconjugais. Eram agressões físicas e verbais, culminando geralmente em separação do casal, levando as crianças a se sentirem desamparadas. As meninas, principalmente, identificavam-se com o sofrimento de suas mães, e sofriam juntamente com elas.

*A minha mãe tava traindo meu pai, aí meu pai começou a encrencar com ela, aí eles começaram a gritar bem alto. Aí meu pai ficou nervoso e chutou a porta, ele quebrou a porta. Eu e meu irmãozinho ficamos chorando lá em casa. Chamaram a polícia. Minha mãe saiu de casa. Vou ir morar com minha vó. É igual no Big*

*Brother, eles traem. Tem gente quem tem namorada fora do Big Brother, mas eles traem. Eles brigam bastante também, gritam...Eu não quero me casar porque o pai ou a mãe trai e vai embora. Fica brigando. Até no Big Brother, os namorados brigam e traem.*

*Tenho medo que um homem faça uma dessas coisas comigo (a criança se referia ao fato dos homens traírem, beber, ausentar-se, não auxiliar nas tarefas domésticas e causar preocupações à mulher) porque você pede pra fazer isso aí ele não faz, até jogar o lixo lá fora ele não faz. Eles chegam e já querem comida na mão e depois de comer, ele sai e vai ver TV.*

A família é o palco onde entram em cena, às vezes de forma dramática, as mais genuínas experiências de afeto, prazer, dor, medo e outras emoções que favorecem os mais inesquecíveis dos aprendizados (Wagner, Falcke, Meza, 1997).

O casamento para a maioria das crianças era representado pelo que viam acontecer com seus pais. Para se protegerem, passaram a rejeitar a idéia de casamento. E, por medo de ferirem sentimentos, optavam por não criar vínculos de afetividade e confiança.

*Eu não quero casar, porque se casar os maridos vão trair, aí vão brigar com a gente e vão embora e deixar sozinha. Podem bater. Só vou namorar, só beijar, mas aí acaba rápido.*

As histórias de vida das crianças abusadas demonstram que a convivência com o agressor é uma ameaça constante a novas reincidências abusos. Esse medo eminente é capaz de fragilizar, deteriorar e desorganizar o corpo, a identidade social e o quadro de valores da criança (Amaro, 2003).

Algumas das crianças entrevistadas não se preocupavam em fugir da possibilidade de reviverem na vida adulta as violências experimentadas e assistidas no passado. Elas as aceitavam como uma realidade mais poderosa que a sua própria vontade. Seu futuro era traçado por uma conformidade inevitável.

*Se o homem tem outra, ele tem que pegar as coisas dele e ir embora, mas xavericar muito, muito. Aí, depois ele vai paquerar outra mulher e vai mudando.*

*Pra fazer filhos, os dois tá transando na cama, aí dão beijos, abraços, ficam assim (faz gestos de passar a mão no corpo e gestos de atos sexuais). Aí, lá pro outro mês, a mulher fala "ai amor" (com tom suspiroso de voz e acariciando o ventre com as duas mãos, demonstrando gravidez) e fica olhando. Aí o homem:*

*Que!?* (em tom de voz agressiva e com expressão facial de desgosto). *Aí ele fala que tem que tirar, ele fala que vai embora. Aí ela corre atrás dele: “vem, vem, vem” (com voz chorosa). Aí ela tá ferrada! Aí ele vai e arranja uma outra mulher. Mas assim que ele trai ela, ela também trai ele, não, é verdade?*

*Eu vou casar e ter um filho só. Porque se eu tô com ele, a outra mulher não vai pegar o meu, não é verdade? E, se a outra mulher pegar o meu marido pra ela, se ele tiver outra mulher, ele vai ter filhos com a outra e não vai querer ter filhos comigo, porque a outra é a mulher dele. É com ela que ele tem que ter filhos.*

*É assim, se ela quer o marido dela e a outra também quer ou ela quer o marido da outra, aí elas brigam, puxam cabelo, jogam no chão, dá mó olé na outra (a criança encenava uma briga, com socos, pontapés, rolava no chão e gritava)*

Além das relações conflituosas e agressivas. As relações são vistas como superficiais e descartáveis. Não haveria vez para sentimentos, as relações teriam um caráter monetariamente interesseiro. Estar em condição de pobreza significaria estar em desvantagem.

*Se você ficar rico, vai vir um montão de pessoa, um montão, um montão de menina tudo falsa, montão de mulher só bonita, modelo, só querendo ficar com você. Agora, seja assim pobre, só por 01 dia, só vem tapada e feia. Se você falar que vai ficar pobre 01 mês, sem dinheiro, se você conhece uma mulher bonita, chique e falar “quer namorar comigo?” ela fala “sai daqui pé rapado”. A maioria das mulheres são assim. Os homens também, tem muito homem que pega mulher de 60 só pra pegar o dinheiro.*

*Pra namorar, o que eu não faria é ficar com uma menina interesseira que só quer coisas. Que nem eu. fiquei com uma menina que me pediu bombom, camisa...*

O sentimento de exclusão, de vulnerabilidade, as experiências de violência passaram a controlar a vida de cada uma das crianças entrevistadas. O destino de cada uma delas é traçado por elas mesmas de forma tão trágica quanto suas próprias realidades. Elas organizaram mecanismos de defesa e de proteção próprios, demonstrando comportamentos tensos, sempre em estado de alerta, diminuindo sua autoconfiança e aumentando seus sentimentos de menos valia.

## 7. CONCLUSÃO

A informação e educação são conceitos diferentes, mas que se complementam. Ambos podem convergir, como podem divergir, de um objetivo proposto. Educar sexualmente é mais que fornecer informes, é dar um sentido socialmente positivo em relação ao sexo, o que o torna capaz de integrar o indivíduo na sua vida social. A informação informal útil e necessária, mas ela, por si só, não realiza a educação. Em geral, a informação exacerba o interesse pelos assuntos vinculados ao sexo (Nerici, 1988). A falta de orientação e informação, aliados à conhecimentos equivocados e estereotipados, deixavam um vasto campo para que as crianças elaborassem seus próprios julgamentos e respostas ante ao que viam e ouviam a seu redor.

A falta de educação sexual e o acesso à informação difusa produziram efeitos distintos às crianças, conforme a fase de desenvolvimento delas, agrupadas em 03 faixas etárias: crianças de 06 a 08 anos, 09 a 10 anos e 11 a 12 anos.

Nos relatos das crianças de 06 a 08 anos, predominaram caracterizações sobre as diferenças corporais de homens e mulheres e sobre os papéis sexuais.

As crianças valorizavam muito o sentimento afetuoso que possa existir nos casais. Elaboraram uma visão romântica idealizada, enfatizando finais felizes em uma família tradicional, afetuosa e harmoniosa. Os sentimentos e sua forma de manifestação foram valorizados como rituais significativos ao relacionamento, tais como o amor, o beijo, o abraço e o presenteio como necessário para a demonstração de afeto. Foram idéias carregadas de imaginações fantasiosas.

Apesar de valorizarem as sensações afetuosas subjetivas, o medo da violência sexual estava vinculado à perda de integridade física. Para as crianças desta faixa etária, o medo revelava-se em torno de sua integridade física. O respeito devido à elas referia-se apenas ao direito de não sofrer violências físicas e ou agressões tais como brigar, bater, chutar e, por vezes,

violência psicológica como o xingar.

Nos relatos das crianças de 09 a 10 anos, predominaram discursos acerca da morfologia corporal, do ato sexual, das doenças, da gravidez, das responsabilidades dos papéis sexuais e da homossexualidade.

As crianças reproduziam um repertório sobre a sexualidade aprendida através de um adulto responsável por ela. Elas aprenderam sobre a sexualidade de forma superficial e lacunar, impedindo que conseguissem esclarecer dúvidas e compreender o que seria sexualidade. Quando a criança carecia de maiores explicações sobre o tema, depararam-se com a falta de informantes ou informações. As idéias foram elaboradas a partir do raciocínio lógico e muitas vezes apresentaram concepções equivocadas. Em geral, aprendiam através dos contos de experiências negativas, ameaçadoras e trágicas.

A visão romântica da faixa etária anterior eram persistente, porém tornou-se apenas uma condição que almejavam. A realidade no cotidiano intrafamiliar era violenta e uma sina a ser cumprida por elas, como uma forma de herança social.

O medo pela preservação da integridade física persistiu, mas a necessidade de respeito à sua individualidade, privacidade e auto-estima era mais evidente. O sentimento de perda mais significativo foi o sentimento de perda material.

Nos relatos das crianças de 11 a 12 anos, predominavam discursos acerca do desenvolvimento biológico, as mudanças psicossociais, dos relacionamentos amorosos e da auto-imagem. O êxito, o sucesso, a popularidade, a vergonha do diferente, o medo de fracassar, de ser rejeitado e de assumir novas responsabilidades adquiridas e impostas foram claramente perceptíveis nos discursos.

Para os meninos, foi comum o uso de agressão como forma de poder, auto defesa e auto-afirmação. Para as meninas era usual o sentimento de vergonha e constrangimento oriundos da mudança corporal e dos assédios provocados pelo sexo oposto.

As crianças entrevistadas possuíam uma idéia vaga, e por vezes errônea, sobre a sexualidade humana, principalmente acerca de seus direitos sexuais. Elas também desconheciam as formas para se obter informações seguras a respeito de sua sexualidade. Era comuns os pais não permitirem e reprimirem que elas falassem sobre o tema.

Dentre as palavras associadas à sexualidade, gravidez, sexo, casamento, camisinha e puberdade foram uma das mais proferidas pelas crianças maiores. Ao se considerar os significados atribuídos a estas palavras, identificou-se que a compreensão sobre a sexualidade é irresoluta e tem como foco de atenção o gênero, a gravidez, o sexo e o ato sexual.

Os segredos e as zonas que geram problemas em torno da sexualidade formam uma confusão de inibições, desconhecimentos e incompreensões das reações que as pessoas possam ter ao invadir um campo conflituoso como o da sexualidade. São caminhos semeados de obstáculos, dúvidas e sofrimento (Gaulejac, 2006).

Essa forma autodidata de buscar informação prejudicava a assimilação de conceitos, que elas abstraíam e atribuíam à sexualidade. Tais circunstâncias contribuía para o desenvolvimento da sexualidade de forma insegura.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças entrevistadas viviam um cotidiano intrafamiliar e social violento, com limitados conhecimentos e meios de informação inseguros a respeito da sexualidade.

Durante as entrevistas, observou-se que as crianças tinham recebido mais informações sexuais informais que uma educação sexual formal.

Para que as crianças fiquem protegidas de violências sexuais, elas necessitam conhecer a sexualidade e entendê-la, numa linguagem adequada à idade e de acordo com o desenvolvimento delas. É necessário permitir que ela tenha um entendimento saudável do mundo e possa participar dele também através de orientações e informações adequadas.

Educar sexualmente é mais do que fornecer dados informativos, é oferecer um sentido socialmente positivo e responsável a uma função inerente ao homem. A educação sexual tem uma função social que capacita o indivíduo a agir conscientemente diante de situações novas de vida, com aproveitamento da experiência anterior. Objetiva a integração, a continuidade e o progresso social. Leva o indivíduo ao pleno desenvolvimento, à sua plena função e responsabilidade social (Nerici, 1988).

O que torna mais premente a educação sexual é o longo período que leva para a criança amadurecer sua sexualidade, isto é, para alcançar a sua plenitude funcional, que se estende do nascimento à adolescência. Este longo período de latência ou de amadurecimento da função sexual torna-a suscetível a múltiplos e variados desvios e riscos, que, se descuidados, irão refletir negativamente no comportamento geral do indivíduo.

As crianças não gostavam da forma que seus pais ensinavam sobre sexualidade. Elas achavam que os pais eram mais repreensivos e não forneciam todas as informações que elas necessitavam. Desta forma, elas buscavam outros meios para aprender sobre a sexualidade. Assim, a televisão e os pares eram os meios mais procurados para se informarem.

A televisão era uma parte indiscutível do cotidiano, uma

---

necessidade, um lazer, uma companhia das crianças e que exercia um papel de ditador de verdades.

As crianças assistiam, junto com seus pais, programas inadequados à idade delas. Estes programas forneciam informações das quais as crianças não eram capazes de compreender e isto as deixavam confusas. As informações adquiridas sobre sexualidade eram partilhadas com os pares. Uns contavam aos outros o que haviam aprendido, bem como ensinavam como e onde poderiam aprender mais sobre o tema. Era incentivado que as crianças observassem seus pais mantendo relações sexuais.

As crianças tinham um referencial muito romântico, característicos de contos de fadas, mas ao deparar-se com as cenas vistas na televisão, elas se decepcionavam e passavam a vivenciar os problemas do mundo adulto, gerando-lhes insegurança.

Conforme as vivências ao redor e aos conteúdos assistido na televisão, as crianças desenhavam o seu futuro. Elas descreviam um futuro não promissor, fadado à violência e abusos das quais não teriam governabilidade. Sem escolhas mais promissoras, viviam a perspectiva de revitimização.

Fadadas a buscarem informações por conta própria, não eram capazes de construir e compreender, de forma segura, o significado de sexualidade. Para que uma criança cresça saudável, é necessário garantir-lhe condições de vida satisfatória, inclusive no que se refere a sua sexualidade. Esta era muito relacionada a questões de gênero, papéis sexuais e ao ato sexual, que, por sua vez, desdobrava nos temas de puberdade e gravidez.

Para as crianças, a sexualidade sadia limitava-se à união monogâmica, legítima e heterossexual de indivíduos adultos sexualmente maduros, com intuito reprodutivo e prazeroso. A homossexualidade não era aceita. Era considerada uma doença, de homens que passam a ter comportamentos femininos.

As crianças cresciam e ingressavam a adolescência sem orientações seguras e honestas, lesadas no direito de conhecer contextos



sexuais. Sem saber a quem e como recorrer, de forma fantasiosa, procuravam estabelecerem por conta própria.

A violência perpetrava facilmente as crianças, pois estava aliada ao desconhecimento delas sobre o que consiste o abuso sexual. Elas sabiam informar fatos ocorridos com pessoas próximas a elas ou com elas mesmas, mas não reconheciam o abuso como tal. A primeira dificuldade de lidar com a violência é justamente o seu reconhecimento.

A violência era tão presente e infiltrada na vida das crianças que acabava tornando-se uma força incontrolável, que desarticulava as perspectivas positivas sobre suas vidas. E quanto mais elas tornavam-se vítimas, mais aumentavam sua sensação de exclusão.

O destino de cada uma delas é traçado por elas mesmas de forma tão trágica quanto suas próprias realidades. Elas organizavam mecanismos de defesa e de proteção próprias, demonstrando comportamentos tensos, sempre em estado de alerta, diminuindo sua autoconfiança e aumentando seus sentimentos de menos valia.

As crianças entrevistadas viviam em um cotidiano intrafamiliar e social violento. Se elas próprias não tinham vivenciado experiências que consideravam sexualmente violentas, sabiam ao menos informar pessoas próximas que já haviam vivenciado. Ou então, elas mesmas já haviam sido abusadas, mas não eram conscientes de se tratar de ato ilícito. Viveram fatos que, no momento, geraram-lhes constrangimentos e, por isso, passaram a mudar sua rotina diária.

A sexualidade está inter-relacionada a todas outras necessidades humanas como segurança, amor, liberdade, comunicação, gregária, aceitação, auto-realização, auto-estima, atenção, entre outras demandas, logo, um desequilíbrio da sexualidade é evidenciado através de uma complexa gama de manifestações (Garcia, 1993).

Para que uma criança cresça saudável é necessário garantir-lhe condições de vida satisfatória, inclusive no que se refere a sua sexualidade. O efeito de uma experiência negativa na infância pode acarretar em seqüelas na vida adulta (Andrade, 2004).

---

A busca por informar-se de forma autodidata prejudicava os conceitos que as crianças abstraíam sobre sexualidade. Tal contexto contribuiria para o desenvolvimento da sexualidade de forma insegura.

O casamento era visto como o seguimento do namoro, mas que exige maior responsabilidade e compromisso. As crianças investiam sonhos no casamento, mas a experiência vivida não permitiria que estes sonhos se tornassem realidade. Para elas, haveria apenas uma árdua realidade a ser vivida por causa de sua condição de vulnerabilidade.

As experiências pessoais construídas na família, na escola, no bairro e em todo convívio social, contribuem para a formação do adulto, tornando-o capaz de tomar decisões, relacionar-se, trabalhar, escolher o cônjuge, etc. Para que as crianças fiquem protegidas de violências sexuais elas necessitam conhecer a sexualidade e entendê-la numa linguagem adequada à idade, de acordo com o desenvolvimento delas. É necessário permitir que tenham um entendimento otimista do mundo para participar dele também através de orientações e informações adequadas.

Os adultos precisam evitar de projetarem seus próprios medos, ansiedade e inibições na sexualidade das crianças, para que elas possam adquirir conhecimento sem censura. Assim, conquistarão autoconfiança, estarão mais protegidas dos aliciamentos sexuais.

A primeira dificuldade de lidar com a violência é o seu reconhecimento. O mesmo ocorre no âmbito social.

Os grupos sociais só esboçam uma reação frente a um problema quando o identificam e conhecem sua magnitude, sua dinâmica, no caso em questão, quando indicam o perfil das vítimas e dos agressores, e o que cada instituição e segmento da sociedade podem fazer. A sensibilização e o reconhecimento da violência em suas mais distintas formas é o passo primordial para sua prevenção.

Em relação às crianças entrevistadas, observou-se que a compreensão sobre violência sexual variava conforme o meio de informação que elas tinham acesso.

Os conteúdos assistidos pelas crianças influenciavam o desenvolvimento da sexualidade delas de forma positiva ou negativa. Se os programas fossem dotados de conteúdos educacionais, preocupados com questões pedagógicas às crianças, a influência era positiva. Se os programas visassem apenas a audiência, sem qualquer responsabilidade social, a influência era negativa.

A televisão é parte indiscutível do cotidiano, é necessidade, é presença, é lazer e companhia. Quando uma criança se projeta em um personagem ou uma situação familiar a que já viveu alguma vez, ela se identifica e se projeta na cena, o que lhe por desencadeia vários sentimentos, agradáveis e desagradáveis.

As crianças entrevistadas tinham recebido mais informações sexuais que educação sexual. A falta de orientação e educação, aliados à informação equivocada e estereotipados, deixavam um vasto campo para que as crianças elaborassem seus próprios julgamentos e respostas ao que viam e ouviam ao seu redor.

Informação e educação são conceitos diferentes, mas que se complementam. Ambos podem convergir como podem divergir de um objetivo proposto. Educar sexualmente é mais que fornecer informes, é dar um sentido socialmente positivo em relação ao sexo, vindo a integrar o indivíduo na sua vida social. A informação sexual é útil e necessária, mas ela, por si só, não realiza a educação. Em geral a informação exacerba o interesse pelos assuntos vinculados ao sexo (Nerici, 1988).

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aded NLO, Dalcin BLGS, Moraes TM, Cavalcanti MT. Abuso sexual em crianças e adolescentes: revisão de 100 anos de literatura. Rev Psiq Clin. 2006; 33(4): 204-13.

Agência Estado. Em SP 52% dos abusos de menores ocorrem em casa. Último Segundo, São Paulo [periódico na internet]. 2008 mar 22 [citado 2008 jul 31]. Disponível em: [http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/03/22/em\\_sp\\_52\\_dos\\_abusos\\_de\\_menores\\_ocorrem\\_em\\_casa\\_1239119.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2008/03/22/em_sp_52_dos_abusos_de_menores_ocorrem_em_casa_1239119.html)

Albertini P. Reich: histórias das idéias e formulações para a educação. São Paulo: Agora; 1994.

Amaro STA. Crianças vítimas de violências: caos, complexidade e resistência. Boletim da Saúde 2003; 17(1): 72-83.

Andrade ER. Fatores protetores e fatores de risco. In: Fleitlich-Bilyk B, Andrade ER, Scivoletto S, Pinzon VD. A saúde mental do jovem brasileiro. São Paulo: Edições Inteligentes; 2004. p.105-128

Arendit H. Responsabilidade e Julgamento. Trad de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

Ariès P. História Social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 2006.

Baltieri DA. Consumo de álcool e outras drogas e impulsividade sexual entre agressores sexuais [tese]. São Paulo: Faculdade de medicina, Universidade de São Paulo, 2005.

Barbosa AC, Galvani PO. Homossexualidade em crianças: será que isso existe? In: Sexualidade começa na infância. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.p. 81-93.

Bardin L. Análise de Conteúdo. 4ªed. Lisboa: Edições 70; 2008.

Bettelheim B. A psicanálise dos contos de fadas. 21ªed. São Paulo: Paz e Terra; 2007.

Bouhet B, Pérard D, Zorman M. A extensão do problema: da importância dos abusos sexuais na França. In: Gabel M. Crianças vítimas de abuso sexual. 2ª ed. São Paulo: Summus; 1997. p.29-42.

Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras

de pesquisa em seres humanos (Resolução 196/96). Diário Oficial da União. 16/10/96: 21082-21085.

Brasil. Constituição Federal de 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. 42 ed. São Paulo: Saraiva; 2009.

Brasil. Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispões sobre direitos da criança e do adolescente. Coleção de Publicações do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo. São Paulo: IMESP; 1993.

Brasil. Ministério da Justiça. Secretaria nacional de Justiça. Departamento de Justiça, Classificação, títulos e qualificação. Manual da nova classificação indicativa. Brasília; 2006.

Brasil. Ministério Nacional da Justiça. Procedimento administrativo nº. 08017.005058/2008-38. Dispõe sobre o processo administrativo sobre classificação e reclassificação para averiguar possível inadequação na veiculação do programa Big Brother Brasil VIII. Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação, Brasília. 25 fev. 2008. Disponível em: <http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJ6C4030FEITEMID497C18874ADD4B249BDCF8B8D47E8FB3PTBRIE.htm>

Carlat DJ. Entrevista Psiquiátrica. 2ªed. Porto Alegre: Artmed; 2007.

Castro MG, Abromovay M, Silva LB. Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO (BR); 2004.

Centro Comunitário da Criança e do Adolescente. Centro Comunitário da Criança e do Adolescente [folder]. São Paulo; [s.d.].

Chiland C. O sexo conduz o mundo. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; 2005.

Código Civil e Constituição Federal. 60º ed. São Paulo (SP): Saraiva; 2009.

Cohn C. Antropologia da criança. São Paulo: Jorge Zahar Editor; 2005.

Cole M, Cole SR. O desenvolvimento da criança e do adolescente. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Collins RL, Elliot MN, Berry SH, Kanouse DE, Kunkel D, Hunter SB et al. Watching sex on television predicts adolescent initiation of sexual behavior. Pediatrics. 2008; 114(3): e280-e289.

Conceição A, Nogueira S. Brincadeiras e jogos tradicionais de outros

tempos. Revista Virtual de Humanidades [periódico na internet]. 2004 jul/set. [citado 2008 Jul 31]; 11(5): 1- 32. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed11/082.pdf>

Constantine LL, Martinson FM. Sexualidade infantil: terra incógnita. São Paulo: Rocca; 1984. Sexualidade Infantil: novos conceitos novas perspectivas; p.3-17.

Costa M. Quando o sexo é mais rápido que o prazer. São Paulo: Prestígio, 2005.

Crivillé A. Nem muito, nem pouco: exatamente o necessário. In: Gabel M. Crianças vítimas de abuso sexual. 2ª ed. São Paulo: Summus; 1997. p.132-143.

Daniel M, Baudry A. O fato homossexual e suas interpretações. In: Os homossexuais. Rio de Janeiro, Artenova, 1977. p.13-43.

Del Priore M, organizadora. História das crianças no Brasil. São Paulo: Contexto; 2004.

Diclemente RJ, Zorn J, Temoshok L. Adolescents and AIDS: a survey of knowledge, attitudes and beliefs about AIDS in San Francisco. Amer. J. publ. Hlth. 1986; 76 (12): 1143-5.

Drezett J. Aspectos biopsicossociais da violência sexual. In: Reunión Internacional Violencia: Ética, Justicia y Salud para la Mujer. Monterrey: Sociedad de Ginecología y Obstetricia de Monterrey; 2000. p. 164-82

Façanha MC, Menezes BLF, Fontenele ADB, Melo MA, Pinheiro AS, Carvalho CS, et al. Conhecimentos sobre reprodução e sexo seguro de adolescentes de uma escola de ensino médio e fundamental de fortaleza-ceará. J bras doenças sex transm. 2004; 16(2): 5-19.

Fein, R. (1978). Research on fathering: social policy and emergent perspective. Journal of Social Issues, 34(1), 122-135.

Feres-Carneiro, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. Psicol. Reflex. Crit. 1998; 11(2): 379-394.

Fletlich-Bilyk B. A saúde mental na adolescência. In: Fletlich-Bilyk B, Andrade ER, Scivoletto S, Pinzon VD. A saúde mental do jovem brasileiro. São Paulo: Edições Inteligentes; 2004. p.41-68.

Foucault M. A história da sexualidade I: a vontade do saber. 15ª ed. Rio de

Janeiro: Graal, 2007.

Foucault M. Ética, sexualidade, política. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

Freitas WMF, Coelho EAC, Silva ATMC. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. Cad saúde publica. 2007; 23(1):137-145.

Gabel M. Crianças vítimas de abuso sexual. 2ª ed. São Paulo: Summus; 1997.

Gadpaille WJ. Atrasos do desenvolvimento psicosssexual normal. In: Constantine LL, Martinson FM. Sexualidade Infantil: novos conceitos novas perspectivas. São Paulo: Rocca, 1984. p.85-96

Garcia L. Era uma vez, o uso da história oral nos estudos de gênero. Revista Virtual de Humanidades [periódico na internet]. 2004 jul/set [citado 2008 Jul 31]; 11(5): 1-16. Disponível em: <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/ed11/092.pdf>

Garcia TR. Sexualidade humana:conhecimento necessário à formação do enfermeiro. Acta Paul Enf. 1993; 6(1): 39-42.

Gaulejac V. As origens da vergonha. Trad de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Via Lettera, 2006.

Gikovate F. Homem: o sexo frágil. 10ª ed. São Paulo: MG editores; 2000.

Graubart S. A ética dos encontros descartáveis. Rev mente&cérebro. 2007; mar.170:18-9.

Gundersen BH, Melas OS, Skar JE. Comportamento sexual da criança pré-escolar: observação de professores. In: Constantine LL, Martinson FM. Sexualidade Infantil: novos conceitos novas perspectivas. São Paulo: Roca; 1984. p.40-55

Habigzang LF, Koller SH, Azevedo GA, Machado PX. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. Psic teoria pesq. 2005; 21(3): 341-48.

Hirigoyen MF. Assédio mora: a violência perversa no cotidiano. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.

Hockenberry MJ, Wilson D, Winkelstein ML. Wong Fundamentos de enfermagem pediátrica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2006.

Ippolito R. Guia escolar: método para identificação de sinais de abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes. Brasília: Presidência da República, Secretaria especial dos direitos humanos; 2003.

Jesus JSO. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. *Psicologia*. 2005; 6(1): 67-73.

Krug EG, Mercy JA, Dahlberg LL, Zwi AB. The world report on violence and health. *The Lancet*. 2002; 360 (9339): 1083:88.

Lacerda M, Pereira C, Camino L. Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia Reflex crit*. 2002; 15(1): 165-178.

Langberg D. No limiar da esperança: abrindo as portas para a cura de vítimas de abuso sexual. Paraná: Esperança, 2002.

Langfeldt T. Masturbação na infância: organização individual e social. In: Constantine LL, Martinson F. *Sexualidade infantil: novos conceitos novas perspectivas*. São Paulo: Rocca; 1984.p. 56-64.

Lopes LC. A parole do amor e do sexo nas mídias: o caso da TV aberta brasileira. *Rev Latina de Comunicación Social*. 2006; 61, p.1-13, dez. Disponível em : <http://ull.es/publicaciones/latina/200620LopesC.htm>

Louro GL. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 3ªed. Petrópolis: Vozes; 1999.

Maia C, Guilhem D, Freitas D. Vulnerability to HIV/ AIDS in married heterossexual people or people in a common-law marriage. *Rev Saúde Publica*. 2008; 42(2): 1-6.

Marcelli D, Braconnier A. *Adolescência e psicopatologia*. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2007. A sexualidade e seus transtornos; p. 133-53.

Martinson FM. Sexualidade na pré-adolescência: latente ou manifesta?. In: Constantine LL, Martinson F. *Sexualidade infantil: novos conceitos novas perspectivas*. São Paulo: Rocca; 1984.p.75-84.

Millan MPB. Reality shows: uma abordagem psicossocial. *Psicol. cienc. prof*. 2006, 26(2): 190-97.

Minayo MCS. Laços perigosos entre machismo e Violência. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2005; 10(11): 18-34.



Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10ª ed. São Paulo: Hucitec; 2007.

Monteiro Filho, Phebo LB, Abreu VI. Abuso sexual: mitos e realidade. 3ªed. Rio de Janeiro: Autores&Agentes&associados; 2002. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-116.pdf> Acesso em 30 jul.2008.

Morin E. O enigma do homem, para uma nova antropologia. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1979.

Muller E. Juventude e algumas questões e relações de gênero. Rev Virtual de Humanidades [periódico na internet]. 2004 jul/set. [citado 2008 Jul 31]; 11(5): 1- 29. Disponível em:

Nerici IG. Seus filhos, o sexo e você: normas de educação sexual à juventude: São Paulo: IBRASA, 1988.

Organização Mundial de Saúde. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados a saúde: Classificação Internacional de Doenças. 10a ed. Revista. São Paulo: Edusp, 1995.

Organizações das Nações Unidas. Report of the independent expert for the United Nations study on violence against children. Geneva: 2006.

Pereira Jr. Especialistas desaconselham "Big Brother" para crianças. Folha de S. Paulo [periódico na Internet]. 2008 jan 08 [citado 2008 jul 31] disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u361336.shtml>

Pirotta KCM. Não há guarda chuva contra o amor: estudo do comportamento reprodutivo e de seu universo simbólico entre jovens universitários da USP. [tese] Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. 2002

Ribeiro JSB. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. Cadernos Pagu. 2006; (26): 154-68

Ribeiro MO, Sigaud CHS. Relacionamento e comunicação com a criança e sua família. In: Sigaud CHS, Rossato LM, Rezende MA et all. Enfermagem Pediátrica: o cuidado de Enfermagem à criança e ao adolescente. São Paulo: Editora pedagógica e universitária Ltda, 1996.

Ribeiro MO. A ideologia reproduzida na abordagem da sexualidade: uma análise do discurso de estudantes de enfermagem [dissertação] São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da USP; 1989.

Rieth F. Ficar e namorar. In: Bruschini C, Hollanda HB (organizadores). Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: Editora 34; 1998. p. 11-133.

Rossini RE, Saidel RG, Calió SA, Jesus IL. USP lança guia prático sobre ensino e educação com igualdade de gênero. Comunicação&Educação. 1997;(8): 117-22.

Sanderson C. Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais. São Paulo: M.Books; 2005.

Scardua A, Souza Filho EA. O debate sobre a homossexualidade mediado por representações sociais: perspectivas homossexuais e heterossexuais. Psic Reflex Crit. 2006; 19(3): 482-90.

Scivoletto S. A adolescência. In: Fleitlich-Bilyk B, Andrade ER, Scivoletto S, Pinzon VD. A saúde mental do jovem brasileiro. São Paulo: Edições Inteligentes, 2004.p.23-39.

Shaver P, Hazan C, Bradshaw D. Love as attachment: the integration of three behavioral systems In: Sternberg RJ; Barnes ML (orgs). The psychology of love. Birghamton: Yale University Press; 1988.p. 68-99.

Silva AA, Mayor AS, Almeida T, Rodrigues AG, Oliveira LM, Martinez M. Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. Interação em Psicologia. 2005; 9(2): 295-309.

Silva MCP. A sexualidade começa na infância. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.

Stuart GW, Laraia MT. Enfermagem psiquiátrica: princípios e práticas. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2001.

Summit R, Kryso J. Abuso sexual de crianças:um espectro clínico. In: Constantine LL, Martinson FM. Sexualidade Infantil: novos conceitos novas perspectivas. São Paulo: Rocca, 1984. p.99-113.

Tavares CA. Orientação sexual para crianças e adolescentes: propostas para a formação de enfermeiros como educadores sexuais. Rev. Paul. Enferm. 4(3): 121-3; 1985.

Torrão Filho A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. Cadernos Pagu. 2005; (24): 127-52.

---

Ventura M. Direitos Reprodutivos no Brasil. São Paulo: Fundação MacArthur; 2002.

Wagner A, Falcke D, Meza EBD. Crenças e valores dos adolescentes acerca de famílias, casamento, separação e projetos de vida. *Psicol Reflex Crit.* 1997; 10(1): 155-67.

World Childhood Foundation (WCF). Navegar com segurança: protegendo seus filhos da pedofilia e da pornografia infanto-juvenil na internet. São Paulo (SP); 2006.

World Health Organization. World reports on violence and health. Report. Geneva; 2002.

World Health Organization. Defining Sexual health: Report of technical consultation on sexual health. Geneva: 2006.

## ANEXO I

### Solicitação de autorização à instituição

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2007.

Prezado Senhor,

Sou aluna da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, e neste momento estou desenvolvendo um projeto de pesquisa que compreenderá a Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação. Para dar continuidade ao estudo, preciso entrevistar crianças em situação de risco com idade entre sete e doze anos. Por esta razão, venho a V.Sa., solicitar autorização para a realização da pesquisa intitulada: “O desenvolvimento da sexualidade da criança em situação de risco” em anexo. Esta pesquisa será supervisionada pela Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Moneda Oliveira Ribeiro, docente da referida Escola.

O estudo tem por objetivo retratar e analisar as experiências da criança em situação de risco pessoal e social em relação ao desenvolvimento de sua sexualidade: concepções, fontes de informações e sentimentos gerados.

Pretendo, deste modo, permitir que a criança em situação de situação de risco pessoal e social tenha a oportunidade de expressar suas compreensões para subsidiar profissionais de saúde na elaboração de abordagens terapêuticas que atendam as necessidades das crianças em situação de risco.

Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para atender os objetivos propostos deste estudo. O projeto anexo foi submetido ao Comitê de Ética da Instituição acima referida para garantir o respeito aos princípios éticos da pesquisa científica com seres humanos.

Esperando contar com sua colaboração, desde já agradeço sua atenção e me coloco à disposição para quaisquer esclarecimento.

---

Karen Murakami Yano

Ilmo Sr.  
Diretor do CCCA

## ANEXO II

### Rapport ao responsável legal

Olá (nome do responsável)

Meu nome é Karen Murakami Yano. Sou Enfermeira.

No momento, estou estudando na Escola de Enfermagem da USP para me formar como Professora de Enfermagem. Por isso, estou aqui para fazer um trabalho da Escola.

Este trabalho é uma pesquisa que procura saber mais sobre como acontece o desenvolvimento da sexualidade da criança que vive em risco, devido à situação de pobreza. O estudo ajudará a mim e a outros profissionais da área de saúde a planejar um atendimento mais adequado às necessidades das crianças.

Eu gostaria de conversar com as crianças sobre o que elas pensam a respeito de assuntos variados relacionados à sexualidade: sexo, namoro, opiniões, atitudes, educação sexual, saúde, intimidade, respeito, corpo humano, desejos, prazer, virgindade, gravidez, ser menino, menina, homem, mulher e outros temas de interesse dela.

A entrevista será gravada, mas o nome da criança não aparecerá. Ninguém vai saber o que ela disser. Só eu saberei que foi ela quem disse.

Esta entrevista será realizada no consultório de enfermagem do Centro Comunitário da Criança e do Adolescente, onde a criança está matriculada.

Garanto que não haverá qualquer prejuízo para você ou à criança caso não autorize a participação ou desista de participar a qualquer momento da realização da pesquisa.

Se você tiver alguma dúvida, poderá perguntar o que quiser a qualquer momento. Fornecerei a você todas as informações de que precisar sobre a pesquisa, antes, durante e após sua realização.

Se estiver de acordo, solicito sua assinatura de autorização no “Termo de Consentimento”, caso concorde com o que está escrito nele.

## ANEXO III

### Rapport à criança

Oi (nome da criança)!

Meu nome é Karen. Sou enfermeira.

Venho aqui, neste Centro Comunitário, para fazer entrevistas com as crianças.

Estou aqui fazendo um trabalho da minha escola. O trabalho é para conhecer o que as crianças entendem sobre sexualidade.

Eu gostaria de conversar com você para saber o que você pensa sobre esse assunto.

A entrevista será gravada, mas o seu nome não aparecerá. Ninguém vai saber o que você disse. Só eu saberei que foi você quem disse.

Se você tiver alguma dúvida, poderá perguntar o que quiser a qualquer momento.

Se você não quiser conversar, não tem problema, compreenderei e aceitarei sua recusa.

Você poderá escutar nossa conversa após a entrevista. Só você. Não deixarei ninguém escutá-la.

Você quer fazer a entrevista comigo?

Antes de começarmos, vamos ler juntos o que está escrito neste papel. É um “Termo de Consentimento” que, depois que terminarmos de ler, você precisará assiná-lo caso concorde com o que está escrito nele.

## ANEXO IV

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_ anos de idade, declaro que concordo em participar da entrevista realizada pela Karen Murakami Yano.

Sei que esta pesquisa está sendo realizada para conhecer mais sobre o desenvolvimento da sexualidade das crianças que vivem em risco, sem segurança total.

Falarei na entrevista, em segredo à Karen, o que entendo sobre sexualidade na vida das crianças (sexo, namoro, opiniões, atitudes, educação sexual, saúde, intimidade, respeito, corpo humano, desejos, prazer, virgindade, gravidez, ser menino, menina, homem, mulher e outras coisas).

Estou sabendo que ninguém, além da Karen, saberá meu nome e o que eu contei na entrevista, que será gravada. Ninguém está me obrigando a isso e, se eu quiser, posso deixar de falar a qualquer momento. Se eu tiver alguma dúvida sobre o assunto, poderei perguntar a ela.

Sei também que não haverá prejuízo para mim caso não concorde em participar ou queira interromper minha participação a qualquer momento da pesquisa.

O que eu disser será transformado em um trabalho a ser apresentado em aulas e revistas, para ajudar enfermeiras e outros profissionais de saúde a aprenderem mais sobre como é o desenvolvimento da sexualidade das crianças.

Este Termo será assinado em duas cópias, uma ficará com comigo e a outra com a Karen.

São Paulo, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da criança

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

**Comitê de Ética e Pesquisa**  
Escola de Enfermagem da USP  
Avenida Dr. Enéas Carvalho Aguiar, 419  
Cerqueira César – CEP: 05403-000  
Fone: (11) 3066-7548

**Karen Murakami Yano**  
Fone: (11) 9895-2102

## ANEXO V

### Instrumento de Coleta de Dados

Nome fictício		Idade		Sexo	
<b>Nome fictício</b>		<b>Idade</b>		<b>Sexo</b>	

### Questões semi-estruturadas

Falar sobre sexualidade é muito complicado, porque é um tema ligado a muito outros assuntos. Para ficar mais fácil de conversar sobre sexualidade, que tal começarmos assim:

- Falem para mim o máximo de palavras que vocês acham que “tem a ver” com tema da sexualidade.

E agora, vamos fazer o seguinte:

- Comente o que vocês pensam sobre cada uma dessas palavras que vocês falaram.

### Narrativa Autogênica

Sentados na calçada, três crianças (duas meninas e um menino ou dois meninos e uma menina) conversavam:

#### **Primeira narrativa:**

- Poxa, não entendo, porque meus amigos podem sair pra namorar e eu não posso, meus pais falam pra mim que...

#### **Segunda narrativa:**

- É mais vantajoso ser menino...

- Não! Tem mais vantagem quem é menina...

- Ah! Não sei ao certo... Acho que é melhor ser homem... ou é melhor ser mulher?



**ANEXO VI****UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000

Fone: 3061-7548 - Fax: 3061-7548

C.P. 41633 - CEP 05422-970 - e-mail: [edipesq@usp.br](mailto:edipesq@usp.br)

São Paulo, 22 de fevereiro de 2008.

Il.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup>  
Karen Murakami Yano

Ref.: Processo nº 699/2007/CEP-EEUSP

Prezada Senhora:

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto “**Desenvolvimento da sexualidade da criança em situação de risco**”, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analizado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

*Maria Fatima Fernandes*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Prado Fernandes  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da  
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

## ANEXO VII

São Paulo, 05 de Março de 2008

Prezado Senhor,

Sou aluna da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, e neste momento estou desenvolvendo um projeto de pesquisa que compreenderá a Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação. Para dar continuidade ao estudo, preciso entrevistar crianças em situação risco com idade entre sete e doze anos. Por esta razão, venho a V.Sa, solicitar autorização para a realização da pesquisa intitulada: "O desenvolvimento da sexualidade da criança em situação de risco" em anexo. Esta pesquisa será supervisionada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Moneda Oliveira Ribeiro, docente da referida Escola.

O estudo tem por objetivo retratar e analisar as experiências da criança em situação de risco pessoal e social em relação ao desenvolvimento de sua sexualidade: concepções, fontes de informações e sentimentos gerados.

Pretendo, deste modo, permitir que a criança em situação de situação de risco pessoal e social tenha a oportunidade de expressar suas compreensões para subsidiar profissionais de saúde na elaboração de abordagens terapêuticas que atendam as necessidades das crianças em situação de risco.

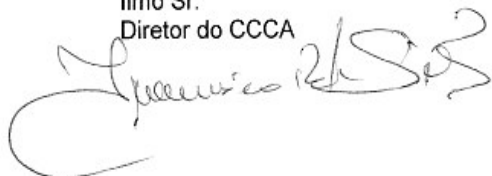
Os dados coletados serão utilizados única e exclusivamente para atender os objetivos propostos deste estudo. O projeto anexo foi submetido ao Comitê de Ética da Instituição acima referida para garantir o respeito aos princípios éticos da pesquisa científica com seres humanos.

Esperando contar com sua colaboração, desde já agradeço sua atenção e me coloco à disposição para quaisquer esclarecimento.



Karen Murakami Yano

Ilmo Sr.  
Diretor do CCCA



*Who's gonna fight for innocence  
When we're always denying the proof?  
Who's gonna fight for justice when we wash our hands of truth?*

---

*(Letra de "Innocence". Composição de D. Blando/  
K. Hain / L. Dvoskin / E. T. Thorngren)*